UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUÇÃO EM ANTROPOLOGIA
MESTRADO

ANA DANIELLA FECHINE LEITE

***FUTEBOL DE MULHERES*: UM ESTUDO FEMINISTA NOS CAMPOS E NAS ARQUIBANCADAS DE JOÃO PESSOA/PB**

João Pessoa/PB
Agosto/2020

ANA DANIELLA FECHINE LEITE

***FUTEBOL DE MULHERES*: UM ESTUDO FEMINISTA NOS CAMPOS E NAS ARQUIBANCADAS DE JOÃO PESSOA/PB**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para fins de exame de qualificação de pesquisa de mestrado na linha de Etnografias e Sociabilidades Urbanas.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira

João Pessoa/PB

Agosto/2020

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L533f Leite, Ana Daniella Fechine.
Futebol de mulheres : um estudo feminista nos campos e
nas arquibancadas de João Pessoa/PB / Ana Daniella Fechine Leite. - João Pessoa, 2021.
107 f. : il.

Orientação: Luciana Maria Ribeiro de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Futebol de mulheres. 2. Botafogo-PB. 3. Torcida organizada. 4. Feminismo. I. Oliveira, Luciana Maria Ribeiro de. II. Título.

UFPB/BC CDU 796.332-055.2(043)

Elaborado por Gracilene Barbosa Figueiredo - CRB-15/794

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAE)
Centro de Ciências Humanas Letras E Artes (CCHLA)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

ANA DANIELLA FECHINE LEITE

Futebol de mulheres: um estudo feminista nos campos e nas arquibancadas de João Pessoa/PB

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

Resultado: APROVADA

Em: 26 de agosto de 2021.

Banca examinadora

Profa. Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira
(Orientadora)
PPGA/UFPB

Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella
(Coorientador)
PPGA/UFPB

Profa. Dra. Márcia Reis Longhi
(Examinadora Interna)
PPGA/UFPB

Profa. Dra. Leda Maria da Costa
(Examinadora Externa)
UERJ

AGRADECIMENTOS

Escrever uma dissertação em meio ao caos de uma pandemia e de um governo fascista é lutar contra sua própria mente. Costumo dizer que ninguém disserta sozinho. Além de todos que contribuem como interlocutores e bases de pesquisa, quem nos apoia no momento do aperto, quem vê a nossa luta dia a dia e quem acredita no nosso potencial tem papel fundamental nessa caminhada. Por isso, gostaria de agradecer a todas que abraçarem esse processo comigo.

Primeiro, agradeço a mainha, Ana Cláudia, que nunca saiu do meu lado. Acompanhou a minha trajetória de jornada tripla de trabalho e estudos e não largou a minha mão em nenhum momento. Gratidão a ela por ser a minha inspiração, o meu exemplo e a minha força. A minha irmã, Binha (Anna Gabriela), que trouxe seu humor para diminuir o peso de um processo tão lento e mentalmente exaustivo. A quem eu me espelho na determinação, no foco e na inteligência. A minha tia, Roberta, por ser rocha quando tudo, muitas vezes, é rio passageiro. Por sempre estar e nunca ir. Por sempre acreditar, mesmo quando parece não dar certo. Agradeço ao meu pai, Antônio Neto, e ao meu irmão, Geraldo Neto, por acreditarem no meu futuro. A minha avó, Dona Socorro, que nunca saiu do meu lado, nem quando deixou o nosso plano. A toda minha família que sempre foi inspiração de garra e de coragem.

Agradeço também a minha orientadora Luciana Ribeiro que foi paciente e gentil durante todo o processo de estudo, leitura, pesquisa e escrita. Que entendeu o meu tempo e os meus limites, mas nunca deixou de insistir no que ela sabia que daria certo. Acolheu-me como uma grande amiga e fez dessa passagem uma obrigação menos pesada, um processo mais leve. Obrigada por sempre acreditar na minha escrita, mesmo quando eu mesma me colocava para baixo. Obrigada por ser paz, luz e aprendizado.

Agradeço a toda minha turma do mestrado. Sem eles eu não seria nada do que sou agora. Cheguei no PPGA como um peixe fora d'água. Outro programa, outra área, outro mundo. Fui acolhida, ensinada e agraciada por amigos tão gentis. Em especial, agradeço a Milena que jamais soltou a minha mão.

Agradeço aos meus amigos que se orgulham dessa caminhada sobre futebol e mulheres.

Agradeço, ainda, e com muita importância, a todas as minhas interlocutoras. Sem elas, esse trabalho não seria escrito. Sem elas, não haveria narrativa. Sem elas, a história não seria narrada. Gratidão imensa.

E, por fim, agradeço a todas as mulheres que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse colocar nessas páginas um pouco do que é ser mulher nesse mundo. Obrigada!

RESUMO

Esta dissertação realiza um estudo, por uma ótica feminista e de gênero, sobre a ocupação, por parte de mulheres, em importantes espaços do futebol de João Pessoa-PB, mais especificamente no campo e na arquibancada. A pesquisa se inicia no campo, desenhada por meio de um percurso histórico sobre a presença das mulheres no *futebol de mulheres* da capital paraibana, do que se entende como os primeiros sinais de organização, até chegar na atualidade dessa modalidade. Em seguida, na arquibancada, a pesquisa analisa a presença das mulheres nos espaços de protagonismo dentro das torcidas organizadas. Para isso, são escolhidas duas torcidas organizadas do clube Botafogo-PB, sendo uma da Arquibancada Sombra do Estádio Almeidão, em João Pessoa, a Império Alvinegro 1931 - A Resistência, e uma da Arquibancada Sol – a Torcida Jovem do Botafogo-PB. A proposta é, pois, identificar se, ocupando esses espaços, as construções patriarcais e sexistas ainda permanecem. Portanto, faz-se uma discussão em volta dos conceitos de gênero, patriarcado, sexismo e feminismo, a partir de Beauvoir (1967), Louro (2001), Butler (2003), Bourdieu (2002), Foucault (1988), entre outras autoras. Utiliza-se a metodologia da observação participante, a partir do que propõe Magnani (2002), e de uma etnografia virtual (CANCLINI, 2015; MORSE, 1998), devido à necessidade de isolamento social acionada pela situação pandêmica instalada pelo novo coronavírus (Covid-19) que impossibilitou a continuidade presencial da pesquisa. Para o estudo, são construídos os perfis das diretoras das torcidas organizadas selecionadas, aproveitando entrevistas já feitas antes da pandemia e refazendo outras de modo online na intenção do aprofundamento dos dados. Os resultados finais apontam que a ocupação das mulheres em espaços marcadamente masculinos no futebol é uma realidade que veio para se fixar, mas que está em constante processo de construção, tendo em vista que se trata de uma contribuição diária para a quebra do machismo no futebol. O feminismo, nessa perspectiva, ganha força de mudança e reestruturação de um cenário que se modifica diariamente com a presença de mulheres. As histórias de mulheres que usaram desse feminismo para quebrar as barreiras que o machismo impõe no futebol refletem a necessidade de insistirmos na luta por todas nós.

Palavras-chave: Futebol de mulheres. Botafogo-PB. Torcida organizada. Feminismo.

ABSTRACT

This master's thesis carries out a study, from a feminist and gender-focused standpoint, about women taking up important spaces in the football of João Pessoa-PB, specifically the fields and in the grandstands. The research begins on the football field and is designed through a historical journey on the presence of women in the *women's football* of the capital of Paraiba, visiting what is understood as the first signs of assembling an organization, until arriving at the present day of this discipline. Then, on the grandstands, the research analyzes the presence of women in protagonism spaces within the "torcidas organizadas", which are associations of football fans in Brazil. To that end, we chose two of Botafogo-PB club's "torcidas organizadas", one from the shaded side of the grandstands of Almeidão Stadium, in João Pessoa, the "Império Alvinegro 1931 - A Resistência", and another one from the sunny side – the "Torcida Jovem do Botafogo-PB". Our purpose is therefore to identify whether, even with women taking up these spaces, patriarchal and sexist constructions still remain. Therefore, a discussion around the concepts of gender, patriarchy, sexism, and feminism is needed, founded on Beauvoir (1967), Louro (2001), Butler (2003), Bourdieu (2002), Foucault (1988), among other female authors. We used the methodology of participant observation, based on what Magnani (2002) proposes, and virtual ethnography (CANCLINI, 2015; MORSE, 1998), due to the need for social isolation triggered by the SARS-CoV-2 (Covid-19) pandemic which made it impossible to carry on with the research on-site. For the study, we built profiles of the female directors of the chosen "torcidas organizadas", based on interviews already taken before the pandemic and retaking others online in order to deepen the data. The final results point out that women taking up markedly masculine spaces in football is a reality that has come to remain, but is in a constant process of construction, considering that it is a daily contribution to end sexism in football. Feminism, in this perspective, gains the force of change and restructuring of a scenario that changes daily with the presence of women. The stories of women who have used this feminism to break down the barriers that sexism imposes in football reflect the need to insist on fighting for all of us.

Keywords: Women's football. Botafogo-PB. Torcida organizada. Feminism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Seleção Brasileira de Futebol Feminino no ano de 1998 33
Figura 2 - Jornal O Dia, em maio de 1997, no primeiro jogo feminino entre Flamengo e Fluminense 38
Figura 3 - Jornal dos Sports exibe matéria sobre o empate entre Flamengo e Fluminense, em 1997, pelo futebol feminino 39
Figura 4 - Ficha de inscrição da equipe Monte Castelo, campeã da competição de 1995 61
Figura 5 - Liberação de Ysrayane e mais três atletas do time feminino do Auto Esporte 77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Noções de machismo e feminismo pelas diretoras de torcidas organizadas do Botafogo-PB 100

SUMÁRIO

Introdução **11**

1 PRÉ-JOGO: CAMINHOS METODOLÓGICOS **16**

1.2 Uma história construída por vozes 21

1.2.1 Coronavírus e a necessidade de etnografia virtual **23**

2 PÓS-JOGO: HISTÓRIA MARCADA POR PRECONCEITO, "AMOR" E ENFRENTAMENTO **27**

2.1 *Futebol de mulheres* no Brasil 28

2.2 Uma paraibana no tricolor 36

2.3 A Era Marta 42

2.4 *Futebol de mulheres* em João Pessoa 47

2.4.1 Maria Rejane: a "maga" **52**

2.4.2 Gleide Costa ou "Gleidinha" **54**

2.4.3 História do Campeonato Paraibano de Futebol Feminino **58**

2.5 A realidade em 2020 na cidade de João Pessoa 61

2.5.1 Botauto: realidades semelhantes, avanços diferentes **62**

2.5.2 Times femininos: parte ou à parte? **63**

2.5.2.1 Kashima e Mixto: a realidade da maioria das atletas **67**

2.5.3 Narrativas de vidas: mulheres no futebol de João Pessoa em 2020 ..... **69**

3 ARQUIBANCADA - NARRATIVAS DE MULHERES DIRETORAS DE TORCIDAS ORGANIZADAS **82**

3.1 A Torcida Jovem do Botafogo-PB 85

3.1.1 A Império Alvinegro 1931 – A Resistência 86

3.1.2 Estádio Almeidão: a casa de todos? 89

3.2 Sombra feminista **91**

3.3 Sol empoderado **92**

3.4 Fragmentos de Histórias de vidas **94**

3.5 Mulheres e futebol – machismo, feminismos e discriminação 96

4 APITO FINAL 103
5 REFERÊNCIAS 105

Introdução

Nada começou como aqui está posto: estudar o protagonismo de mulheres em torcidas organizadas do Botafogo Futebol Clube (Botafogo-PB), time de João Pessoa-PB, também chamado popularmente pela torcida por Belo, Alvinegro, Alvinegro da Estrela Vermelha, entre outros nomes. A ideia inicial de estudar a maneira como as mulheres eram tratadas pela grande mídia quando estavam em arquibancadas de futebol me levou a caminhar cada vez mais para dentro da cidade, da minha cidade. Percebi que, embora o problema fosse muito amplo e abrangesse o mundo inteiro, haviam histórias para contar ali mesmo onde eu estava e que ninguém nunca havia parado para escrevê-la.

Comecei na arquibancada em 2014, tardiamente, como muitas mulheres. Era um jogo entre Botafogo-PB e Campinense, um clássico para o estado da Paraíba, no Estádio José Américo de Almeida Filho, o Almeidão, em João Pessoa. Naquele momento, eu estava na Arquibancada Sombra. O estádio é dividido, pois, em três setores: cadeiras, Arquibancada Sombra e Arquibancada Sol. Para ser mais exata, a Arquibancada Sol é o que por muitos anos foi chamada de "geral". A parte do estádio mais popular e mais acessível financeiramente aos torcedores. Na Arquibancada Sombra, é possível observar um público que está inserido mais na classe média, que podem pagar ingressos mais caros e, portanto, ter uma visão mais confortável do jogo. Por fim, as cadeiras, o setor mais caro e muito ocupado por cronistas esportivos da região e autoridades, mas também por muitos torcedores do clube. Fato é que a partir de então passei a viver mais de perto essa paixão pela torcida, o calor do momento de um gol, a emoção das torcidas organizadas durante toda a partida e os fatos sociais que eu conseguia enxergar sem sair do lugar, entre eles, o machismo contra mim e contra várias outras mulheres.

É preciso dizer, ainda, que sou jornalista por formação e exerço a profissão. Essa sempre foi uma das maiores dificuldades não só para cumprir a pesquisa de campo com dedicação, mas para conseguir construir meu próprio caminho dentro da pós-graduação. Trabalho em uma grande empresa de comunicação que, óbvio, consome grande parte do meu tempo e também da minha energia. São notícias que chegam de todos os lados, boas e ruins. Infelizmente, nenhuma sobre esporte. Essa parte fica exclusivamente com o portal especializado nesse conteúdo. Apesar dos atropelos da rotina, ainda é ao jornalismo que agradeço. Foi por meio dele que aprendi mais sobre feminismos, questões de gênero e as diversas discussões sobre sexualidades. Sem ele (o jornalismo) eu não sei ao certo onde estaria. Descobri-me enquanto mulher que luta pelas causas também de outras mulheres e me orgulho disso.

Antes de tudo, claro, mulher. Mulher crescida ao lado de outras mulheres, capazes de me ensinar o que era empoderamento, antes mesmo de saberem. Costumo dizer que, além de branca e loira, que estou em posição de privilégio por diversos outros motivos, entre eles o de ter entendido desde cedo que mulher é, antes de tudo, dona do seu próprio corpo, da sua própria vida, do seu destino e trajetória. Gosto de algumas explicações e definições que a filósofa Márcia Tiburi traz em seu livro Feminismo em comum (2018), onde retrata um pouco sobre essa luta ainda em constante construção. A própria denominação de ser mulher, para Tiburi, é uma reprodução do patriarcado que passou a ter um novo sentido ou foi reconstruído como uma marcação mais ampla. Ser mulher, na pesquisa em que faço, é uma honra e ao mesmo tempo um desafio, pois estou inserida constantemente em um espaço que por muito tempo foi marcado como masculino e que, mesmo sendo ocupado cada vez mais por mulheres, ainda é carregado de preconceitos e misoginias: a arquibancada e o próprio futebol enquanto esporte, instituição e profissão.

Mas o feminismo me ajudou a chegar nessa e entrar em campo munida de força. Apesar de considerar tê-lo conhecido tardiamente, já na universidade, cresci colocando-o em prática sem saber. E estudar o feminismo foi fundamental para que eu pudesse entender a multiplicidade de mulheres e de comportamentos que encontrei durante o campo. O feminismo enquanto ferramenta de desconstrução de tudo que o patriarcado implantou como correto é muito maior do que se imagina. Ou, ao menos, deve ser. Foi quando comecei a pensar cada vez mais no feminismo plural, no lugar de fala e no lugar de escuta. Além disso, quando falamos em feminismos, falamos automaticamente em classe e em raça - se esquecemos dessas duas questões, colocamos o feminismo numa lógica liberal e excludente. E é com base nisso que conseguimos ver as diferenças em campo.

Escolher esse campo de pesquisa também não foi fácil. De início, com a ideia de transformar a arquibancada, um espaço de lazer, em pesquisa, era algo que me incomodava quando comecei a pensar no campo. Além disso, tratar sobre o futebol local não foi a minha escolha inicial quando ingressei no mestrado. Sou uma torcedora ainda pulsante pela seleção brasileira de futebol e era nesse campo que eu queria caminhar. Mas tão logo percebi que os problemas de gênero estavam à frente do meu nariz. Ou melhor, estavam até em mim, já que vivencio e vivenciei episódios machistas e cenas que reproduzem um patriarcado ainda vigente. Por isso, então, o *futebol de mulheres* em João Pessoa: a sua história e, portanto, a vivência de mulher dentro desse esporte enquanto torcedora. A arquibancada é a minha zona de conforto e precisei sair dela (e, ao mesmo tempo, estar nela com outro olhar) para observar o que antes passava despercebido ou eu não problematizava. Quando o jogo era o espetáculo e eu, a

espectadora. Durante o tempo que consegui construir um campo (de pesquisa) com observação participante, ele (o jogo) virou segundo plano. O objetivo principal do trabalho, em sua última mudança, constituiu-se em analisar o protagonismo de mulheres diretoras de torcidas organizadas do Botafogo-PB[1], a partir das suas trajetórias de vida dentro e fora da arquibancada. Tal objetivo se firmou de fato com a pandemia do novo coronavírus que tomou conta do Brasil em meados de março de 2020, fazendo necessário a utilização do isolamento social como forma de conter o vírus[2]. Isso impossibilitou que a observação participante continuasse a ser feita nos estádios, já que os campeonatos foram suspensos e as torcidas proibidas de participarem, mesmo no retorno dos jogos.

O que se pretende é compreender a diretoria de uma torcida organizada formada também por mulheres como prática esportiva, conforme detalha o doutor em Ciência do Desporto e Educação Física Marco Paulo Stigger (2007), de modo a compreendê-las com tudo que está em sua volta e não apenas a partir do seu espaço social de atuação, mas sim avaliando a classe social, as rotinas, os trabalhos, as formas de lazer, as relações familiares que elas mantêm e como tudo isso interfere na posição de cada uma a frente de suas torcidas. Portanto, elas serão estudadas em interação "compreendendo que elas se relacionam umas com as outras através de um determinado padrão de sociabilidade." (2007, p. 35).

Para cumprir esse objetivo, precisei escolher duas torcidas. Já que estamos discutindo gênero, protagonismo e, portanto, feminismos, precisava também fazer um recorte de raça e classe. Isto porque o Almeidão é dividido entre Arquibancada Sombra, Arquibancada Sol e a parte das cadeiras – esta última, não levei em consideração para a pesquisa, pois é um espaço que não há torcida organizada. A questão é que a Arquibancada Sombra é um espaço mais elitizado, frequentado, principalmente, por pessoas de classe média, que podem pagar um ingresso entre R$ 20 e R$ 50 (preços tabelados em início de 2020) ou um pacote de sócio torcedor que pode chegar a R$ 480, na promoção. Já na Arquibancada Sol, os ingressos são bem mais acessíveis. É o que antes muitos torcedores chamavam de "geral". Eu, particularmente, já assisti jogos no Sol por R$ 5. No entanto, o normal, é um custo entre R$ 10 e R$ 30, a depender do campeonato. Além disso, o pacote de sócio torcedor é mais barato, custando, no máximo, R$ 180.

[1] O Botafogo-PB nasceu em 1931 e, portanto, completa em 2021, 90 anos de história. É o clube mais antigo da cidade, mas não o mais antigo da Paraíba. Antes dele, surgiu o Campinense, em 1915, e o Treze-PB, fundado em 1925, ambos da cidade de Campina Grande.

[2] "Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19 após casos registrados na China. Provoca a doença chamada de coronavírus (Covid-19)." (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Disponível em: https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid. Acesso em: 18 de maio de 2020. A primeira morte no Brasil foi registrada no dia 17 de março. Na Paraíba, o isolamento social começou no dia 20 de março de 2020.

Portanto, escolhi uma torcida organizada que ocupa a Arquibancada Sombra, a Império Alvinegro 1931, e uma torcida que ocupa a Arquibancada Sol, a Torcida Jovem do Botafogo (TJB). Escolher a Império foi mais fácil, já que se trata da maior torcida do espaço que ocupam e, por isso, esse foi o meu critério. No lado "Sol" do Almeidão, no entanto, iniciei o campo entrevistando e conversando com uma das diretoras da Fúria Feminina – grupo de mulheres dentro da grande torcida da Fúria Independente –, mas durante a pesquisa ela se afastou do cargo. Como não havia feito nenhuma observação participante e como a TJB é a torcida mais antiga do Botafogo-PB - foi fundada em 1997 - entendi que seria melhor não incluir a Fúria na pesquisa e adotar a TJB como objetivo de estudo para ter o relato e perfil de uma diretora ainda em atuação. No entanto, no decorrer da pesquisa, a diretora da TJB também deixou o cargo. Como o trabalho já estava em andamento, e pela observação participante que já havia feito no Sol enquanto ela era diretora, escolhi deixá-la como interlocutora.

Para tanto, escolhi dividir a pesquisa em três capítulos. No primeiro, chamado de "Pré-jogo: caminhos metodológicos", escrevo sobre a metodologia escolhida para este trabalho e como ela se modificou no decorrer da pesquisa. Além disso, faço uma breve introdução sobre as interlocutoras que terão suas histórias e relatos aprofundados nos capítulos seguintes. O segundo capítulo – "Pós-jogo: história marcada por preconceito, 'amor' e enfrentamento", escrevo de uma forma introdutória, um pouco da história do *futebol de mulheres* no país e em João Pessoa, desde os primeiros indícios de organização até a atualidade, entrelaçando com a teoria feminista e de gênero, com o objetivo de dar mais sustentação às histórias apresentadas. Tomei essa decisão por dois motivos: primeiro por saber que a história do *futebol de mulheres* em João Pessoa apresenta uma invisibilidade em produção e em interesse, por isso, decidi dar representatividade às vozes de quem fez e faz parte dessa caminhada; segundo porque achei importante contextualizar outros tipos de impedimentos que as mulheres sofrem no futebol para além da não liberdade de irem a um estádio de futebol desde crianças. Então, este capítulo ficou reservado para uma descrição detalhada do *futebol de mulheres* de João Pessoa por uma outra ótica: a do gramado.

No terceiro capítulo, o qual nomeei de "Arquibancada - narrativas de mulheres diretoras de torcidas organizadas", optei por apresentar as torcidas escolhidas para o campo de pesquisa. O objetivo é inseri-las no espaço que é o futebol de João Pessoa, contando as histórias de fundação e as atividades que desempenham. Em seguida, escrevo sobre o Estádio Almeidão como lugar de unificação de todas essas torcidas, homens e mulheres, mas avaliando criticamente a partir de que momento essas mulheres deixam de ser bem-vindas nesse espaço e como se dá a inserção delas nesse meio, através de relatos das interlocutoras, da observação

participante que ainda foi possível (antes do isolamento social) e da minha experiência enquanto torcedora. É também nesse capítulo que apresento melhor as interlocutoras, a partir de suas histórias de vida, seguindo categorias de análise. A discussão versa com base no entendimento de questões cotidianas por parte das torcedoras, dos torcedores, por meio de suas atividades, e por mim, enquanto pesquisadora e feminista, que pude vivenciar momentos que posso considerar violentos. Portanto, pretendo contextualizar essas narrativas com as discussões já abordadas nos capítulos anteriores.

Para esses capítulos, dialoguei com autoras[3] importantes, principalmente sobre questões de gênero, que apresenta um apelo mais forte neste trabalho. Para escolher o termo *futebol de mulheres* utilizei Kessler (2015) e, para permear a história dessa modalidade no Brasil, me baseei nos estudos de Ecoten (2013). Sobre gênero, utilizei para discussões mais aprofundadas autoras como Beauvoir (1967), Louro (2001) e Butler (2003). A noção de dominação masculina, tão abordada neste trabalho, surge do entendimento de Bourdieu (2002) e de relações de poder, através de Foucault (1988). O conceito de fato social total partiu dos estudos de Mauss (2003). A continuidade das reflexões sobre gênero, apontando conceitos como sexismo e feminismo, além de discussões sobre o machismo, estão expressas em autoras como Ribeiro (2019), Hooks (2019), Lerner (2019) e Fraser, Bhattacharya e Arruzza (2019).

[3] Por se tratar de um estudo feminista, que pretende colocar luz em um espaço marcadamente masculino dentro do esporte, todas as referências desta pesquisa estarão escritas, preferencialmente, no feminino. Dessa forma, é possível dar ainda mais representatividade às interlocutoras e manter as discussões no âmbito das mulheres.

1 PRÉ-JOGO: CAMINHOS METODOLÓGICOS

O aquecimento começa. As jogadoras estão em campo, fazendo exercícios de alongamento e preparação. Na arquibancada, a torcida começa a amarrar as faixas no alambrado do Estádio Almeidão. A pesquisa, por sua vez, começa a traçar o seu percurso metodológico. Antes de apresentar como o trabalho foi desenvolvido para ganhar a escalação e o esquema tático que se propôs, devo apresentar as interlocutoras que fazem parte desta pesquisa, tendo em vista que, se são fosse a disponibilidade de cada uma, não haveria como desenvolver o trabalho. A partir de então, elas ganham mais representatividade pelo lugar de fala ocupado e pelas narrativas de vida apresentadas.

Em ordem de surgimento de cada uma delas no decorrer do texto, começo pelas atletas. Para chegar onde gostaria – as narrativas de vida de mulheres nas arquibancadas de futebol pelo Botafogo-PB – precisei, antes, percorrer o caminho da bola nos gramados de João Pessoa.

Para isso, contei com a colaboração e parceria de Walter Ataíde, um dos homens responsáveis pelo surgimento de *futebol de mulheres* na capital paraibana. Walter, na década de 1980, era um entusiasta da modalidade e compreendeu a necessidade de muitas mulheres em não só querer jogar futebol, mas de se tornar profissional dentro daquele esporte. Ele é o primeiro a ser apresentado – um homem, no entanto – porque é quem também primeiro percebe a qualidade e o desejo das atletas.

Quem também participa dessa trajetória de narrativa, com sua história de ex-atleta, é a paraibana Rayssa Bandeira, de 46 anos. Ela jogou na Paraíba, mas conseguiu chegar a time do eixo Sul-Sudeste, sendo umas as atletas do Fluminense Football Club no fim da década de 1990. Rayssa contribui para este trabalho mostrando que a imagem estereotipada da mulher sempre foi muito forte no campo do futebol, além de narrar a sua trajetória também como uma das pioneiras a participar do surgimento das primeiras organizações do *futebol de mulheres* na capital paraibana.

Em seguida, quem continua a história é Maria Rejane, conhecida como "Maga". Ela foi uma das percussoras no *futebol de mulheres* de João Pessoa e atuou, juntamente com Wagner e Gleide Costa - apresentada a seguir - para que a modalidade ganhasse cada vez mais visibilidade e força. Gleide Costa, por sua vez, nutria desde a adolescência a paixão pela modalidade. E, sendo assim, se aliou a Rejane, mais velha que ela, mas que apresentava a mesma vontade de fazer nascer a modalidade em João Pessoa. As duas têm participações importantíssimas na construção do *futebol de mulheres* na capital. Antônio Carlos Andrade de Medeiros, ou apenas Baza, também é um dos interlocutores deste trabalho, que ganha espaço

no auxílio para que o *futebol de mulheres* comece a ganhar forma e para o surgimento do Campeonato Paraibano de Futebol Feminino.

Dando continuidade, com o objetivo de mostrar, por meio de narrativas de vida, a realidade do *futebol de mulheres* em João Pessoa em 2020, na atualidade, algumas atletas de clubes da capital também foram interlocutoras desta pesquisa. Entre elas estão atletas do Botafogo-PB, como Janicleide Silva, conhecida como Jane Santos, e Lucilene Firmino ou Lu Meireles. Também são interlocutoras atletas do Auto Esporte, entre elas Jéssika Souza e a agora ex-atleta Ysrayane Nogueira Alves, conhecida por "Cabelinho". Priscila Dallas fala sobre a experiência no Mixto Esporte Clube e Kethellin Peres sobre a realidade que vive no Clube Recreativo Kashima.

Subindo para arquibancada, as interlocutoras ganham novos espaços, novos nomes, mas mantêm algumas características do universo patriarcal ainda envolvido no futebol. Na Arquibancada Sol, a diretora do Bonde Feminina da Torcida Jovem do Botafogo-PB, Maria Jessy (conhecida como Lalinha), é a narradora da sua própria história, dentro e fora de campo, que sempre se entrelaçam. Já na Arquibancada Sombra, as interlocutoras são as diretoras da torcida Império Alvinegero 1931: Caroline Braz, Gabriela Fernandes, Nelisa Soresine, Joseane Flora e Marília Ferreira, cada uma com uma história de vida diferente, mas que uniram anseios de uma luta feminista também na arquibancada.

A metodologia de pesquisa aqui empregada é baseada em conceitos centrais da antropologia urbana contemporânea, utilizando, para a realização da etnografia em si, inicialmente, as técnicas de observação participante e a realização de entrevistas semiestruturadas - essas últimas mais necessárias do que eu pretendia inicialmente, devido à pandemia do coronavírus. Com isso, a realização da pesquisa (2019/2020) aconteceu dentro e – principalmente – fora da arquibancada, por meio da observação participante dentro do estádio, até quando foi possível, mas também através de conversas em momentos de lazer, cervejas em bar, reunião das torcidas e encontros pré-jogos, tudo antes do isolamento social ser decretado. Ao mesmo tempo, os homens também foram meus interlocutores, pois sem olhar para os opressores, dificilmente conseguimos explicar o oprimido. Então, estava sempre os observando, ao passo que também foram entrevistados em algumas situações. Não irei adentrar com profundidade na discussão sobre patriarcado, sexismo e dominação masculina neste momento porque é exatamente o foco dos capítulos que se seguem.

Esse primeiro momento (final de 2019 e início de 2020) foi um período intenso do meu campo de pesquisa, quando os campeonatos de futebol estavam a todo vapor e quando começaria a segunda parte da pesquisa etnográfica, além de uma série de entrevistas que ainda

estavam pendentes. Mas, com o decreto de isolamento social (março de 2020), fui obrigada a alterar algumas propostas relacionados à minha etnografia, afinal, eu não podia mais me encontrar fisicamente com as/os minhas/meus interlocutoras/es. Procurei traçar estratégias de conversas online para dar início ao que ainda não havia sido feito e também continuidade ao que já estava em andamento. Até que o isolamento social fosse decretado, realizei, de janeiro a março de 2020, quatro observações participantes na Arquibancada Sombra e uma na Arquibancada Sol – sendo essa, no Sol, a última partida a ser disputada até que os campeonatos voltassem a acontecer. Um tópico específico foi criado para descrever como essa reconfiguração da pesquisa acontece.

As entrevistas foram sempre guiadas por pontos de interesse (GIL, 2002), a partir de assuntos que eram necessários para composição da pesquisa, como história de vida, relação com futebol, cronologia em relação a entrada das diretoras na torcida e também do histórico das atletas, mas sempre guiando a conversa para outros temas, quando se fez necessário. Além disso, uma pesquisa bibliográfica foi essencial, tendo em vista que, apesar de ter o futebol como algo intrínseco ao meu desenvolvimento enquanto pessoa, não era algo que eu já havia estudado com detalhes. Para fazer essa pesquisa, realizei um sumário hipotético de como eu imaginava que seria a dissertação. A partir disso, criei bibliografias e temas que seriam importantes para cada um dos capítulos e mapeei os autores não só da Antropologia, mas também aqueles que já tratavam sobre futebol e gênero de alguma maneira – afinal, ainda é difícil encontrar estudos que versam sobre o assunto, principalmente no que envolve torcida. Para o antropólogo Clifford Geertz (1989, p. 20), "fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de 'construir uma leitura de') um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos". Sem dúvida, esta pesquisa se deu nesse emaranhado de estranhezas. Enquanto eu estava apenas na arquibancada, parecia estar em casa, entendendo o que acontecia. Quando precisei me debruçar na história do *futebol de mulheres* de João Pessoa e renovar o meu objetivo a partir de trajetórias de vida, já que na arquibancada não seria mais possível, encontrei esse manuscrito com incoerências e complicações, tal como falado por Geertz (1989). Dirigentes, presidentes, técnicos, jogadoras, que juntos, passavam informações que aparentemente não se encontravam. Interlocutoras com poucas palavras, tímidas. Aprendi com o jornalismo a contar todos os lados de uma história e assim tentei fazer aqui, elencando problematizações necessárias, para tentar construir uma leitura clara e objetiva sobre a participação e a história dessas mulheres no futebol local.

Nas observações e interações presenciais com as interlocutoras sempre fiz uso de anotações no caderno de campo que eram feitas nos intervalos dos jogos, mas sem desviar muito

a atenção do que acontecia ao meu redor. Além disso, aproveitei da discussão realizada pelo antropólogo José Guilherme Magnani sobre etnografias urbanas, que envolve não só a cidade, mas quem faz a cidade: “em vez de um olhar de passagem, cujo fio condutor são as escolhas e o trajeto do próprio pesquisador, o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais.” (MAGNANI, 2002, p. 18). Ou seja, a etnografia, por meio de uma observação participante, ganha mais vivacidade por meio das interlocutoras, das mulheres que fazem parte deste trabalho. Costumo dizer que se trata de uma dissertação escrita não só pelas minhas mãos, mas também com as vozes de várias mulheres. São infinitos olhares e, como destacou Magnani, muitos outros arranjos. Ao mesmo tempo, a proposta do "de longe e de fora" também trazida por Magnani é um convite para estudar outras experiências urbanas, outros planos, outro foco de análise, como o caso das jogadoras de futebol. Embora eu tenha criado e faça parte de um grupo de mulheres que joga futebol como “pelada”, semanalmente, e há mais de um ano, o estudo do *futebol de mulheres* é uma busca pelo de longe e de fora, porque rompe uma barreira comum do que está mais próximo a mim, principalmente quando se fala em experiência ou histórias de vida, e ao mesmo tempo de perto e de dentro, porque me obriga a me incorporar em um determinado espaço para sentir o que é, de fato, estar ali.

Para dar andamento ao campo de pesquisa, mesmo fora da arquibancada, usei plataformas virtuais disponíveis na intenção de construir os perfis das torcedoras interlocutoras. Para isso, utilizei o Zoom, o Google Meet e também aplicativos de conversa, como o WhatsApp, Skype e também ligações telefônicas. Mergulhei na etnografia virtual, que passou a ser, a partir de então, a minha principal metodologia. Surgiram, portanto, diferentes objetivos teóricos e práticos que antes não estavam sendo pensados como principais. De certa forma, como diz Canclini (2015, p. 144), houve uma “expansão de unidade de sentido não territoriais”, e passei a abordar as questões expostas neste trabalho por duas vias: a presencial (antes da pandemia) e a virtual (durante a pandemia).

Também devido à pandemia e por colocar a observação participante presencial como um recurso metodológico impossibilitado, percebi que minha pesquisa caminhava para narrativas de histórias de vida, de itinerários pessoais. Todo o trabalho foi realizado a partir de relatos e histórias narradas pelas interlocutoras, pessoalmente e também de forma virtual, fazendo a análise feminista com base nas seguintes categorias de análise: história de vida, mulher e futebol, diretora de torcida organizada, machismo, feminismo e preconceito (onde incluo questões de raça e classe); baseei-me também nas respostas de cada uma das interlocutoras, principalmente das torcedoras, tendo em vista que é o foco principal deste trabalho. Dessa forma, conforme Maluf (1999, p. 71-72)

> diferentes tipos de narrativa e de situação narrativa foram tomados como maneiras, caminhos, veículos da experiência e do sentido – mesmo que se trate de um sentido precário, ou porque temporário ou porque nunca inteiramente ao alcance da compreensão. A possibilidade de interpretação é infinita. Por outro lado, nem a experiência nem o sentido (ou os sentidos) são redutíveis à narrativa, ao discurso, ou ao texto em seu significado mais largo.

A ideia foi, portanto, entender o que se passa na vida cotidiana dessas mulheres que ocupam/ocuparam esses lugares de representatividade, mas que de certa forma ainda são estigmatizadas pela posição que ocupam e sofrem com os mesmos preconceitos sexistas da sociedade que existem fora do estádio. "Para a sociologia do quotidiano, o importante é fazer insinuar o social, através de alusões sugestivas ou de insinuações indiciosas, em vez de fabricar a ilusão da sua posse." (PAIS, 1993, p. 108). E é exatamente isso que me propus aqui: entender o que se passa no cotidiano, por meio da realidade social observada por essas próprias mulheres - e algumas vezes também por mim. E, infelizmente (nesse caso), o que se passa no cotidiano, conforme Pais, é rotina.

Aproveito um pouco do que diz a filósofa alemã Margaret Morse (1998) sobre as discussões de cibercultura. A autora problematiza a troca de informações "ao vivo", com mensagens indo e vindo de forma simultânea. No entanto, no meio virtual, com um computador ou celular, por exemplo, muito usados nesta pesquisa, a interatividade funciona por meio de um canal que a informação atravessa. São construídas relações virtuais - aqui, inclusive, algumas relações foram construídas exclusivamente de forma virtual, sem que o “ao vivo” fosse possível - o que a autora vai chamar de “ficções de presença”, mas ainda assim uma forma de dialogar, se encontrar, por meio de um não lugar (AUGÉ, 2005). A interação permanece, bem como a possível imersão no conteúdo e na conversa.

A utilização da etnografia virtual como percurso metodológico me fez compreender o campo de estudo como algo mais amplo, mas também, partindo do pressuposto de Forero (2007), sempre delimitando os sujeitos ativos desta pesquisa. No entanto, com o trabalho ganhando um novo rumo ou moldagem, pude perceber não apenas novas técnicas de investigação, mas também como as interlocutoras se relacionavam com os meios de comunicação, passando por uma construção também de identidade, de vida social e cultural. Muitas apresentavam respostas curtas, com palavras abreviadas e concordâncias que pediam mais atenção na compreensão. Outras enviavam suas respostas por áudio e, dessa forma, era possível ter alguma percepção no tom de voz e seus significados. É importante, portanto, “compreender e refletir como que essa informação e as interações sociais são apreendidas, para

posteriormente serem reinterpretadas de acordo com as múltiplas particularidades que cada cultura tem." (2007, p. 78).

Por se tratar de um campo muito próximo a mim e que envolve questões do meu cotidiano, tendo em vista que o futebol em si faz parte da minha trajetória de vida e de que a própria arquibancada passou a ser, desde meados de 2014, um território também meu, precisei me debruçar sobre o debate da proximidade com o objeto de pesquisa. O assunto é pertinentemente discutido por Velho (1978). Para ele, é inevitável a aproximação e o envolvimento com o objeto de estudo. Essa proximidade coloca em jogo a imparcialidade ou não do antropólogo, mas Velho deixa claro que a necessidade da presença mais íntima não significa um defeito. Esse contato mais próximo e direto, para Velho, é a marca registrada da antropologia. Além disso, conhecer a situação das mulheres que vivenciam as direções de torcidas organizadas sem um contato pessoal seria frio demais da minha parte, enquanto mulher, pesquisadora e torcedora. O não sentir seria desonesto da minha parte e não traria para o trabalho a veracidade que tenho a obrigação de passar.

Impossível, portanto, não trazer à tona também o "ser afetada" que a etnóloga francesa Jeanne Fravet-Saada (2005) coloca em jogo dentro da antropologia. A afetação seria uma consequência da observação participante, embora não exatamente uma obrigação, mas um mergulho mais profundo na pesquisa de campo. O "ser afetada" também faz parte do processo de colhimento das informações. Ainda que, para a etnógrafa, essas informações estejam sendo colhidas por meio de um percurso metodológico, a afetação acaba fazendo parte também dessa metodologia. Para Saada, ser afetada durante a pesquisa metodológica e etnográfica é uma escolha e não necessariamente uma regra. Segundo ela, "no momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência" (2005, p. 160), mas podemos compreender mais a fundo a vida da interlocutora e seus comportamentos. Ao fim de tudo, me pergunto, como não me afetar com histórias de mulheres tão fortes e resistentes? Enquanto pesquisadora e torcedora, sinto a necessidade de sentir-me parte.

1.2 Uma história construída por vozes

A maior dificuldade, sem dúvida, foi conseguir escrever o segundo capítulo e contar a história do *futebol de mulheres* em João Pessoa. Como citarei a seguir, pouco ou nada se tem sobre o assunto que esteja escrito, datado, registrado. Inclusive, inicialmente, pretendia escrever sobre a história do *futebol de mulheres* na Paraíba. Mas, logo percebi que o campo de pesquisa era muito grande para um único capítulo, tendo que realizar o recorte da cidade de João Pessoa.

A história solta das mulheres que fizeram surgir essa trajetória em João Pessoa está na boca e na memória de quem fez parte do processo de construção da modalidade no estado - e desconstrução. Desconstrução porque, vivendo em uma sociedade patriarcal e em anos em que o machismo e o sexismo eram ainda mais fortes, jogar futebol era ir contra o que estava pré-estabelecido, era desconstruir o que já havia sido construído para elas por outras pessoas e pela própria sociedade. Portanto, precisei traçar algo parecido com aqueles quadros de detetives, que um ponto vai levando ao outro e, finalmente, a história final, completa (ou quase).

Tudo começou com Gleide Costa, que era uma mulher que eu tinha, de certa, forma, mais facilidade de obter contato devido ao meio jornalístico ao qual estou inserida. É por isso que, para o campo, aproveitei bastante toda a minha rede de contatos e "sementes"[4] (VINUTO, 2014), para poder adentrar em alguns ambientes que ainda não tinha familiaridade, como as próprias torcidas organizadas. Essas pessoas me ajudaram a caminhar pouco a pouco para dentro do campo, de forma mais íntima e próxima das interlocutoras, que também foram fios condutores para outras entrevistadas. Com elas, segui roteiros semiestruturados, mas apenas para guiar o meu ponto de partida. Transformei as entrevistas em conversas, de modo a tornar o momento mais leve e dar mais abertura às interlocutoras e suas falas.

A partir de Gleide, uma gama de pessoas envolvidas com o *futebol de mulheres* de João Pessoa foi surgindo. E eis onde está o grande problema: encontrar o limite. A cada entrevista me surgia a necessidade de falar com outra pessoa, o que me fez perder um pouco a noção do ponto final, isto é, até onde eu precisava mesmo chegar. Até encerrar a história com o histórico de mulheres no futebol da atualidade, não estava me dando por satisfeita.

Voltando à cronologia das interlocutoras, foi Gleide que me fez chegar até Baza, homem de difícil acesso no sentido de conseguir estabelecer uma comunicação remota com ele para marcar uma conversa presencial. Depois de várias tentativas, o que durou cerca de duas semanas, conseguimos nos encontrar, em sua residência, e pude perceber o quanto era rico o seu conhecimento e sua trajetória no *futebol de mulheres* de João Pessoa. Até então, a pessoa mais citada nas entrevistas era Maria Rejane, no entanto, foi também a mais difícil de encontrar. Antes de conversar com ela, consegui chegar a Rayssa Bandeira, também por meio de Gleide, onde a aproximação foi bem mais fácil e rápida. Depois de muito buscar perfis em redes sociais e perguntar a muitas pessoas sobre o contato de Rejane, Rayssa tornou-se a semente para esse

[4]A utilização de sementes é relativa a uma rede de contatos que podem contribuir para a identificação de interlocutores fixos. "Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador." (VINUTO, 2014, p. 203).

encontro. Com a sua própria rede de contatos, conseguiu o contato da tão falada “Maga”. Assim, conseguimos nos comunicar por celular e marcamos um encontro pessoalmente, que me rendeu algumas confirmações de relatos já expressados e, me levou ao Walter Ataíde, também sempre lembrado por todas as interlocutoras. Uma história escrita a seis mãos, com o tempo e a dedicação de todas que se dispuseram a falar comigo sobre o assunto.

No entanto, a partir da pandemia, também me deparei com o problema do meu próprio campo de pesquisa que estava incerto. Aguardar por uma decisão da Federação Paraibana de Futebol (FPF) sobre o retorno às atividades seria arriscado demais, pois eu correria o risco de sequer conseguir concluir a etnografia na arquibancada. Portanto, precisei reformular para a construção da análise por meio de relatos das próprias diretoras. Desse modo, alguns capítulos sofreram alteração e precisaram ser repensados. Mais especificamente o capítulo três, em que eu precisei dar menos foco à observação participante presencial que havia realizado, pois a maior parte dos jogos, conforme meu cronograma inicial, aconteceu na Arquibancada Sombra, enquanto apenas um jogo se deu na Arquibancada Sol. Mantendo a mesma dinâmica, ou o trabalho ficaria elitizado, tendo em vista que a Sombra não traz um aspecto geral sobre a torcida do Botafogo-PB, ou ficaria desequilibrado, já que as etnografias não aconteceram em quantidades iguais devido à pandemia. No entanto, a ideia principal de destacar os espaços de protagonismos ocupados pelas interlocutoras continuou vigente.

1.2.1 Coronavírus e a necessidade de etnografia virtual

Com a pandemia do novo coronavírus atingindo também a Paraíba, em meados do mês de março, a parte seguinte da história do *futebol de mulheres* em João Pessoa, que me traria o panorama da situação atual do *futebol de mulheres* na capital, precisou ser feita via WhatsApp e ligações. Entrevistei as jogadoras, técnicos e presidentes, primeiramente, pela rede social, enviando uma lista de perguntas estruturadas. Em seguida, algumas me responderam por áudio, outras por texto ou ainda por ligação. As dúvidas foram sendo tiradas no decorrer das conversas ou em momentos posteriores, quando, na estruturação da dissertação, eu sentia a necessidade de alguma informação adicional - o que é comum, inclusive, em entrevistas presenciais.

De acordo com a doutora em antropologia e etnologia Sônia Maluf (2020), todos os antropólogos e pesquisadores precisaram rever os seus instrumentos e ferramentas de pesquisa, pensando sempre em uma ação à distância, “deslocando focos de pesquisa etnográfica tradicional para pesquisas documentais, e transformando as redes sociais num enorme e variado campo etnográfico – agora não apenas voltado à uma antropologia das redes sociais e do

ciberespaço, mas uma antropologia nas redes sociais e no ciberespaço.” Esse lugar que, para o sociólogo Pierre Lévy (1999), nada mais é do que uma gama de informações que alimenta o universo e por onde navegam os seres humanos. Foi nesse novo espaço que precisei adentrar e me aprofundar. Além disso, pensar essa nova forma de fazer etnografia deixa ainda mais evidente a importância de acionar os sujeitos como seres políticos, com demandas pessoais e que também vivenciam um processo social como todos nós. Não são apenas interlocutoras de um assunto específico.

No entanto, a falta de contato físico e de uma conversa presencial, fez uma falta imensa nesta pesquisa, principalmente porque alguns impasses foram percebidos durante as narrativas. Questões mínimas que faltavam, precisavam ser questionadas por mensagem ou ligação, tornando o que era inicialmente um campo etnográfico presencial em entrevistas/conversas virtuais que necessitavam de uma observação diferenciada – passei a observar formas de escrever, de falar, de se comunicar. Durante esses encontros virtuais, ficou combinado que tão logo fosse permitida a aproximação social, nos encontraríamos para uma conversa pessoalmente, com mais profundidade e, de preferência, nas sedes dos clubes, com outras atletas. Devido ao retorno tardio das jogadoras ao campo e ao curto tempo para concluir a dissertação, esse encontro ainda não foi possível. No entanto, o desejo é que esse encontra seja possível para uma retomada da pesquisa e aprofundamento dos temas aqui propostos.

Fica claro, portanto, que no decorrer desta pesquisa foi preciso realizar uma adaptação do trabalho de campo que, em determinado momento, destacou-se muito mais na prática de uma etnografia virtual. Dessa forma, o campo da pesquisa saiu da arquibancada e dos gramados junto com as interlocutoras, para ser discutido também de forma virtual, mas mantendo o mesmo objetivo. Embora com menos proximidade física, foi o caminho possível para dar andamento à pesquisa e avançar nas questões.

Meu ponto de partida é, portanto, um conceito de etnografia virtual que Hine utiliza a partir de Woolgar (1996), que seria “um produto da cultura: uma tecnologia que foi produzida por pessoas particulares com objetivos e prioridades situadas contextualmente.” (HINE, 2000, p. 9). Essa perspectiva favorece o entendimento de que a rede virtual é um elemento da cultura e não algo que deve ser utilizado, analisado ou estudado à parte. Com esse conceito, entendo que o uso da etnografia virtual se faz como uma apropriação não apenas minha, enquanto pesquisadora, mas das próprias atrizes sociais, a partir das percepções que têm de determinada rede social. Por exemplo, a partir do momento em que precisei entrevistar uma pessoa mais velha, esta preferiu que a conversa acontecesse por ligação. Uma conversa que fluiu, inclusive,

mais rapidamente e com um aspecto de troca mais característico. O espaço virtual se apresentou como um produto de diferentes significados para as interlocutoras desta pesquisa.

É válido lembrar que utilizei a mesma metodologia para tratar, já inicialmente, algumas questões sobre as torcidas organizadas que, antes da pandemia, não foram discutidas. Entre elas, a história de cada torcida, quando pude conversar, também via mensagens, com torcedoras da Império Alvinegro e da Torcida Jovem do Botafogo (TJB), e quando também conheci mais a fundo a história da diretora do Bonde Feminino da TJB, tendo em vista que só tivemos dois contatos antes da pandemia e assistimos apenas a um jogo juntas.

Além disso, com a etnografia virtual me coloquei, enquanto pesquisadora, numa dinâmica mais distante (MORTON, 2001), o que não aconteceria se eu estivesse executando a etnografia tal como a planejei. Dessa forma, eu coletei dados que me foram passados por mensagens e que, além de frases e textos, incluíam também imagens, *emojis* e áudios. Com isso, pude destacar que, apesar da internet apresentar características próprias, a linguagem pessoal de cada uma é transportada, muitas vezes, para o virtual, através da gramática e da forma como se reportam à outra. Algumas entrevistadas, como foi o caso de outra., usaram *emojis* de coração e símbolos de positividade, que me passaram um sentimento de empolgação e, de certa forma, também de satisfação de fazer o que faz, mesmo com as dificuldades que enfrenta. Outros, mais sucintos, como foi o caso do presidente do Auto Esporte, mostrou-se menos disposto a contribuir virtualmente.

Ao passo que me angustiava o fato de não estar presente presencialmente durante as entrevistas com as minhas interlocutoras – algo que trago comigo como necessidade, explica devido ao jornalismo, talvez – permitiu que elas ficassem mais livres para explorar o mundo pessoal em que vivem. De certa forma, como tudo começou já por meio das redes sociais, foi possível tornar aquele espaço uma fonte constante de dúvida e conversa, o que pode ter acabado por dar mais profundidade a algumas informações. Toda conversa deixa brechas e dúvidas, então ter o espaço da rede social sempre aberto para as indagações foi muito importante nesse momento.

A maior dificuldade, portanto, foi me deixar ser afetada por diálogos que aconteciam de um modo extremamente distante fisicamente, mas que me conectava à interlocutora de outra forma. Solicitei, na maioria das vezes, que as respostas fossem por áudio, de modo a perceber a entonação da voz e, ao menos, identificar se aquela informação vinha com uma característica amarga ou satisfatória. Como a pesquisa antropológica tem em sua principal metodologia a observação participante e o ser afetada faz parte da criação dela, não apenas enquanto produção, mas também enquanto conteúdo criado por uma pesquisadora que sente a necessidade da

afetação e do contato, a distância física e o uso da etnografia virtual, no sentido de usar o espaço virtual como ferramenta de etnografia, talvez tenha levado parte da minha pesquisa para um caminho que não era exatamente por mim esperado. Mas, como a antropologia também se faz a partir dos imponderáveis do campo de pesquisa, há dados que surgem a partir disso. O mais interessante deles é que, mesmo o futebol se tratando de um alto contato físico, o que eu menos tive com as atletas foi toque, presença física, observações gestuais, comportamentos pessoais. No entanto, foi possível evidenciar uma realidade além de escancarada, muito padronizada entre elas: mulheres que, em sua maioria, viveram uma infância voltada para o mundo da bola, mas repleta de preconceito, e que foram encontrando em pequenas oportunidades a possibilidade de surgirem grandes chances. Além disso, são mulheres que vivem mais de uma jornada e que precisam trabalhar – muitas vezes também estudar – para fazer com o que futebol permaneça na vida delas enquanto um sonho de profissionalização.

2 PÓS-JOGO: HISTÓRIA MARCADA POR PRECONCEITO, “AMOR” E ENFRENTAMENTO

Este capítulo tem como objetivo narrar a história do *futebol de mulheres* em João Pessoa, percorrendo um caminho nacional, masculino e também de mulheres, até chegar na capital paraibana. Como é sabido, esta pesquisa tem um caráter feminista, de gênero e raça, e pretendo me debruçar com mais afinco nessas categorias, de forma teórica e também dialógica nos próximos capítulos, fazendo uma introdução neste capítulo.

A história do futebol no Brasil começa e se reproduz de forma excludente. No final do século XIX – momento em que esse esporte chega ao país – o futebol era praticado por uma classe social mais alta, filhos de aristocratas, brancos, que estavam em constantes viagens para Europa. Muitos estudos atribuem a Charles Miller o grande feito de trazer a bola no pé para o Brasil, após uma viagem para a Inglaterra, em 1894, juntamente com o manual contendo as regras sobre o esporte. No fim do século, o futebol era um esporte burguês e elitista (ECOTEN, 2013).

Conforme explica a historiadora Márcia Cristina Furtado Ecoten (2013), foram os imigrantes os responsáveis por furarem o bloqueio da classe mais alta. Italianos, portugueses e alemães formaram seus times para disputarem com os da aristocracia. Foi com a industrialização que o futebol finalmente se popularizou, porque as fábricas começaram a incentivar os operários ao esporte e ao futebol. Com isso, brasileiras/os e imigrantes, estudantes e operárias/os, passaram a fazer parte das equipes. A partir de então, começaram a surgir os times de futebol.

Embora muitos estudos que narram sobre futebol e gênero passem largamente na memória sobre o futebol masculino no país para, em seguida, chegar na rasa história das mulheres nesse esporte, não irei entrar em detalhes sobre a criação dos clubes e como o futebol se oficializou entre os homens. Afinal, também é ação do patriarcado aproveitar-se do esporte, neste caso, o futebol, para manter uma dominação masculina não apenas na sua execução, mas também na sua história. No entanto, neste momento inicial, é importante saber que nos primeiros anos de 1900 os clubes formados por homens começaram a se proliferar no país.

Diante do exposto, este capítulo, pretende focar na história do *futebol de mulheres* - explico este termo mais à frente - no Brasil e também em João Pessoa, capital da Paraíba, com o objetivo de apresentar o cenário no qual as mulheres estão inseridas. Para isso, vamos percorrer os primeiros jogos registrados no país, as marcas que ficaram na história e destacar nomes que foram determinantes para a caminhada, ainda que a passos lentos, no Brasil. Em

seguida, o *futebol de mulheres* em João Pessoa ganha o seu espaço com a única ferramenta que nutria a modalidade na época: a paixão pelo esporte. Para isso, além de relembrar história de mulheres que viveram o início e também o atual momento do *futebol de mulheres* em João Pessoa, o capítulo será concluído com um relato meu enquanto pesquisadora, torcedora, jornalista e também amante do futebol. Uma mulher paraibana e pessoense escrevendo sobre outras mulheres, por meio de outras mulheres e pelas vozes de cada uma delas, tudo em meio a um momento pandêmico que afetou o Brasil desde o início de 2020 - a Covid-19 (coronavírus).

2.1 *Futebol de mulheres* no Brasil

Como o futebol não é um espaço apenas esportivo, mas também social, os valores de uma sociedade refletiram diretamente na noção de que futebol não era um espaço feminino, principalmente por ser marcado por uma presença maciça dos homens. Os preconceitos vividos em sociedade são culturalmente doados ao futebol. Muitos jogos de mulheres começaram a acontecer após jogos de times masculinos, como uma espécie de atração, muitas vezes até durante o intervalo. Uma espécie de pós-jogo.

Nesta dissertação, vou utilizar o termo *futebol de mulheres*, proposto pela antropóloga Cláudia Samuel Kessler (2015). Trocando futebol feminino por *futebol de mulheres* passamos a entendê-lo como "um espaço de prática futebolística e sociabilidade no qual predominam as mulheres, mas elas não são exclusividade." (p. 31). Trata-se de um futebol formado por mulheres que executam várias funções, inclusive sociais, e também são de classes, idades, posições e grupos esportivos diferentes. São mulheres que, além de serem mulheres, usam o espaço do futebol como ferramenta também de empoderamento. Kessler explica que o termo propõe um escape para algumas questões que estão embutidas na noção de "futebol feminino", "pois este tende a ser pensado quase que exclusivamente na perspectiva de gênero e, sobretudo, de uma perspectiva normativa hegemônica, como a outra face do futebol (do "masculino", bem entendido)." (KESSLER, 2015, p. 31).

E quando falamos em mulheres, precisamos entender com uma abrangência maior, se estendendo aos corpos e subjetividades, sem neutralidade, abstração ou universalidade (KESSLER, 2015). É nesse momento que podemos resgatar a frase célebre, mas necessária e ainda latente da escritora e filósofa Simone Beauvoir (1967, p. 9):

> ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade;

> é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

Trago um adendo feito pela doutora em Educação, Guacira Lopes Louro e que mostra que os corpos estão em transformação e mudança, e onde ser homem ou mulher é um processo, um constante devir: "as muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente [...] Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas." (2001, p. 9).

A história das mulheres com o futebol tem sua passagem bem cedo pelas arquibancadas. Gradativamente, elas passaram das bancadas para os gramados. A evolução delas, nesse sentido, acompanhou um pouco a saída da elite e do "sobrenome", dando lugar ao talento dentro e fora de campo. No entanto, a proibição foi o grande marco dessa trajetória histórica. No Brasil, por mais de vinte anos, as mulheres foram proibidas de jogarem futebol e outros esportes simplesmente por serem mulheres. O decreto-lei nº 3.199[5] foi publicado no Brasil em 14 de abril de 1941 e dizia que "às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país." O artigo 54 foi criado na Era Vargas e permaneceu vigente até 1983. Incluído nos desportos considerados masculinos, estava a prática do futebol.

O decreto vai totalmente de encontro ao que pensa a filósofa pós-estruturalista estadunidense Judith Butler (2003) sobre entender o corpo como uma unidade de fronteiras que são construídas e mantidas socialmente, e não como algo natural. Ele é uma das ferramentas que nos levam a entender o futebol como um fato social total (MAUSS, 2003). Encarando a perspectiva do sociólogo e antropólogo Marcel Mauss, os fatos sociais totais incluem diversas instituições, sejam elas religiosas, jurídicas, morais e econômicas, além, claro de "fenômenos estéticos que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam." (MAUSS, 2003, p. 187). O futebol, portanto, produz significados tão profundos que problematizam, ritualizam, dramatizam e administram não apenas a identidade nacional de um povo, mas também a maneira como se coloca dentro da sociedade. O futebol movimenta a economia, com suas produções de consumo, movimenta as instituições religiosas, quando são acionadas em várias partidas de futebol ou quando o próprio esporte é visto, por muitos, como uma espécie de religião; aciona, ainda, as instituições jurídicas, por seus vários escândalos

[5] Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.htm.l

envolvendo questões econômicas e de natureza desportiva; e envolve, também, questões morais, sociais, de gênero, de relações sociais e uma série de significados e símbolos que representam não apenas uma torcida, um clube, um time, mas uma nação inteira, uma cidade, um bairro. É também por isso que ele passa a ser entendido como um fato social total. Quando as mulheres chegam nesse cenário e ocupam não apenas o campo, mas também as arquibancadas, e uma diversidade de símbolos e significados são acionados.

De acordo com o antropólogo Roberto DaMatta (1982, p.23), o futebol permite uma melhor interpretação do Brasil. Ele explica que "a sociedade se revela tanto pelo trabalho quanto pelo esporte, religião, rituais e política. Cada uma dessas esferas é uma espécie de 'filtro' ou de operador, através do qual a ordem social se faz e refaz, inverte-se e afirma-se (...)". Nesse sentimento, o futebol permite e se permite estar em ligação com outras instituições, ambientes, sensações, regras e uma série de simbologias que ajudam a revelar a sociedade.

Com o crescimento do movimento feminista e, consequentemente, com uma mudança do papel da mulher na sociedade, ficou mais clara a conjuntura social formada para excluir as mulheres dos esportes. Segundo a socióloga Christine Mannesson (2006) era possível analisar que o futebol realizado por mulheres ia de encontro ao que elas realmente queriam com a modalidade. Com o questionamento das formas dominante de uma organização social vigente, as mulheres começaram a participar com mais presença no futebol.

São várias as histórias de mulheres que teriam dado o primeiro chute na bola em uma partida disputada só por mulheres. Infelizmente, as datas ainda são bastante desencontradas entre as/os estudiosas/os e há várias versões a serem contadas, o que nos leva ao entendimento de que pouco se guardou sobre a história do *futebol de mulheres*. De acordo com os doutores em Educação Física, Salles, Silva e Costa (1996), a praia do Leblon, no Rio de Janeiro, teria protagonizado as primeiras partidas de *futebol de mulheres*, em 1975, por um grupo de mulheres que seriam empregadas domésticas. Outra versão para o início dos primeiros jogos do *futebol de mulheres*, seria um jogo beneficente, em 1959, no estádio do Pacaembu, em São Paulo, com atrizes do teatro de revista.

Porém, Ecoten (2013), traz que as primeiras notícias sobre mulheres disputando partidas de futebol no Brasil de 1940, um momento de autoritarismo político no país e de corpos femininos cada vez mais educados para procriação. Já nos jornais, nos anos de 1920, há registros de partidas de futebol disputada por mulheres no Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e São Paulo[6], mas ainda de forma tímida. No entanto, a história também conta que a primeira

[6] Disponível em: https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino. Acesso em: 11 mar. 2020.

partida que se tem notícia é do ano de 1913. A informação é do historiador José Sebastião Witter. Ele narra, na década de 1990, em nota de rodapé, que a partida aconteceu entre times do bairro da Cantareira e do Tremembé, em São Paulo (ECOTEN, 2013).

Conforme relata os pesquisadores Fabio Pinto Gonçalves dos Reis e Ivan Eduardo de Abreu Arruda (2011), alguns jornais da década de 40 informavam a existência de, pelo menos, dez equipes de mulheres que jogavam futebol de forma regular no Rio de Janeiro. As equipes não representavam os clubes da cidade. Eram coletivos do subúrbio do Rio, com pouca estrutura, mas que davam a oportunidade de as mulheres praticarem a modalidade.

Em maio de 1940, indignado com a situação da expansão do *futebol de mulheres* no país, um homem chamado José Fuzeira[7] escreveu uma carta para o então presidente Getúlio Vargas, demonstrando seu descontentamento com a prática do *futebol de mulheres* no país. A carta foi publicada pelo jornal carioca "Diário da Noite" e fazia menção a uma partida que seria realizada no Estádio do Pacaembu, entre Casino Realengo e Sport Club Brasileiro (RÉGIS, *et. al*., 2019). Segue trechos da carta:

> [...] Vem, pois, o signatário, respeitosamente, solicitar a clarividente atenção de V. Ex.ª, para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, Sr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio psicológico das funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a "ser mãe".
> É notória a violência com que, nesse jogo, as bolas atingem, às vezes, o corpo dos jogadores; e também diversos são os casos já ocorridos de consequências graves e fatais.
> [...] Ao que dizem os jornais, no Rio já estão formados nada menos do que dez quadros femininos. Em São Paulo e em Belo Horizonte também já se estão constituindo outros. E, neste crescendo, dentro de um ano é provável que em todo o Brasil estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja, 200 núcleos destroçadores da saúde de 2200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes, pois desde que já se chegou à insensatez inqualificável de organizar-se pugnas de futebol "com um grupo de cegos" a correrem, às tontas, atrás de uma bola cintada de guizos, não será de admirar que o movimento feminino a que nos estamos reportando seja o ponto de partida para, do decorrer do tempo, as filhas de Eva se exibirem, também, em assaltos de luta livre e em juntas da "nobre arte" cuja "nobreza" consiste em dois contendores se esmurrarem até ficarem babando sangue. (apud RÉGIS, *et. al*, 2019)

[7] José Fuzeira era um autor de livros voltados para a moral e normas de conduta, como "Judas Iscariotes e a sua reencarnação como Joana D'Arc."

Apesar de tantas oposições, a partida aconteceu e o Sport venceu o Casino de 2 a 0. Uma das jogadoras, Margarida Adyragram Pereira, escreveu uma carta em resposta a José Fuzeira, em que continha, entre outras partes, o seguinte conteúdo:

> Há homens cujas ocupações lhe dão tempo até para tratarem de assuntos femininos. Mas, todas as vezes que o fazem, procuram celebrizar-se, dando o nome, residência e até o telefone.
> O Senhor José Fuzeira deveria assistir à prática de futebol feminino, para verificar quão salutar é esse esporte e os benefícios que o mesmo presta à suas praticantes.
> É verdade que o futebol, como outros esportes, não pode ser praticado por todos, principalmente por aqueles que têm aversão à educação física e que só fazem ginástica pelo rádio, receosos de se apresentarem em público, graças às deficiências orgânicas com que a natureza os brindou. (apud RÉGIS, *et. al*, 2019)

Pouco menos de um ano depois, o decreto que proibia a prática de desporto por mulheres era publicado por Getúlio Vargas. Na época, a preocupação com a geração de filhos era maior e extinguir o *futebol de mulheres* - que mal havia tido seu começo - era fundamental para preservar a saúde dessas mulheres e manter a maternidade intocável. O decreto só foi derrubado quase quarenta anos depois, em 1979, permitindo a criação de departamentos de *futebol de mulheres* em todo o país. Apesar disso, o decreto foi contundente para que houvesse um grande hiato entre a história do *futebol de mulheres* e do futebol praticado por homens, sendo elas privadas de evoluírem e conquistarem a profissionalização no mesmo ritmo. Com a derrubada do decreto, as mulheres voltaram aos gramados, mas sem estímulos, apoios e também sem federações. A prática do *futebol de mulheres* só foi regulamentada, de fato, em 1983. Isso significava que as mulheres, a partir de então, poderiam participar de competições, ensinar a prática esportiva em escolas, usar estádios, criar calendários, entre outras atividades.

O Esporte Clube Radar, time do Rio de Janeiro, foi um dos grandes expoentes e também responsáveis pela evolução da modalidade para mulheres. Em 1986, o time disputou com a Portuguesa a final do Campeonato Carioca de Futebol de Campo Feminino. O jogo aconteceu antes do clássico entre Flamengo e Fluminense, pela equipe masculina, no Estádio do Maracanã. O Radar, neste ano, foi tetracampeão carioca. O clube colecionou títulos não apenas nacionais, mas atingiu expressão internacional quando se sagrou campeão no Campeonato Mundial Interclubes de 1987.

Como o Brasil não tinha uma seleção feminina oficial para participar do I Torneio Internacional de Futebol Feminino, em 1988, que aconteceu na China como um evento experimental, o time do E. C. Radar se juntou ao Juventus, de São Paulo, e compuseram a seleção. Foram vestidas com os uniformes restantes da seleção masculina e voltaram com a

medalha de bronze pendurada no peito (Figura 1). O clube foi, de fato, um dos grandes desenvolvedores do *futebol de mulheres* no país.

Figura 1 - Seleção Brasileira de Futebol Feminino no ano de 1998

Fonte: Acervo do Museu do Futebol

Em 1991, a Federação Internacional de Futebol (Fifa) fez a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino, na China. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) assumiu o time, mas ainda tratado como amador. O E. C. Radar serviu como base para montagem da seleção. Com apenas um ano de preparação, o Brasil foi eliminado na primeira fase e terminou a competição em 9º lugar. Era perceptível a diferença de como o futebol era tratado no Brasil e nos Estados Unidos, por exemplo, uma potência na modalidade feminina. O Brasil estava distante em muitos aspectos.

Neste ano, 1991, o Brasil perdeu jogos para os Estados Unidos e para a Suécia. Foi a equipe americana a campeã do torneio. Foi ela também a vencedora do Mundial da Rússia, em 2019, deixando para trás um legado de empoderamento e audácia contra um patriarcado ainda existente. Mas elas estão encobertas de leis que foram fundamentais para as mudanças dentro do *futebol de mulheres* no país, proporcionando não apenas a estrutura necessária, mas também, a disponibilização de materiais esportivos de boa qualidade. Nos Estados Unidos, muitos dizem

que o *futebol de mulheres* ou *soccer* é mais valorizado entre as jogadoras do que entre os homens.

Uma legislação chamada *Title IX* proíbe a discriminação "baseada no sexo em programas educacionais que recebam investimento federal" (KESSLER, 2018, p. 82), abrangendo para instituições privadas e públicas. A lei entrou em vigor em 1978, mas foi aprovada em 1971. No entanto, apesar do impacto do esporte, a lei ainda é criticada por privilegiar famílias mais abastadas (STEVENSON, 2007). Ela entra em divergência com leis como 'Title IV of the Civil Rights Act of 1964', que não permite, nas esferas de ensino, discriminação com base no sexo, na raça, na cor, na religião, nem na origem de cada um.

No entanto, antes disso, é importante destacar que nos Estados Unidos o futebol de campo nunca foi uma realidade como se é no Brasil, onde o seu povo venera esse esporte. As mulheres sempre tiveram maior expressão, pelo menos em relação às vitórias. Em relação a títulos mundiais, por exemplo, a seleção masculina jamais foi campeã. Já a feminina tem um histórico de quatro vitórias, em um total de oito Mundiais que já ocorreram. A prática de esportes nos Estados Unidos também é bastante incentivada e envolve as atletas financeiramente, o que nem sempre acontece no Brasil. Uma boa atleta, nos EUA, tem a possibilidade de conseguir uma bolsa de estudos em uma universidade, além de fazer carreira no esporte dentro da instituição. As universidades ainda são grandes fontes de atletas no país.

> Além do desenvolvimento de uma base de atletas, os Estados Unidos possuem instituições sólidas, ou seja, entidades de organização da modalidade que se mantém no decorrer dos anos dispostas a promover o futebol de mulheres. Em termos profissionais, entretanto, ainda não há muita estabilidade, mas há patrocinadores que continuam a investir em busca de uma fórmula que resulte em maiores ganhos financeiros. (KESSLER, 2015, p.131-132).

Essa é a grande diferença do Brasil. E é importante falar em Brasil como um todo, sem pensar em seleção brasileira – que está em outro patamar de evolução. É preciso pensar o *futebol de mulheres* no Brasil para além do que chamamos "futebol do eixo", isto é, Rio de Janeiro-São Paulo, porque é onde faltam, justamente, esses patrocinadores que desejam investir na modalidade. Em João Pessoa, por exemplo, já que se trata do nosso campo de estudo, para que o *futebol de mulheres* seja engrandecido, é preciso primeiro que o dos homens alcance voos mais altos, para que o clube possa ter mais verba e investir naquilo que está em segundo plano.

O preconceito por praticar o futebol de campo também é bem menor nos Estados Unidos, mas a visibilidade para o esporte não é a mesma que os homens. As jogadoras também possuem outros empregos como as brasileiras para poder obter o sustento financeiro. Portanto,

assim como no Brasil, a profissionalização do futebol nos Estados Unidos é recente e data o início do século XXI (KESSLER, 2015). Além disso, as ligas de futebol no país não apresentam ainda uma estratégia empresarial estável. O calendário de jogos é reduzido, como no Brasil, o que não as permite uma regularidade de competições. No entanto, possuem apoio da mídia, de patrocinadores e do próprio modelo esportivo sustentável do futebol local para fazer manter o *futebol de mulheres*.

Aproveitando a forma como o time brasileiro era tratado na primeira Copa do Mundo, uma seleção improvisada, abro uma brecha para discutir rapidamente o amadorismo e o profissionalismo dentro do futebol, em especial o *futebol de mulheres*. Ser amadora no futebol realizado por mulheres pode assumir algumas significações: 1) dedicação ao esporte por amor pelo que se faz, já que não há salários e retornos financeiros e 2) um esporte praticado com imperfeição e sem dedicação (DAMO; OLIVEN, 2014). Normalmente, no *futebol de mulheres*, adota-se principalmente o sentido mais negativo, isto é, um futebol menos espetacular do que o dos homens - que está encaixado em uma categoria que o torna bem-sucedido.

O *futebol de mulheres*, portanto, acaba sendo entendido como uma brincadeira, no entendimento do doutor em ciências do movimento humano Fernando Jaime González (2007), já que o "resultado não tem valor de troca", isto é, as atletas não possuem nenhuma perspectiva de ganhar alguma quantia com o resultado, que renda um salário e ganhos reais. No campo da brincadeira, o esporte vincula seus ganhos ao simbolismo, ao reconhecimento, que nem sempre se encontra no *futebol de mulheres*. González (2007) ainda aciona Loret (1996) para explicar essa dualidade entre trabalho e brincadeira relacionada ao esporte, a partir da ótica do valor de troca. Trazendo para o futebol, jogos do *futebol de mulheres* não possuem valor de troca, isto é, não há benefício para os atores sociais envolvidos naquele processo. Apesar do resultado poder gerar um outro resultado - passar de fase, por exemplo - não há ganho valorativo. O *futebol de mulheres*, portanto, sem valor de troca, se apresenta como um bom jogo, instigante também, que gera emoção, mas que não tem valor nem poder de compra. É, segundo González (2007, p. 25), uma "prática gratuita". O *futebol de mulheres* acaba sendo observado como uma simples sociabilidade, que gera convivência entre os atores sociais.

O profissionalismo, por sua vez, nos leva a um entendimento de que aquele esporte gera algum tipo de renda, ganho financeiro ou contrato assinado para quem o pratica. No entanto, para as mulheres no futebol não é bem assim. Segundo Kessler (2015, p. 102) "a postura, a dedicação e os hábitos aparecem como elementos formadores de um *ethos* profissional no *futebol de mulheres*, por vezes considerado mais importante que os ganhos financeiros."

Ter uma seleção feminina em atuação desde a primeira Copa do Mundo não foi o suficiente, por exemplo, para que as jogadoras ganhassem destaque ou para que o *futebol de mulheres* pudesse ser mais reconhecido. A mídia só deu o devido destaque à seleção feminina, ainda que pequeno, em 1996, quando a equipe ficou em quarto lugar nas Olimpíadas de Atlanta (ano em que a modalidade se tornou olímpica)[8], e em 2004, quando conquistou o bronze nos Jogos Olímpicos de Atenas. A mídia também teve sua culpa na visibilidade tardia ao *futebol de mulheres*.

No entanto, no jogo das mulheres, a competência tática não era o suficiente para que a modalidade atingisse um bom nível de visibilidade, apoio e investimento. Além de serem boas com a bola no pé, os clubes também exigiam beleza física. O Campeonato Paulista de Futebol Feminino era exemplo disso. Entre 1997 e 2001, as atletas precisavam ter um bom visual para participarem do time. A mulher que jogava futebol era, além de atleta, um símbolo de objetificação para atrair o público. “Conforme Vasconcelos e Knijnik (2003), os dirigentes da Federação Paulista queriam unir a imagem do futebol à feminilidade, onde eles poderiam alcançar um campeonato tecnicamente bom e bonito.” (REIS; ARRUDA, 2011). Entre outras palavras, o que os times queriam era eliminar qualquer possibilidade de dúvidas a respeito dos padrões que eram impostos como dominantes e se não excluir, mas ao menos misturar, as marcas da diferença com os estereótipos que imperavam.

2.2 Uma paraibana no tricolor

Rayssa Bandeira, 46 anos, natural de João Pessoa e ex-atleta. Começou a jogar futebol em João Pessoa, na Paraíba, ao lado de atletas que foram grandes representantes da modalidade, como Maria Rejane e Gleide Costa - apresentadas mais à frente. Por volta dos 13 anos, Rayssa escondia dos pais a paixão pelo futebol e, por isso, acabava indo escondida aos treinos. A chuteira, o próprio técnico da antiga seleção paraibana de futebol, Walter Ataíde, conta, ficava com o treinador. Saía de casa dizendo que iria jogar basquete - esporte menos estigmatizado.

Para falar sobre o momento, ela prefere começar pelo preconceito, que teve início em casa. O pai batia nela quando descobria que estava jogando futebol na rua com os meninos. Dizia que era coisa de homem e então começavam os apelidos: maria machão, sapatão, entre outros de cunho sexual que estigmatizavam e enraizavam um preconceito de que mulher e futebol não era algo concebível. Rayssa por muitas vezes, em campeonatos que jogava

[8] O futebol é uma modalidade coletiva, mas para homens, nos Jogos Olímpicos, desde 1908.

escondida, foi eleita melhor atleta, mas não ficava com o troféu. As equipes tiravam fotos, mas ela não estava em quase nenhuma delas.

Após um campeonato fora da Paraíba, o Fluminense a convidou para fazer parte do time tricolor. Pelo que se recorda, jogou no time de 1997 a 2000. Na época, o modo de contratação era bem semelhante ao que acontecia no Campeonato Paulista de Futebol Feminino. A qualidade do futebol era importante, mas a beleza era aliada. Estavam no time Susana Werner - na época, atriz da novela Malhação, da Rede Globo, e namorada do jogador Ronaldo Fenômeno, o que lhe atribuía certa visibilidade, e Dani Bananinha - assistente de palco do programa Caldeirão do Huck. “Susana gostava muito de futebol na época e decidiu montar um time de futebol feminino”, conta Rayssa durante entrevista.

A ex-atleta e atual advogada revela que, na prática, existiam dois times: um demonstrativo, formado por modelos, e um de mulheres que se destacavam mais pelo conhecimento sobre o futebol. Mas, na verdade, era apenas um coletivo, claro, com algumas modelos. Dependendo dos jogos, o treinador mesclava a escalação. Segundo Rayssa, a situação de menosprezo era muito maior que nos dias atuais. Foram muitas viagens de divulgação da modalidade, usando a estética do time feminino do Fluminense. Recebia algum dinheiro, mas fazia também muitos jogos “demonstração”, com o objetivo mesmo de divulgar.

Em maio de 1997 aconteceu o primeiro clássico entre Flamengo e Fluminense no *futebol de mulheres* do Brasil. O Jornal O Dia (Figura 2) estampava, sem vergonha, o seguinte título: Um Fla-Flu de batom. Acima do título, uma frase: “feias ou bonitas, o que vale é a rivalidade no primeiro clássico feminino”. Era dessa forma que o *futebol de mulheres* era tratado há pouco mais de vinte anos. Na matéria do jornal, a jornalista ainda usa a expressão “mulheres cabeça, desequilibradas, feias ou bonitas” para dizer quem estaria em campo. Com uma aspa de Susana Werner, ela ainda rebate, dizendo que a imprensa não ajuda a desmistificar o *futebol de mulheres* apenas como um sinônimo de beleza. O discurso que era passado em campo pelo time do Fluminense nos leva a entender que a presença da vaidade e de uma certa feminilização dos corpos traria mais credibilidade ao time, além de uma apresentação "melhorada" da equipe, com o objetivo de se adequar aos padrões impostos e conseguir mais patrocinadores.

Figura 2 - Jornal O Dia, em maio de 1997, no primeiro jogo feminino entre Flamengo e Fluminense

Feias ou bonitas, o que vale é a rivalidade no primeiro clássico feminino

Um Fla-Flu de batom

Alexandre Bittencourt

Com a bola parada no Estadual masculino, chegou a vez das gatas. Mulheres **cabeça**, desequilibradas, feias ou bonitas. Não importa. Hoje, às 10h30, o acanhado Estádio da Gávea será palco do primeiro Fla-Flu feminino da história. A entrada é franca e as primeiras 200 **ladies** ganharão flores. Renato Gaúcho, Sávio e atores da novela **Malhação** darão força.

Mas a competição também esteve aos moldes do Caixa d'Água. Ficou parado e recomeçou com novos clubes, após muito bafafá. Mesmo assim, a simpatia do público cresceu. A atacante tricolor e atriz, Susana Werner, namorada de Ronaldinho, acha que os torcedores não vão mais aos estádios apenas para ver mulheres bonitas.

"Isso está acabando. As atletas estão encarando o futebol como profissão e não desfile de moda. A torcida vai pela paixão que tem por seu clube e não para olhar uma perna bem torneada", diz Susana. Ela acha, entretanto, que falta divulgação para o esporte se massificar. E culpa a imprensa. "Lá em São Paulo, a imprensa apóia", queixa-se Susana, que tentará persuadir os diretores da SporTV (canal fechado da TVA) a transmitirem os jogos do Estadual feminino.

FLAMENGO – Susy; Kíria, Aninha, Catarina e Carolina; Kaki, Marlize, Ana e Peri; Jaqueline e Flávia. **Técnico** – César.

FLUMINENSE – Anne; Jasna, Rayssa, Sueli e Roberta; Jô, Delaine, Tatiana e Claudinha; Susana Werner e Alessandra. **Técnico** – Sérgio Lopes.

Jorge Marinho

• *A tricolor Susana Werner e as rubro-negras Carolina (E) e Flávia vão agitar o primeiro Fla-Flu feminino*

A TABELA DO ESTADUAL FEMININO

CHAVE A

1ª rodada - dia 18/05 - domingo
Gama Filho 1 x 1 América (Gama Filho)
Vasco 10 x 1 Cabo Frio (Gama Filho)
Botafogo 2 x 0 Rio Soccer (Caio Martins)

2ª rodada - 25/05 - domingo
Vasco x Rio Soccer (São Januário) – adiado para 5/06
Botafogo 1 x 0 Gama Filho (Gama Filho)
América 0 x 5 Cabo Frio (Kerém)

3ª rodada - hoje
Vasco x América (Kerém - 10h)
Botafogo x Cabo Frio (Caio Martins - 10h)
Gama Filho x Rio Soccer (Gama Filho - 10h)

CHAVE B

1ª rodada - 18/05 - domingo
Flamengo 8 x 0 Grêmio São Gonçalo (Gávea)
Fluminense 2 x 1 Barra da Tijuca (Laranjeiras)
Campo Grande 3 x 3 Raiz da Gávea (Internacional)

2ª rodada - 25/05 - domingo
Flamengo 6 x 0 Barra da Tijuca (Gávea)
Fluminense 1 x 1 Campo Grande (Italo Del Cima)
Raiz da Gávea 1 x 0 Grêmio São Gonçalo (Internacional)

3ª rodada - hoje
Flamengo x Fluminense (Gávea - 10h30)
Campo Grande x Grêmio São Gonçalo (Campo Grande - 14h)
Barra da Tijuca x Raiz da Gávea (Internacional - 10h)

CLASSIFICAÇÃO

CHAVE A			CHAVE B		
Time	P	J	Time	P	J
Botafogo	6	2	Flamengo	6	2
Vasco	3	1	Fluminense	4	2
Cabo Frio	3	2	R.da Gávea	3	2
Gama Filho	1	2	C.Grande	1	2
América	1	2	B. da Tijuca	1	2
Io Soccer	0	1	Grêmio	0	1

Estrutura no Flamengo é péssima

Se entre os **marmanjos**, a estrutura do Flamengo é de fazer inveja, deixa a desejar no feminino. As meninas treinam em um campo de futebol soçaite em péssimas condições, na Gávea, e não recebem um centavo por partida.

"O campo é um verdadeiro **rala-coco**. Infelizmente, o Flamengo é um clube machista", esmunga a zagueira Carolina.

No Fluminense, cada jogadora recebe R$ 100 por cada partida disputada. Além disso, elas ganham material esportivo e passagens para viajar.

"Vamos criar um departamento para atender exclusivamente o futebol feminino do Flamengo", promete Carlos Eduardo Machado, diretor de relações externas do clube.

O REGULAMENTO

Doze clube estão divididos em duas chaves de seis (A e B). Ao final da primeira fase – de apenas um turno –, os quatro times que obtiverem as melhores pontuações se classificam para a segunda etapa da competição: 1º A x 4º B, 1º B x 4º A, 2º A x 3º B e 2º B x 3º A. Os vencedores das quartas-de-final passam às semifinais do campeonato. Apenas a finalíssima será disputada em dois jogos de ida e volta.

Fonte: Rayssa Bandeira/Arquivo Pessoal

A palavra “machista”, no entanto, já estava na boca das jogadoras, que não aceitavam a situação que estavam. O time feminino do Flamengo, por exemplo, como conta a matéria (Figura 2), treinava em um campo *society* em péssimas condições. Uma das atletas diz que “infelizmente, o Flamengo é um clube machista”. A jornalista credita como se a fala da jogadora fosse um “resmungo”. Nenhuma jogadora do Flamengo recebia dinheiro para jogar futebol. No dia seguinte ao jogo, outro jornal (Figura 3) - Jornal dos Sports - exibia a seguinte manchete: “Empate no jogo da beleza”. No subtítulo: “Meninas do Fla e Flu mostraram charme e talento ontem na Gávea”.

Figura 3 - Jornal dos Sports exibe matéria sobre o empate entre Flamengo e Fluminense, em 1997, pelo futebol feminino

Empate no jogo da beleza

Meninas de Fla e Flu mostraram charme e talento ontem na Gávea

HILTON MATTOS

Elas agora são o centro das atenções. Despiram-se das vaidades, aproveitaram o recesso do futebol masculino e tomaram de assalto a mídia. Enquanto as **feras** lutam nos tribunais e paralisam o Campeonato Estadual, as **belas** largam o batom, prendem os cabelos e calçam as chuteiras para entrar em campo como a salvação do futebol carioca. "O Campeonato é uma bagunça", resumiu a atriz-modelo-namorada do craque Ronaldinho Susana Werner, que nas horas vagas é centroavante do time feminino do Fluminense. Ontem, o Fluminense de Susana empatou em 1 a 1 com o Flamengo, na Gávea, pela terceira rodada da chave B do campeonato feminino.

O público, embora reduzido, prestigiou o duelo do sexo frágil. Misturados a amigos e parentes das jogadoras, alguns torcedores aproveitaram os portões abertos e espalharam-se nas arquibancadas. "Entrei porque vi uma movimentação lá fora", revelou estudante José Cláudio menezes, 19 anos. Só não se sabe, no entanto, se ele entrou para torcer ou para apreciar as pernas das moças. "Acho que ele veio porque o futebol feminino está crescendo. Ganhamos força depois da Olimpíada de Atlanta. O público, inclusive, está nos apoiando", replicou a cabeça-de-área Ana Paula Rocha, repórter da TV Manchete, que ontem ficou no banco de reservas.

Em campo elas comprovam que o futebol feminino ainda caminha a curtas passadas. No jogo, prevalecem a inabilidade e a falta de recursos, mas algumas jogadoras não economizam energia, como a atacante rubro-negra Aninha. Mesmo desperdiçando um pênalti, ela lutou todo o tempo e teve o ombro imobilizado por causa de uma luxação. O Flamengo abriu o contagem aos 20 minutos da segunda etapa, através de Peri, mas o Fluminense chegou ao empate com Alessandra, aos 35 (limite de cada tempo), cobrando pênalti que a goleira Suze ainda defendeu parcialmente.

Flamengo - Suze; Lena (Beth), Marlise, Catarina e Bernar (Gleice); Kíria, Tirrica, Káki (Luciana) e Peri; Aninha e Jaqueline. **Técnico** - César Augusto Berwanger. **Fluminense** - Anne; Jasna, Rayssa, Sueli e Roberta; Jô, Delaine, Tatiana (Marta) e Claudinha; Susana Werner (Selma) e Alessandra. **Técnico** - Serzio Lopes.

Art Gomes

O jogo foi bastante disputado e as atletas deram tudo de si, como manda a tradição do clássico

Suzana só pensa naquilo: Ronaldinho

Nervosa por enfrentar o Flamengo na Gávea, o namorada de Ronaldinho, Susana Werner, também não conseguia desviar suas atenções do problema de transferência que envolve o jogador, que está em Oslo, na Noruega, com a Seleção Brasileira. A atriz da novela **Malhação**, da Rede Globo, contou que manteve contato com Ronaldinho ontem pela manhã e garantiu que ele estava mais calmo. O craque acabou não acertando sua renovação de contrato com o Barcelona e deve, segundo Susana, jogar pela Internazionale de Milão a partir do segundo semestre. "Parece que ele já está mais tranquilo", comentou.

Susana acredita que o impasse criado em torno do futuro do namorado não prejudicará seu rendimento no amistoso de hoje contra Noruega. Segundo ela, o jogador, apesar de sensível, tem maturidade suficiente para superar o problema e dar a volta por cima. "No início fiquei preocupada, mas depois vi que ele já tinha colocado na cabeça que o seu destino é a Inter mesmo", contou a atriz, que, em tom de brincadeira, disse que vai à Itália a passeio. "Casamento só mais tarde", finalizou.

Jornal dos Sports 30/3/97

Fonte: Rayssa Bandeira/Arquivo Pessoal

É possível, portanto, perceber o esporte, principalmente o futebol, como um produto social de consumo que é apresentado aos seus espectadores como um espetáculo. “Ele incorpora e produz significados relativos à competição, a necessidade de afirmação, com o propalado cuidado com o corpo, com o desejo de eterna juventude.” (CAMPOS, 2010, p.2). No entanto, um espetáculo diferente daquele que é protagonizado por homens, em que o talento e o bom futebol entram na linha de frente da discussão.

Com esse exemplo é possível perceber que a sociedade patriarcal da época ainda estava embutida em um preconceito que revestia a mulher com uma imagem de delicadeza e sexo frágil. As mulheres, no entanto, ao que se percebe, tentavam lutar por direitos iguais. Mas a distância para os homens era muito visível. A desconstrução da imagem da mulher como um ser frágil ainda demorou alguns anos para passar por avanços. Não chegamos a um patamar

desejado, mas já temos condições de, pelo menos, evitar manchetes como as que foram vistas em 1997.

Tudo isso está embutido em relações de gênero que permeiam questões que envolvem as compreensões sociais do que seria feminilidade e masculinidade. Segundo Scott (1995, p. 88) "o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria, melhor dizer: um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado". E, por meio dessas relações, as mulheres eram envolvidas em uma situação que as pressionava a fazer o que pediam numa tentativa de evoluir com o *futebol de mulheres*. A relação de poder existente não fazia frente apenas entre clube e atletas, mas entre torcedores, jornalistas e até mesmo no contraponto com o futebol masculino, que exercia - e ainda exerce com a sua espetacularização - um poder sobre o *futebol de mulheres*. Muitos times femininos só conseguem crescer, por exemplo, à sombra dos masculinos, quando conquistam taças, campeonatos e aumentam a receita do clube.

Além disso, questionar como o corpo da mulher é tratado dentro do esporte ainda é uma necessidade, mas é como falar obviedades sobre pertencimento do próprio corpo. Kessler (2015) explica com detalhes e metáforas em relação à arte sobre como esse corpo ainda é retratado no esporte. É como se estivessem desbravando terras ainda desconhecidas. "Suas histórias são tramadas e apresentadas por seus corpos, tal como pinturas produzidas e expostas" (p. 301). Precisamos, no entanto, ver esses corpos também como espaços políticos, corpos que pedem, questionam e reivindicam a normalização de serem quem quiserem e a liberdade da sexualidade. É preciso destacar o corpo, nesse lugar de dominação, como uma linguagem e como uma fonte de poder, que é capaz de historicizar e diferenciar-se de outros seres - homens ou mulheres. O que se vê no *futebol de mulheres* é uma uniformização de padrões. Sim, no plural, porque incomodam pela feminilidade e também pela masculinização dos corpos, provocando uma mistura e consequente confusão de papeis e concepções de gênero.

Segundo o mestre em Educação Física e doutor em Psicologia social Knijnik (2014), as mulheres do futebol de campo passavam por três tipos de preconceitos. O primeiro deles era o medo de se distanciar da feminilidade tradicionalmente exigida para as mulheres e, de certa forma, também objeto de desejo. O segundo preconceito é o oposto e faz referência à masculinização da mulher que está inserida em um esporte massivamente masculino. O terceiro são os simbolismos de masculinidade que fazem com que muitas atletas tenham a sua sexualidade questionada e sejam alvos de preconceitos.

Connel e Messerschmidt (2013, p. 250) apud Kessler (2015, p. 278) explicam que "masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma,

podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular". No entanto, existe uma certa arbitrariedade camuflada para que mulheres assumam corpos femininos e sensuais, atraentes para o público, e tudo que estiver fora dessa expectativa é levado à prova. Isto é, a masculinização dos corpos femininos, embora seja uma realidade em muitos esportes, porque exigem força e treinamento de alto nível, acabam assumindo uma outra função dentro da modalidade. É um paradoxo. Ao mesmo tempo em que se espera mais feminilidade por parte das mulheres, aquelas que apresentam mais virilidade, competitividade e vigor físico acabam obtendo mais resultados no sentido de conseguir conquistar espaços. Isso porque o esporte, ainda muito masculinizado, tende a comparar a mulher atleta de alto nível com os homens e, a partir do momento que seus corpos são mais "femininos" e, portanto, "frágeis", a credibilidade diminui. Em contraponto, é preciso lembrar que essas mulheres que assumem uma masculinização dos corpos são as que sofrem mais preconceitos.

Fato é que a prática do esporte, conforme o antropólogo Gilberto Velho (2013), norteia a vida de muitas mulheres, mudando trajetórias e perspectivas futuras. O corpo tem papel preponderante nesses projetos de vida, já que elas são constantemente ensinadas a moldá-los para as necessidades que são impostas.

Além disso, existe nessa discussão de gênero dentro do futebol uma cotidiana ação de naturalizar os eventos. Naturaliza-se o fato de que as mulheres não gostam e não entendem de futebol, porque historicamente elas foram ensinadas que aquele esporte era apenas para homens. Pensando na questão de gênero como uma construção social, Scott (1995, p. 7), afirma que

> o gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as "construções sociais": a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

Portanto, o gênero indica a construção de um mundo originado com papeis dados para homens e para mulheres. No entanto, a partir desse entendimento social, esses papeis não podem se misturar e cabem, exclusivamente, ao gênero indicado. Homens e mulheres ganham identidades que foram socialmente construídas e que, por isso, são passadas de geração em geração, até que pelo menos um desses corpos questione a forma opressora de impor papeis dentro de uma sociedade. No futebol, as mulheres são excluídas e discriminadas por uma sociedade que impôs tarefas domésticas para elas. São essas as consequências de quem desvia a função dada pela sociedade. Quando Scott fala em categoria social é porque o gênero enquanto definição também é uma construção social. A própria categorização de homem e mulher

enquanto seres sexuados é uma definição histórica da sociedade. A grande dificuldade em quebrar com essa barreira envolta de enclaves machistas e patriarcais está justamente na sua base fincada na construção social e na criação ideológica do que está para os homens e do que está para as mulheres.

A mídia, inclusive, foi uma das grandes responsáveis por essa sexualização da mulher no esporte, principalmente no futebol. Foi a mídia que trouxe a imagem de "musa" para o futebol brasileiro, estigmatizando não apenas as jogadoras, mas também torcedoras, jornalistas e qualquer mulher envolvida no esporte. Tudo isso levou a uma banalização e objetificação da mulher no futebol. Isso tudo, claro, devido a um passado patriarcal (ainda vigente só que com outros moldes) de uma sociedade que colocava duas principais funções para a mulher: os serviços domésticos e a maternidade. Conforme as pesquisadoras da área de Educação Física Maria Beatriz Terossi, Adriana Paula D'Angelo e Daniela Avelar de Bessa Stilli (2009, p. 136), "às mulheres os exercícios objetivavam a preservação e constituição de uma boa maternidade, que era considerada até aquele momento a mais nobre missão da mulher, pois dela dependia a regeneração da sociedade."

2.3 A Era Marta

O que Marta representa para o futebol tem pouco a ver com ter recebido o título da Fifa de melhor jogadora de futebol do mundo seis vezes. A Rainha Marta nasceu na cidade de Dois Riachos, em Alagoas, onde deixava de ir para escola para jogar bola. Tinha o talento nos pés desde criança e, não por já ter sido a melhor do mundo e ser a melhor do Brasil, mas sua história se parece muito com a de atletas paraibanas. Ao fim desse capítulo, será possível perceber que "se não fosse por amor" muitas delas não teriam chegado onde chegaram ou sequer teriam feito a modalidade se edificar. É importante deixar claro, no entanto, que o "por amor" é uma expressão relatada com frequência pelas interlocutoras e pode ser explicado pelo fato de que não havia incentivo, sequer salário ou remuneração para que essas mulheres atuassem no esporte. Faziam porque gostavam e como uma forma também de luta para que, mais à frente, outras mulheres não precisassem jogar apenas "por amor", mas sim, como profissão. É importante destacar, também, que esse jogar "por amor" não significava apenas uma maneira de dizer, tendo em vista que não existir salários para essas mulheres era também um reflexo da sociedade patriarcal e sexista. A partir disso, a gente precisa dialogar sobre dois conceitos, machismo e sexismo, que nos levam a compreender o fato de que as mulheres entendiam essa

entrega enquanto “amor” e não enquanto um sacrífico ou luta para combater uma sociedade que as renegava.

O machismo é um fenômeno cultural que engrandece as características masculinas e a crença na superioridade dos homens. Isso acontece a partir do uso da violência, da crença de que as mulheres são propriedade dos homens, de uma acentuação da virilidade e, consequentemente, um entendimento de que que a heterossexualidade é a norma aceita. O termo, na prática, expressa essa ideia de superioridade do homem e também de coisificação da mulher, de objetificação e propriedade. “Machismo define a ideologia de supremacia masculina, de superioridade masculina e de crenças que a apoiem e sustentem. Machismo e patriarcado se reforçam de forma mútua.” (LERNER, 2019, p. 291). O entendimento de Lerner nos leva a refletir sobre a íntima ligação entre patriarcado e machismo e o quanto que atitudes que demonstram esses conceitos na prática estão enraizadas, são difíceis de serem abolidas. Ela acredita que onde houver família patriarcal, o sistema do patriarcado vai continuar existindo, mesmo que isso aconteça em sociedade onde a igualdade entre homens e mulheres seja uma prioridade. Nesse mesmo caminho, enquanto houver o machismo enquanto ideologia, as relações patriarcais vão continuar existindo.

Já o sexismo pode ser entendido por meio de práticas e atitudes que promovem um tratamento diferenciado das pessoas em razão do seu sexo biológico. Isso porque a maioria das pessoas entendem que há características e comportamentos específicos por parte das mulheres e dos homens. Ou seja, a sociedade cobra atitudes a partir do sexo. A luta para acabar com essa opressão o que chamamos de feminismo (HOOKS, 2019). Sem beneficiar um grupo em específico, o feminismo busca quebrar com o sexismo, fazer com que o sexo das pessoas não defina a forma como elas devem ser tratadas, como devem se vestir ou como devem se comportar.

Com esses conceitos, é possível entender que o “jogar por amor” não era simplesmente uma opção, mas uma realidade cerceada por condições heteronormativas que colocavam a mulher em um plano não só inferior aos homens, mas desigual, associado a uma questão de proibição (até certo momento mascarada e, em 1941, decretada). Além disso, vivemos em um mundo capitalista. “As sociedades capitalistas são, por definição, sociedades de classes que permitem a uma pequena minoria acumular lucros privados por meio da exploração de um grupo muito maior, que deve trabalhar por salários.” (ARRUZZA, BHATTACHARYA, FRASER, 2019. P. 51). Essa é uma definição básica sobre o capitalismo, mas, a partir dela, entendemos que essas mesmas sociedades também têm como definição a opressão de gênero como origem de tudo. Os modelos de subordinação do capitalismo são moldados pelo sexismo,

o que explica a desvalorização sempre presente no *futebol de mulheres*. O lugar de atleta nunca foi dado às mulheres e quando essa barreira foi superada, esperava-se que ocupassem espaços mais femininos. Como para o sexismo o futebol nunca foi espaço para mulheres, o capitalismo também passa a não entender como negócio lucrativo, a partir do momento em que se sustenta, principalmente, em estruturas institucionais.

Com isso, muitas mulheres que viveram o futebol nos seus primórdios em que as discussões de gênero e feminismo não estavam tão afloradas como hoje, acabavam por entender que o envolvimento delas na modalidade era "por amor" e não por luta, por talento, por uma construção de uma sociedade que dispõe dos mesmos direitos para homens e mulheres. Não dá, portanto, para não pensar nessa construção do futebol "por amor" enquanto um reflexo da sociedade que vigorava.

Afinal, é nos anos de 1980 que as mulheres consolidam sua força política no Brasil. O discurso feminista ganha mais força, assim como as relações de gênero passam a ser mais discutidas. A mulher passa a ser tratada, aos poucos, como um sujeito social na sua individualidade, sem que seja indicada a partir de generalizações – claro, esse parece o cenário dos sonhos, mas é importante lembrar que esse momento se tratou apenas de um início da consolidação e de uma modernização. Podemos ver, inclusive, ainda nos dias de hoje, que muitas atletas, inclusive as que estão aqui retratadas mais à frente, também utilizam a mesma expressão. O que se percebe, por sua vez, é que falta, para muitas atletas, a percepção de que o *futebol de mulheres* é uma profissão, no entanto, não reconhecida. O jogar "por amor" precisa ser entendido como um acréscimo ao que é feito em campo enquanto luta pelo fortalecimento de uma modalidade que precisa de incentivo, patrocínio e investimento para crescer. Jogar "por amor" é uma realidade de todos que praticam o futebol, acredito eu, afinal, buscam fazer aquilo que amam. No entanto, expressar o *futebol de mulheres* apenas dessa forma é também uma iniciativa de o menosprezar.

Marta Vieira da Silva começou como uma dessas mulheres[9]. Nascida em 1986[10], quando nem sabia a história que deixaria guardada. Uma época, claro, em que o futebol não era para meninas nem para mulheres. A Ditadura Militar acabava um ano antes e os resquícios no país

[9] É importante lembrar que, antes de Marta, outra jogadora também teve sua representatividade elevada, embora muitos não aceitassem. É o caso de Sisleide Lima, que ficou conhecida como Sissi. Ela fez parte da primeira seleção brasileira de mulheres, em 1988, e atuou com a camisa da seleção até 2000. Sissi era conhecida, além pelo excelente futebol, por sua marca registrada: o cabelo raspado. Por isso, sofreu preconceito, olhares de negação e comentários maldosos. Mas, por se sentir bem consigo mesmo, passou a não ligar mais para esse problema. Para a própria CBF, não era legal vender a imagem de uma atleta com o cabelo raspado, afinal, era década de 90 e os padrões femininos estavam ainda mais fincados na feminilidade. Além da primeira Copa do Mundo, participou nas Copas de 1995 e 1999; e dos Jogos Olímpicos de 1996 e 2000.

[10] Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/04/eps/1559648295_962249.html. Acesso em: 30 mar. 2020.

ainda podiam ser vistos. A história era recente, mas o futuro de Marta é longínquo. Da sua geração também surgiram grandes jogadoras, que fizeram, junto com ela, um *futebol de mulheres* de resistência, como Formiga, Cristiane e Pretinha. Marta jogou pelo Vasco, Santa Cruz (um clube amador de Belo Horizonte), Umea IK (na Suécia), Los Angeles Sol (Estados Unidos), Santos, FC Gold Pride (Estados Unidos), Western New York Flash (Estados Unidos), Tyresö FF (Suécia) e pelo Orlando Pride (Estados Unidos), onde joga atualmente.

Sua primeira Copa do Mundo aconteceu em 2003 e foi eleita a melhor jogadora de futebol do mundo, pela primeira vez, em 2006. É importante destacar que esse prêmio só começou a ser entregue em 1991 e apenas homens recebiam. Em 2001, as mulheres começaram a também participar dos prêmios. O primeiro foi entregue a Mia Hamm. De grandes títulos, tem o vice-campeonato da Copa do Mundo de 2007, a medalha de prata nos Jogos de Atenas, em 2004, e nos de Pequim, em 2008.

O que Marta fez pelo esporte foi por seus próprios pés. Suas vitórias e o seu destaque não foram bem aproveitados por quem poderia impulsionar a modalidade, como algumas entidades. Hoje, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) tornaram obrigatório que todos os times masculinos da primeira divisão tivessem também uma equipe feminina. Isso garantiu estabilidade e profissionalização para algumas jogadoras. Além da sua luta por igualdade, muito representada na Copa do Mundo de 2019, na França, Marta também é embaixadora da ONU na luta contra o sexismo no esporte.

Nesta mesma Copa do Mundo da França, Marta, ao lado de outras jogadoras que também acabaram levando uma representação de peso para o *futebol de mulheres* - como Megan Rapinoe, eleita a melhor jogadora de futebol do mundo em 2019 pela Fifa e campeã pelos Estados Unidos no então Mundial - se engajaram em uma luta por igualdade. O momento foi histórico porque pela primeira vez a TV Globo transmitiu os jogos ao vivo. Outras emissoras de canais abertas já tinham garantido o feito, mas a audiência não conseguiu ser a mesma. Em um dos jogos, Marta usou uma chuteira preta com o símbolo da igualdade de gênero. Fez gol e, na comemoração, apontou para o pé.

Registrar o que Marta fez e faz pelo futebol é tornar tudo isso visível. É dar atenção e representatividade a um futebol de devir, isto é, um futebol que subverte, que está em constante transformação, em evolução, em mudança e debate, sendo refeito e construído, reconstruído. O que o futebol evoluiu na sua geração é indiscutível, no então, é preciso ter foco e sensatez para dizer que muita coisa ainda precisa melhorar. O cenário do futebol em São Paulo, por exemplo, não pode ser comparado com o da Paraíba. As cenas mudaram em alguns estádios, mas o roteiro ainda é o mesmo em muitos outros. Marta teve sua visibilidade, enfim, garantida. Hoje ela é

única, sem comparações aos homens - salvo exceções que, infelizmente, ainda acontecem. Mas o caminho ainda é pedregoso e o *futebol de mulheres* segue precisando de apoio, investimento e visibilidade.

A Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019 trouxe para o Brasil ainda mais popularização. As transmissões em TV aberta tiveram recorde de audiência. De acordo com a Fifa, essa edição do mundial foi a mais vista da história. Cerca de 1,12 bilhão de pessoas assistiram à competição, seja pela televisão, seja pela internet[11]. Os dados são da Fifa e mostram que quatro jogos do Brasil estão entre os oito mais vistos no mundo durante o Mundial. As mulheres do país inteiro se mobilizaram para assistirem às partidas onde quer que estivessem. A jogadora Marta fez o manifesto em campo, pedindo igualdade entre os gêneros no futebol, mas quando a equipe foi eliminada, ela também deixou uma mensagem durante uma entrevista à TV Globo:

> é um momento especial e a gente tem que aproveitar. Digo isso no sentido de valorizar mais. Valorize! A gente pede tanto, pede apoio, mas a gente também precisa valorizar. A gente está sorrindo aqui e acho que é esse o primordial, ter que chorar no começo para sorrir no fim. Quando digo isso é querer mais, treinar mais, estar pronta para jogar 90 e mais 30 minutos e mais quantos minutos forem necessários. É isso que peço para as meninas. Não vai ter uma Formiga para sempre, uma Marta, uma Cristiane. O futebol feminino depende de vocês para sobreviver. Pensem nisso, valorizem mais. Chorem no começo para sorrir no fim. (MARTA, 2019).

O discurso de Marta foi mal interpretado por muitas pessoas. Alguns entenderam que ela estava cobrando das atletas, que precisavam dar mais de si para o *futebol de mulheres* avançar. No entanto, o discurso de Marta tem uma carga do seu passado e do que as mulheres precisaram passar para avançar com o *futebol de mulheres* e com as suas próprias trajetórias enquanto mulheres. O discurso de Marta fala sobre fazer tudo que precisa ser feito sem depender de ninguém. Lutar pelo sonho, pelo jogo, sem depender que alguém vá ajudar. Não vão. As mulheres, desde muito cedo, lutaram por suas conquistas unidas entre elas mesmas. E o discurso de Marta passa muito por essa questão: pela solidão, ainda que em grupo, da luta feminista, da luta por direitos. Quando ela falava que o *futebol de mulheres* depende das atletas para sobreviver é porque, sem elas, dificilmente os clubes e as entidades responsáveis pela modalidade vão se interessar em investir. É por isso que mesmo com mais investimento e visibilidade ainda é das mulheres a luta por espaço no futebol.

[11] Disponível em: https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/fifa-divulga-audiencia-da-copa-do-mundo-feminina-e-diz-que-mais-de-1-bi-de-pessoas-assistiu-ao-torneio.ghtml. Acesso em: 11 mar. 2020.

Quando Marta surge na história do futebol, ela traz consigo a noção de empoderamento que poderia até existir anteriormente, mas estava escondido. O empoderamento é relativamente recente, mas já nos leva a entender que o aprendizado acontece na prática. Questionando e reinventando discursos e vitórias, Marta conseguiu realizar conquistas histórias, mas ao mesmo tempo construiu uma narrativa grupal e compartilhou os seus feitos com outras pessoas. Isso é empoderamento. Ou empoderar-se. "Elas têm se empoderado precisamente pela aprendizagem de como fazer com confiança e bem as coisas que eram muito experimentais e apreensivas, e suas habilidades são uma importante fonte dos prazeres que derivam do jogo." (WHITSON, 2002, p. 234, apud KESSLER, 2015, p. 50, grifo do autor, tradução do autor).

2.4 *Futebol de mulheres* em João Pessoa

Escrever a história do *futebol de mulheres* em João Pessoa é um passo gigantesco que dou nesta dissertação. Tudo que será dito aqui faz parte de informações orais, a partir de entrevistas realizadas com pessoas que foram fundamentais para o surgimento da modalidade no estado. Alguns poucos documentos também foram utilizados, mas fala muito menos do que as vozes que narram as histórias de mulheres que, "por amor", decidiram vestir meião e calçar chuteira em busca de um sonho que tinha poucos apoiadores. São mulheres que foram cercadas de preconceitos, estereótipos e estigmas.

Decidi contar essa trajetória por meio da história oral porque pouco se tem escrito sobre o *futebol de mulheres* na Paraíba, especificamente em João Pessoa. Por meio de entrevistas, os pontos foram sendo costurados e chegamos a um início, meio e uma constante transformação da modalidade no Estado. Não por isso as falas aqui expostas deixam de ter uma carga de importância como teria uma fonte escrita. O lugar da memória - que foi exatamente o que as entrevistadas fizeram, resgataram suas próprias histórias das lembranças – o que está inscrito em suas subjetividades e em suas identidades. É um espaço também de identificação, mas repleto de interpretação. Os discursos utilizados aqui estão envolvidos pela versão foucaultiana. Eles são compreendidos como prática, porque, segundo o filósofo Michel Foucault (1996) é ela que define os objetos. Portanto, o uso da memória como fonte está sustentado em práticas que são dimensionadas por relações de poder, conteúdo também conduzido por Foucault (1988). As relações de poder exportas aqui acontecem entre entrevistada/o e entrevistadora/es. As/os antropólogas/os assumem o tratamento que querem dar àquela memória, ao mesmo tempo em que o entrevistado também relembra o que lhe satisfaz. As memórias, são, portanto, também

acontecimento e, por isso, história. Por se tratar de história oral e por não existir verdade absoluta, tornou-se necessário buscar mais de uma fonte:

> O trabalho etnográfico, que é feito com um olhar sensibilizado e instrumentalizado pela teoria, pode também incluir um roteiro de perguntas dirigidas às pessoas que compõem o grupo em estudo, que podem ser feitas tanto por meio de entrevistas formais quanto por conversas informais. A entrevista é, portanto, um ouvir especial, um encontro de idiomas culturais, um lugar compartilhado. (VENSON; PEDRO, 2012, p. 130).

Como muitas das histórias contadas, alguns homens também fazem parte dela. Inclusive ganham até certo espaço de protagonismo. É o caso de Walter Ataíde. Hoje com 68 anos, Walter foi um dos incentivadores do *futebol de mulheres* em João Pessoa. Em 1982 ele montou a seleção paraibana de *futebol de mulheres* - um momento em que ninguém acreditava na modalidade. Em 1983 a equipe já participava do primeiro campeonato brasileiro, em São Paulo, com atletas, inclusive, de outras cidades além da capital.

De certa forma, há um poder simbólico (BOURDIEU, 2007) por trás da história contada sobre o *futebol de mulheres* em João Pessoa, afinal, ela começa a ser estimulada por um homem. Aos homens "é conferido não apenas o poder de dirigência nos maiores clubes, mas também o prestígio de serem considerados os transmissores do conhecimento sobre o que seria um 'bom futebol'." (KESSLER, 2015, p. 54). Nesse caso, o homem surge como um transmissor da história oral, quem primeira busca a oficialização de um time feminino, mesmo sendo as mulheres as maiores incentivadoras de si mesmas.

Walter é quem primeiro puxa o fio dessa história[12], mas a partir de uma insistência massiva das mulheres. Na década de 1980 ele realizava alguns campeonatos masculinos no campo de futebol do bairro do Rangel, em João Pessoa. Na época, as meninas chegavam de vestido longos, mas começavam a jogar bola depois da partida. Observando a cena, Walter pensou: por que não? Sempre que terminava uma partida, elas pediam a bola e iam jogar. Quando começou a reunir as mulheres no campo, o espaço encheu de interessadas querendo treinar. É, portanto, no início da década de 1980, que o *futebol de mulheres* em João Pessoa começa a apresentar uma característica mais organizada.[13] "É como um comércio, quando você

[12] A entrevista com Walter Ataíde foi realizada no dia 10 de março de 2020, em sua residência, em João Pessoa.

[13] É importante destacar, no entanto, que segundo o historiador Mário Vinícius Carneiro Medeiros (2006), em maio de 1959, já havia registros de partidas de futebol entre mulheres na Paraíba. Os times eram representados por "azul" e "encarnado". O historiador não deixa claro se pertenciam a algum clube. A ideia teria partido da diretora de Departamento Feminino do Treze, clube de Campina Grande, Lourdes Passos. O jogo, que aconteceu no Estádio Presidente Vargas (PV), em Campina Grande, foi beneficente e a renda foi revertida para a Casa do Menino. Importante lembrar que, neste ano, o futebol ainda era proibido entre as mulheres e, por isso, não houve avanço após a partida.

começa a vender, o outro coloca na esquina e começa a vender. [Outras pessoas] começaram a montar seus times também. Mas o futebol feminino começou mesmo no Rangel", conta Walter. Isto é, na periferia da capital paraibana, João Pessoa. Mesmo o futebol tendo começado nas áreas mais nobres do país e sendo classificado como um esporte que carregava nome e sobrenome entre os seus atletas, em João Pessoa o *futebol de mulheres* surge na periferia. É preciso considerar, no entanto, que esse futebol nasce na capital depois do esporte em si já ter se popularizado no mundo inteiro, independente de classe, raça, cor, gênero. O *futebol de mulheres*, em João Pessoa, nasceu no Rangel não apenas pela proximidade de Walter com o campo e com o futebol local, mas muito também pelo esporte já se protagonizar na época como popular, sem caráter elitista e como uma válvula de escape para uma série de problemas sociais.

Para fazer a ideia dar certo, Walter fez de tudo. Descobriu que existia uma verba comunitária para construção de uma horta em um grande terreno, mas nada era feito. Limpou todo o terreno, construiu o Campo da Mangueira, no Centro Social do Rangel, e queria que o *futebol de mulheres* tivesse continuidade ali. Foi processado por uso de terreno público, mas depois, em uma conciliação, conseguiu fazer com que o campo continuasse a existir para times masculinos e femininos. Houve amistosos, a imprensa acompanhou e nada melhor do que isso para a divulgação dos jogos.

Walter já tem 68 anos e, durante nossa conversa, a memória começou a falhar. Depois do amistoso, as meninas começaram a ir cada vez mais ao campo. A proposta inicial de Walter era fazer uma equipe de futebol feminina em cada bairro. Então pegou o próprio carro e foi em busca de patrocínios e pessoas que pudessem ajudar a fixar a modalidade. Na época, a presidente da Federação Paraibana de Futebol era uma mulher, Rosilene Gomes[14]. No entanto, mesmo assim, o impasse para que o *futebol de mulheres* em João Pessoa, e também na Paraíba como um todo, crescesse era grande e até mesmo ela resistia em aceitar certas propostas. Quando Walter chegou para pedir incentivo, ele relata que foi chamado de louco, que nada disso daria certo. Mas ela voltou atrás no mesmo dia, quando ele estava saindo da Federação, e a seleção paraibana de futebol feminino viajou ao Rio de Janeiro para o primeiro campeonato em 1983. Segundo Walter, Rosilene era contra suas investidas no futebol feminino, mas acabou cedendo porque acreditava que o que ele fazia, dava certo.

No primeiro jogo, a equipe paraibana perdeu de 18 a 0 para a seleção carioca. A alimentação na viagem também não contribuiu para o fortalecimento das atletas. Faltava

[14] Atualmente, a Federação Paraibana de Futebol é a única, em todo o país, que possui uma mulher na presidência. Michele Ramalho foi eleita em setembro de 2018. Antes dela, o cargo era de Amadeu Rodrigues, que assumiu a presidência depois que a Justiça derrubou Rosilene Gomes, que manteve uma dinastia no cargo e permaneceu como presidente por 25 anos.

incentivo de todas as partes. Nessa viagem, comeram bolacha de água e sal, alguns biscoitos e tomaram leite. Algumas tiveram diarreia, outras ficaram mais firmes. O ônibus foi doado por um patrocinador. Uma parte do uniforme foi comprada por Walter e a outra confeccionada com convênio do Governo da Paraíba. Nesse campeonato, apesar da goleada massacrante na estreia, a seleção paraibana de futebol feminino terminou em quatro lugar. Essa seleção conseguiu se perdurar, com anos de ausência de campeonatos - por fala de investimentos - até meados de 2002. Foi quando os próprios clubes paraibanos começaram a criar os seus times femininos e perdeu um pouco o sentido de existir uma seleção estadual.

Essa situação pela qual passava o *futebol de mulheres* permeia o "discurso das ausências". Em destaque está a falta, a escassez, as ausências de apoio e estrutura. A carência em vários aspectos amplia a desvalorização da modalidade e faz com que a organização seja cada vez menor. O discurso das ausências no *futebol de mulheres*, no entanto, tem base financeira e simbólica, no sentido de que não havia prestígio, muito menos visibilidade para iniciar um investimento nas mulheres.

Mas o momento do pontapé foi importante, apesar dos gritos de preconceito a beira do campo, conforme relata Walter nas situações de jogos, das indicações de que eram "sapatões" e dos gritos em tons de ordem para deixarem o campo e irem lavar roupa. Entre mais outros desrespeitos, estavam também falas pejorativas sobre os corpos das meninas.

É claro que não era Walter a vítima das ofensas e nem ele poderia contar como as meninas se sentiam, apesar de dizer que se incomodava com tais situações. Mas, conta Walter que, apesar disso as mulheres começarem a relevar os xingamentos e partir para o jogo. Walter, que na década de 1980 trabalhava na prefeitura de João Pessoa, lembra de tudo com um sorriso no rosto. Quando recorda os momentos de alegria, ele gargalha, lembrando das dificuldades e da situação a qual eram expostos. No começo, Walter conta, "elas eram muito envergonhadas", o que, claro, é uma versão dele (um homem) dos fatos que presenciava (com relação às mulheres). É preciso, no entanto, levar em consideração que, talvez, para essas mulheres, essas questões não eram tidas exatamente dessa forma.

Ele conta que, quando se habituaram ao campo, começaram a usar apenas top e short. As camisas carregavam no ombro. Uma camisa que carregava um peso enorme não apenas do preconceito, mas das dificuldades que precisaram passar até para chegar a algum campeonato. As viagens eram insalubres. Alguns patrocínios garantiam transporte e alguma alimentação, mas não a que uma atleta merecia e precisava. Os troféus, quando surgiam, ficavam com uma atleta. Os campeonatos que reuniam as seleções estaduais, conforme relata Walter, "era um campeonato de revoltados, sem estrutura, a Federação não promovia nada. A gente era quem

pagava as inscrições de todas as atletas". Reuniam-se em cidades do país seleções de estados formadas por mulheres que precisavam ir em busca do próprio sonho sem apoio e investimento. A "revolta" que Walter conta era contra a inércia de um sistema completamente voltado ao masculino para tentarem dar seus passos e dribles nas situações que o patriarcado ainda insistia em deixar latente. A maior parte da equipe andava de bicicleta, trafegando às vezes entre cidade como João Pessoa, Santa Rita, Bayeux. "Nunca vi pessoas tão resistentes como essas mulheres. Sair do bairro do Rangel para Mangabeira [8,3 quilômetros], embaixo de sol, jogar 90 minutos, e ainda voltar de bicicleta".

Walter chegou a montar alguns outros times, além do feminino do bairro do Rangel. Ajudou a criar o time feminino do Botafogo-PB, popularmente conhecido como Belo, o do Auto Esporte e o de Guarabira. Foi um nome realmente importante, não há como negar. Mas algumas mulheres assumiram papel determinante para que a história do *futebol de mulheres* de João Pessoa fosse mantida. A intenção de Walter era que as mulheres tomassem conta desse espaço, fossem a linha de frente. Algumas resistiram com mais força e tentaram de tudo para que hoje a situação fosse um pouco melhor. Maria Rejane, Paraíba, Gleide Costa, Rayssa, Bandeira, Lia, Gal, são alguns nomes citados por Walter e que estiveram lado a lado na luta para o desenvolvimento do *futebol de mulheres*. Todas elas constam em fichas de pelo menos um Campeonato Paraibano de Futebol Feminino. Mulheres de força que carregam nas costas a história do *futebol de mulheres* paraibano e que enfrentaram preconceitos capazes de transformar "amor", muitas vezes, em vitórias. Porque, como elas mesmas diziam, jogavam "por amor". Claro que gostariam de receber algo em troca, mas como não havia profissionalização – e ainda não há – era difícil chegar até alguma remuneração. Por isso iam até os campeonatos mostrar presença, dizer que também faziam parte do futebol e que ocupariam aquele espaço, apesar da falta de incentivo – no entanto, sempre em luta pelo avanço profissional.

Se antes (no passado aqui narrado) Walter precisava andar com as chuteiras das meninas no carro para que elas jogassem escondidas dos pais, hoje elas têm uniformes e espaços para treinar. Ainda não existe profissionalização *do futebol de mulheres* na Paraíba, mas algumas situações mudaram, como os auxílios de transporte, alimentação, estadia (que alguns clubes ainda dispõem para as suas atletas) e o pouco que hoje é oferecido às jogadoras que fazem parte de times femininos em clubes que também administram times masculinos. Essa nova perspectiva do futebol em João Pessoa será discutida mais à frente.

2.4.1 Maria Rejane: a “maga”

Com quem você conversar que esteve envolvido com o *futebol de mulheres* em João Pessoa, ouvirá o nome de Maria Rejane Alves das Neves. Se não Rejane, talvez a “maga”[15]. Que voava, como dizem. Jogava muito. É o que relatam. Sua história começa na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como aluna do curso de Educação Física, em meados de 1980. Durante o curso, criaram a disciplina de futsal e ela decidiu se matricular. Em seguida, surgiu uma disciplina optativa de futebol de campo. E mais uma vez veio a pergunta: por que não? Era no horário oposto à jornada normal de estudos, mas decidiu ir. Foi onde se descobriu. Tinha vinte anos de idade quando entrou na universidade. Entre 23 e 24 anos já começou a viajar para competir. Viajou quase o Brasil inteiro por causa do esporte. E essa é uma história comum a muitas atletas do *futebol de mulheres* da vanguarda: foram figuras representativas em vários outros esportes, não apenas no futebol de campo. Rejane, por exemplo, passou pela seleção paraibana de atletismo, jogou basquete, vôlei, handebol, mas se identificou com o futebol.

Começou a jogar ainda na infância, quando já brigava por causa de bola. O pai e a mãe, diferente de muitos, incentivavam a filha. Ela já saía uniformizada para os treinos. Chegava pronta, faltando apenas o colete. A vontade de jogar futebol era tão grande que Rejane saiu de João Pessoa para Recife. Mas não para morar. Para jogar no Santa Cruz, time da cidade pernambucana, ela viajava todos os dias de treino, dormia na casa da irmã, e retornava no dia seguinte. Pagava para jogar. Quando chegava em casa, em João Pessoa, ia para o treino de futsal. Vivia para e pela bola.

Em 1983, relembrando a história já contada por Walter, foi pela primeira vez a São Paulo jogar pela seleção paraibana de futebol feminino. Durante o campeonato, foi convidada para jogar na cidade paulista, mas colocava a família em primeiro lugar e preferiu voltar para Paraíba.

Além do clube recifense e do time de futsal, que era o Sesc, Rejane também jogou pelo Monte Castelo (1995). Um time de *futebol de mulheres* do bairro do Castelo Branco criado e formado apenas por mulheres. Ainda jogou na Portuguesa (2008), time feminino criado por Antônio Carlos Andrade de Medeiros, ou apenas Baza - ele terá função importante no *futebol de mulheres* de João Pessoa mais à frente.

Rejane revela que quando havia campeonato brasileiro, a Federação Paraibana de Futebol (FPF) dava apoio. Elas iam de ônibus, para outra região do país. Viagem longe e

[15] A entrevista com Maria Rejane aconteceu no dia 2 de março de 2020, na escola em que trabalha atualmente, em João Pessoa.

cansativa. Ela conta que um rapaz que viajava com ela levava feijoada enlatada e, durante alguma parada da viagem, esquentavam e comiam. Assim fizeram em Petrópolis, Osasco e várias outras cidades. Tudo isso pela seleção paraibana de futebol feminino, que hoje não existe mais. A dificuldade era tamanha que às vezes até conseguiam as passagens da maioria para viajar para outro estado, mas algumas ficavam sem. Para conseguir o dinheiro, faziam uma "vaquinha". Arrecadavam o dinheiro como dava. "Se tornou uma família", conta Rejane.

Em um dos episódios, a Federação cedeu um ônibus para uma das viagens. No dia que iam sair e que já haviam saído de casa, houve um problema técnico e precisaram esperar pelo dia seguinte. Como a família já sabia da viagem, não podiam retornar. Todas dormiram no chão da FPF para viajar no dia seguinte. Nunca recebeu nada para jogar, pelo contrário. Rejane lembra que atualmente as atletas até ganham uma ajuda de custo. No entanto, na época, como a seleção era federada, o uniforme era fornecido pela Federação. Mas quando queriam participar de campeonato próprio, elas mesmas iam atrás de patrocínio. Meião, chuteira, tudo foi providenciado pelas atletas. "Não tinha apoio de ninguém", relata Rejane.

Rejane era jogadora, assim como as outras atletas. Mas tinha um diferencial. Quando jogava no Monte Castelo, já tinha a habilidade necessária para ser uma das melhores (ela jogava na ponta direita). Todas se conheciam e formava um time entrosado. Então, é possível dizer sim, Rejane era a técnica do time. No Sesc, era a capitã. Onde estava, tinha um caráter de liderança. Das influências que ficaram na cabeça durante a passagem por outros estados e também pela bola jogada, Rejane relembra o futebol de Pretinha, atacante que jogou pela seleção brasileira de futebol feminino, e recorda a qualidade técnica da jogadora e do quanto era focada.

Rejane, ao lado de outras mulheres, como Gleide Costa - hoje técnica do time feminino de futebol do Botafogo-PB -, foi uma das grandes responsáveis pelo primeiro campeonato paraibano de futebol - detalhado mais à frente. Foi um momento inusitado, em 1995. Na época, uma vitória não apenas no esporte, mas pela sociedade, uma vitória social na luta contra o preconceito. Mas Rejane tinha gosto pelo futebol. Treinava até no sábado de tarde. Quando tinha competição em outros estados, treinavam todos os dias, até debaixo de chuva. Pela UFPB, com o time chamado Lunáticas, tinha toda estrutura. Pelo Monte Castelo, havia um campo no bairro que permitia os treinos. "Na época existia o gostar mesmo pelo futebol feminino", relata Rejane. Como não havia nenhuma remuneração ou profissionalização, o "gostar", citado por Rejane, caminha para o entendimento de que na década de 1990, na Paraíba, não se pensava em jogar futebol para ganhar dinheiro.

Quando decidiu parar de atuar por um problema no joelho, Rejane ficou na comissão do Monte Castelo ao lado de Walter. Ela também auxiliou na montagem da seleção paraibana de futebol, onde foi técnica, depois preparadora física. Deixou o futebol paraibano há cerca de cinco anos, deixou de acompanhar um pouco, mas afirma ter certeza de que muita coisa mudou, principalmente quando lembra da colega Gleide Costa, hoje técnica do Botafogo-PB. Gleide jogou junto com Rejane e foi uma das poucas atletas do início do *futebol de mulheres* de João Pessoa que continuaram até hoje a tentar buscar uma maior evolução pelo clube. Tendo em vista que algumas atletas já recebem ajuda de custo, Rejane acredita que a situação já pode ser vista de outra forma, com mais perspectiva financeira.

Hoje Maria Rejane, com 53 anos, é diretora há dez anos de uma escola pública estadual e está totalmente desligada do esporte e do futebol. Ela conta que depois que machucou o joelho, perdeu a confiança com o jogo. Foi técnica por um tempo, auxiliou o time feminino do Botafogo-PB por outro período, mas perdeu o vínculo. Porém, deixou os pés fincados em campos do país inteiro e foi responsável por fazer surgir o *futebol de mulheres* em João Pessoa.

2.4.2 Gleide Costa ou "Gleidinha"

Gleide Maria Costa do Nascimento. Hoje, Gleide Costa, com 43 anos[16]. Nasceu em Uiraúna, no Sertão paraibano, mas desde os 17 anos de idade mora em João Pessoa. Foi com aproximadamente 15 anos que começou a ser chamada de Gleide. Começaram, nessa época, as competições, quando ainda adolescente, jogava pelo Monte Castelo. Inclusive ao lado de Rejane, dez anos mais velha. "Na época era muito discriminado e era usado nos bairros mais periféricos", relata Gleide. Como jogadora participou também do primeiro campeonato paraibano de futebol feminino realizado pela FPF, em 1995, pelo Monte Castelo. Foi campeã. Também foi campeã em 2008, pela Portuguesa e, em 2010, participou da Copa Paraíba – não houve campeonato paraibano neste ano – e foi campeã, como técnica.

O Monte Castelo é um dos times femininos mais antigos, conforme relata Gleide, estando entre os mais conhecidos entre as décadas de 1980 e 1990. Um dos grandes rivais, ela lembra, era o Palmeiras. Mas antes disso, Gleide jogou muito com os irmãos no meio da rua. A família era composta por cincos homens e duas mulheres. Os rapazes não gostavam muito de futebol, mas como a modalidade era característica identitária do Brasil, todos acabavam se interessando um pouco. Para Dunning (1992, p. 289), "as transformações das relações entre os

[16] A entrevista com Gleide Costa aconteceu no dia 6 de janeiro de 2020, na Maravilha do Contorno, sede do Botafogo-PB, em João Pessoa.

sexos constituem uma das questões sociais mais importantes de nosso tempo", já que o esporte é uma atividade de "importância considerável na formação da identidade, notadamente da identidade masculina." (DUNNING; MAGUIRRE, 1997, p. 4). Portanto, discutir a questão identitária a partir das noções de gênero é essencial. A presença da mulher, inclusive, nas brincadeiras de rua com o uso da bola, conforme Costa (2006, p. 1), nos levam a refletir sobre uma "liberdade para se autocriar em termos identitários."

Em 1995 Gleide estava na Universidade Federal da Paraíba. Conciliava estudo com o futebol, sem ganhar nada. Todos os custos eram pessoais. Às vezes o transporte era pago, mas nunca estava tudo garantido. Após os treinos, muitas vezes, o treinador a deixava em casa. Gleide ainda era menor de idade e como não tinha categoria de base, jogava com as adultas. Com seus 15 anos estava disputando vaga na seleção paraibana de futebol feminino.

Gleide tinha aptidões para vários esportes, assim como Rejane. Jogou vôlei de praia, fez atletismo, basquete e passou anos no futsal, de onde ganhou medalhas e troféus. Quando chegou no futebol, percebeu que as pessoas não lidavam tão bem com a presença de mulheres nesse espaço:

> Nessa época era muito marginalizado, principalmente o futebol. E era muita pancadaria. Minha primeira lesão no joelho foi no futebol, por isso que meu trinador de futsal não queria que eu jogasse futebol. Hoje nem se compara. O mínimo de palavrão era sapatão, tudo que era nome você escutava. Mas tinha gente que aplaudia também, a comunidade gostava. (Gleide Costa, 2019).

Apesar de tudo, a Paraíba tinha seus talentos. Jogadoras que, tecnicamente, se destacavam a nível nacional. Gleide jogou com atletas que hoje são consideradas referências nacionais, como Sissi, Pretinha, Formiga. Mas a referência dela ainda eram os homens, afinal, não existia visibilidade nem dentro, nem fora de campo. A mídia não dava à modalidade aquilo que ela merecia. Sem transmissão, sem conhecimento das atletas. O que Gleide e outras jogadoras da Paraíba sabiam sobre atletas nacionais era o que viam quando participavam de campeonatos em que elas também estavam. Por isso, apesar de não ser uma referência muito boa quando se fala em personalidade, em nível técnico, Romário é um dos jogadores que fizeram Gleide se encantar ainda mais pelo esporte. Para não deixar a rivalidade de lado, lembra também do argentino Maradona. Apesar de tudo, ainda pesquisava muito, lia bastante e observava as jogadoras sempre que possível.

Muito boa tecnicamente, como relatam as outras jogadoras e também Walter, o problema que Gleide encontrou foi dentro de casa. A mãe era professora, entendia perfeitamente a escolha da filha. Os irmãos, no entanto, diziam que esse sonho não tinha futuro e que era melhor fazer um concurso público. No entanto, Gleide queria chegar em um espaço

onde havia carência da presença de mulheres. Foi para a linha de frente do *futebol de mulheres*. Jogou, ganhou campeonatos, mas também machucou o joelho. Parou de jogar em alto nível em 2001. Até este ano, ela conta, lavou muito uniforme, jogou muito em campo de barro e correu muito de casa até os locais dos treinos.

Hoje, para ela, tudo está mais fácil para as jogadoras. Os pais apoiam, ficam felizes em saber que as filhas estão se destacando. Quando Gleide jogava - não era bem a situação dela - jogar futebol era uma afronta aos pais: "era coisa de menino", diz. No entanto, nunca se importou muito com o que diziam. Considera que isso foi essencial para chegar onde chegou hoje:

> Muita gente lutou antes para tudo acontecer. Desde que eu comecei, eu precisei empreender para ver se o futebol feminino ia para frente. Montei uma empresa de assessoria esportiva, para poder ter vínculo com os clubes e poder fazer o negócio andar, captar patrocínios da gente. Hoje faz dois anos e meio que eu sou funcionária do clube. Mas era essa empresa que mantinha o futebol feminino. Eu usava para garantir o futebol feminino. (Gleide Costa, 2019).

O clube no qual Gleide fala é o Botafogo-PB. Chegou no clube como técnica em 2009, depois de muita insistência, para enfrentar a Copa do Brasil (antes disso, Gleide foi presidente do Atlético Mira Mangue, ligado ao projeto social Beira da Linha, onde passou dez anos). Walter Ataíde, em 2009 diretor de patrimônio da FPF, queria colocar o time feminino do Botafogo-PB no campeonato da Copa do Brasil. Quando Walter a encontrou na Federação, disse que seria ela a treinadora, faltando quinze dias para a competição acontecer. No entanto, Gleide não queria aceitar. "Essa bagunça não dá para mim", respondeu. Mas com uma forte insistência característica do Walter, já era possível perceber que ele não desistiria fácil. Gleide, então, fez uma contraproposta. Ela disse que iria para a Copa do Brasil, mas com a condição de, no retorno, "iniciar um trabalho decente com o time."

Foram e trouxeram uma derrota de goleada nas costas, sendo eliminadas na primeira fase. Mas no ano seguinte, já conseguiram passar de fase, sendo eliminadas nas oitavas de final. O time ficou entre os nove melhores do Brasil. Gleide não perdeu nenhum campeonato estadual enquanto jogadora e técnica, até 2019, quando sofreu a sua primeira eliminação pelo Botafogo-PB no campeonato paraibano de futebol feminino.

Com os anos se passando, a situação foi melhorando e a indústria do entretenimento foi responsável pela evolução, ao menos da visibilidade, do *futebol de mulheres*. Mas, até chegar ao patamar nacional que estão hoje, as jogadoras da Paraíba nunca receberam salários - até hoje não recebem, alguns clubes pagam apenas uma ajuda de custo. Até mesmo o apoio médico (há

mais ou menos uma década), caso fosse preciso, era por conta da família. Hoje, alguns clubes já dispõem de departamento médico também para os times femininos.

Pela história que viveu e pela história também de outras atletas, Gleide é categórica em afirmar: estudem! É o que ela diz a todas as atletas. Orienta a entrarem em uma universidade e trabalhar em outro período, porque, atualmente, depender financeiramente do *futebol de mulheres*, ainda é uma ilusão para a realidade da Paraíba. "Sempre apostando, mas nunca deixando de estudar", é o conselho que Gleide afirma dar para as meninas do Botafogo-PB.

Para se ter uma noção da distância entre a ajuda de custo e a profissionalização hoje do Botafogo-PB, é preciso se ter uma evolução do time masculino para que uma parte do dinheiro seja transferida ao time feminino. Por exemplo: hoje o time masculino do Botafogo-PB está na série C do Campeonato Brasileiro. Se, eventualmente, o time subir para a série B, os lucros aumentam e o time feminino pode ser mais bem assistido. Assim, a realidade ainda é um treino no campo da categoria de base ou em um campo sem iluminação, limitando a disponibilidade de horário. Recebem apenas o suporte com transporte, uniformes e alimentação. Há muito o que evoluir. A diferença, no entanto, entre a década de 1990, quando Gleide e Rejane eram atletas, e agora, em 2020, é que nem todo mundo paga para jogar.

O Auto Esporte é um clube que se assemelha ao Botafogo-PB no que diz respeito às contribuições dadas às atletas. No entanto, ainda com suas diferenças. O assunto será abordado com mais profundidade em um tópico específico sobre o *futebol de mulheres* na atualidade em João Pessoa. Mas é possível adiantar que em relação às ajudas de custo, o técnico do Auto, Guilherme Paiva, tem um papel preponderante nisso, tendo em vista que, muitas vezes, aloja as atletas em sua própria casa, onde já moram a esposa e três filhas, ou em algum apartamento alugado por ele. As meninas também recebem transporte, uniforme e alimentação. No entanto, o auxílio recebido pelas atletas ou parte do próprio técnico – explico com detalhes mais à frente – ou de faculdades privadas que dão bolsas de estudo para que elas joguem no time da instituição. Importante lembrar, ainda, que o Auto, atualmente, em 2020, é o único time da Paraíba que está disputando a Série A2 do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. A importância vem não somente por conta disso, mas pela quebra de hegemonia do Botafogo-PB, que há quatro anos seguidos ganhava o Campeonato Paraibano e, por isso, assumia a vaga que hoje está sendo ocupada pelo Auto Esporte. Em contrapartida, clubes como o Kashima e Mixto, ambos também de João Pessoa, apresentam uma estrutura mais precária, sem sede fixa e sem auxílio garantido para as atletas.

2.4.3 História do Campeonato Paraibano de Futebol Feminino

O Campeonato Paraibano de Futebol Feminino começou há 25 anos, mas antes disso já havia uma movimentação em João Pessoa para dar o primeiro passo na modalidade feminina. Quem guarda todas as fichas dos campeonatos que aconteceram na Paraíba é Antônio Carlos Andrade de Medeiros, conhecido por todas/os como Baza, hoje com 74 anos. Ele também foi um homem importante para impulsionar o esporte na capital paraibana. Em 1991, quando trabalhava na Divisão de Desportos da Prefeitura de João Pessoa, promoveu um campeonato de futebol feminino de campo. Baza já estava na prefeitura desde 1985, mas só seis anos depois conseguiu impulsionar o campeonato. Disputaram as partidas os seguintes times: Marista, Palmeiras, Monte Castelo, União do Rangel, Grêmio Futebol Clube e o Ibis Atlético Clube, com vitória do Monte Castelo. Ele conta que, apesar de ele ter entrado com a ajuda prática para que o campeonato pudesse acontecer, quem comandava tudo era Rejane. “Em 1991 a ideia foi de Rejane, porque ela tinha muito contato comigo e eu também já estava na coordenação do Estádio da Graça [onde aconteceu o campeonato] de 1986”, explica Baza[17].

O primeiro Campeonato Paraibano de Futebol Feminino, então, acontece em 1991, mas sem oficialização, porque não foi organizado pela Federação Paraibana de Futebol (FPF). Este pode ser considerado como uma espécie de preparação para o campeonato oficial. Como já organizava os eventos da Prefeitura de João Pessoa, Baza também organizou o campeonato de 1991. Foi o primeiro da sua carreira no futebol feminino, época que, segundo ele, não existia. Não no futebol de campo. O primeiro time a surgir, pela memória de Baza, foi o Monte Castelo, formado apenas por mulheres, no bairro do Castelo Branco.

Em 1995 a FPF organizou o primeiro Campeonato Paraibano de Futebol Feminino. Apesar de os times não precisarem de filiação, o campeonato foi promovido pela Federação. Fizeram parte desta data histórica os clubes Monte Castelo, Clube Recreativo do Flamengo, Santa Cruz de Santa Rita, Mamanguape Esporte Clube, SeleRocha Futebol Feminino, Sociedade Esportiva Manaíra, Gama, Comercial Esporte Clube e Santos Futebol Clube. O Monte Castelo entrou para história como o primeiro time campeão na modalidade, com a presença de Gleide como atleta, ao lado de Rejane. Foi um campeonato aberto, tendo o Flamengo e o Santa Cruz como únicos clubes filiados à FPF.

É um fato curioso para a década de 1990, que um homem se motivasse a fazer acontecer um campeonato que, até então, acontecia apenas entre homens. Baza conta que:

[17] A entrevista com Baza foi realizada no dia 27 de janeiro de 2020, em sua residência, em João Pessoa.

> O que me motivou foi o pessoal que me procurava. Rejane que eu conhecia, ela já tinha a ideia, mas não tinha uma pessoa para se responsabilizar como coordenador. Como eu já estava ligado na Prefeitura e na Federação, eu, Rejane e Gleide começamos a movimentar o cenário para, pelo menos, conscientizar as mulheres na época que queriam participar do futebol feminino. Quando se falava nisso, ninguém queria aceitar. Só falavam em "sapatão". Era um preconceito para ninguém desenvolver o futebol feminino. Elas que tinham vontade de jogar futebol e encontraram em mim uma parceria para que a gente sempre viesse a movimentar o futebol feminino.

O que elas queriam era movimentar o futebol feminino pelo menos entre os bairros, para que pudesse incentivar cada vez mais as mulheres que gostavam da modalidade. "Elas começaram a trabalhar observando em cada bairro as meninas que jogavam, fazendo jogos amistosos nas escolas, observava quem tinha vontade, talento para futebol feminino", conta Baza. Foi dessa forma que surgiu o campeonato de 1991 e, em seguida, houve a preparação para o de 1995. Depois disso, os amistosos foram mais frequentes. "O futebol feminino ainda não está tão bem. Mas para tudo na vida tem que ter um começo, e esse foi aqui, com Rejane e Gleide. Foi todo um movimento delas e eu fui a base para fazer todo esse trabalho", relata Baza.

Baza foi diretor de futebol da FPF por quatro gestões, de 1980 até 2018. No entanto, mesmo com a sua presença, houve anos, desde 1995, em que o Campeonato Paraibano de Futebol Feminino não aconteceu. "Não existia motivação e não existia muitas equipes para se inscreverem pela Federação, ninguém se interessava", ele conta. Com times femininos, eram mais de 50 clubes filiados, mas nenhum, conforme Baza, queria criar o time feminino. Até 2018, a média por campeonato feminino era de quatro a seis equipes. No entanto, apesar das afirmações, Baza também tem uma explicação para tudo isso. Segundo ele, muitos clubes não tinham sequer categoria de base e atuavam sem fins lucrativos. Dessa forma, os presidentes não tinham poder aquisitivo. "Ficava difícil. Também não tinha muita gente capacitada para comandar a parte técnica do futebol feminino", relata.

Em 2008 o Campeonato Feminino aconteceu com todos os clubes filiados à FPF, tendo como time campeão a Portuguesa. Gleide também estava na formação do time. "Comandava o time sem ser treinadora, eu que armava o time, mas tinha um treinador oficial", conta Gleide. Baza relembra a mesma situação. "Gleide era atleta, mas se juntava ao treinador. Jogava e ajudava no treinamento. Ele aprendeu muita coisa com ela. Começamos esse trabalho, principalmente, com a iniciativa dela. Foi uma vontade dela."

Dessa forma, conseguimos criar uma linha cronológica, com base nas informações cedidas por Gleide e Baza, sobre os anos em que houve o Campeonato Paraibano de Futebol Feminino. O primeiro acontece em 1995, com vitória do Monte Castelo, sem que os clubes

sejam obrigados a se filiar à Federação. O segundo só vem a acontecer em 2008, treze anos depois, com a Portuguesa como campeã. Em 2009 o campeonato não foi realizado. E, em 2010, segundo Gleide, aconteceu a Copa Paraíba, um campeonato à parte, que não tinha relação com o Campeonato Paraibano de Futebol Feminino. Em 2011, ele volta a acontecer com o Botafogo-PB sendo campeão e o Auto Esporte vice-campeão. Em 2012, o Kashima foi campeão com o time comandado por Gleide Costa. Entre 2013 e 2014, a FPF passou por uma intervenção e, por isso, não houve o campeonato[18]. De 2015 a 2018 houve a competição e em todos esses anos o Botafogo-PB foi campeão. A invencibilidade só foi quebrada em 2019, quando o Auto Esporte conseguiu a taça, que voltou para as mãos do Botafogo-PB em 2020.

Tabela 1 - Campeonatos Paraibanos de Futebol Feminino

Ano	**Campeão**
1995	Monte Castelo
1996-2007	Não houve campeonato
2008	Portuguesa
2009-2010	Não houve campeonato
2011	Botafogo-PB
2012	Kashima
2013-2014	Não houve campeonato
2015	Botafogo-PB
2016	Botafogo-PB
2017	Botafogo-PB
2018	Botafogo-PB
2019	Auto Esporte
2020	Botafogo-PB

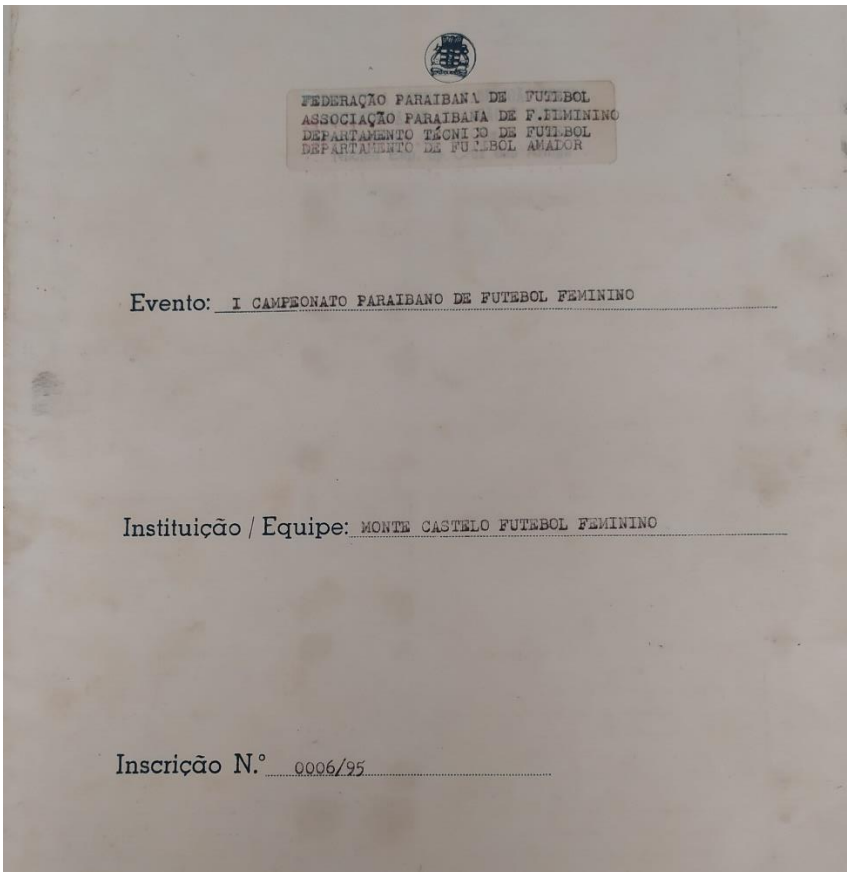
Fonte: Elaborada pela pesquisadora, com dados das entrevistas, 2019

No começo, tudo era organizado manualmente. Era necessária uma ficha com foto de cada atleta e informações pessoais. O documento era levado para o campo e só jogava a partida quem estivesse na relação. Embora as mulheres precisassem apresentar os documentos durante os jogos, não havia uma limitação de idade. Gleide chegou a jogar um campeonato com apenas 15 anos, por exemplo. Como o campeonato já sofria dificuldades em acontecer, a faixa etária

[18] Rosilene Gomes foi afastada da presidência da FPF no dia 3 de abril de 2014 por uma determinação da juíza Renata Câmara. A decisão foi baseada em uma Ação Cautelar de Exibição de Documentos, transitada em julgado no Tribunal de Justiça da Paraíba e movida pelo Auto Esporte Clube. Segundo a juíza, houve evidências "de que os clubes e ligas votantes no último pleito (da FPF) não estavam constituídos de forma regular ou mesmo de que, embora possivelmente constituídas com CNPJ e demais exigências legais, os seus supostos representantes legais não foram eleitos na forma estatutária." Com isso, uma Junta Administrativa nomeada pela juíza Renata Câmara tomou posse da Federação.

pouco importava. Mesmo assim, ainda era difícil reunir tantas mulheres. O máximo de atletas em um time era 25 mulheres. Para participar de uma partida, no entanto, havia um limite mínimo de sete jogadoras. Com isso, muitos times jogavam 90 minutos sem possibilidade de reserva.

Figura 4 - Ficha de inscrição da equipe Monte Castelo, campeã da competição de 1995


FEDERAÇÃO PARAIBANA DE FUTEBOL
ASSOCIAÇÃO PARAIBANA DE F.EMININO
DEPARTAMENTO TÉCNICO DE FUTEBOL
DEPARTAMENTO DE FUTEBOL AMADOR

Evento: I CAMPEONATO PARAIBANO DE FUTEBOL FEMININO

Instituição / Equipe: MONTE CASTELO FUTEBOL FEMININO

Inscrição N.º 0006/95

Fonte: Fotografia da autora/arquivo de Baza/2020

Baza acompanhou quatro gestões na FPF e, claro, percebeu as mudanças no decorrer dos anos trabalhados. Hoje cada clube se responsabiliza em cadastrar suas atletas de forma eletrônica. “Os clubes estão mais preparados. Tem gente mais capacitada para registrar as atletas. Para fazer o futebol feminino não adianta ‘boniteza’, prepara o bolso para investir e ter dinheiro para gastar. Tem que treinar, ter campo disponível, ambulância em jogos”, lembra Baza, do básico que o futebol precisa, não apenas o feminino. “Não é todo mundo que está preparado para fazer isso”, ressalta.

2.5 A realidade em 2020 na cidade de João Pessoa

É difícil dizer, enquanto pesquisadora e admiradora do *futebol de mulheres*, que a situação mudou em relação à época em que Rejane e Gleide eram atletas. Mas mudou, é fato. No entanto, essa mudança caminhou a passos lentos e, não é, nem de longe, a situação ideal. O *futebol de mulheres* em João Pessoa é amador. Isso significa que as mulheres não recebem nenhum tipo de remuneração fixa para fazer o que fazem. Alguns clubes, como o Botafogo-PB e o Auto Esporte ainda mantém uma ajuda de custo para as atletas, que pode variar pela maneira como é feita e por quem é feita. Em contrapartida, times femininos de clubes como o Kashima e o Mixto, também de João Pessoa, sequer possuem sede fixa para dar suporte e assistência para as atletas. Neste tópico iremos abordar a situação atual das atletas do *futebol de mulheres* em João Pessoa e tentar compreender porque pouca coisa mudou em quase quarenta anos.

2.5.1 Botauto: realidades semelhantes, avanços diferentes

O grande clássico do futebol de João Pessoa é conhecido como Botauto, isto é, entre os times do Botafogo-PB e Auto Esporte. No *futebol de mulheres* podemos colocar os dois em situações semelhantes, mas que apresentaram avanços diferentes, afinal, o Botafogo-PB viveu uma hegemonia de quatro anos seguidos no pódio principal do Campeonato Paraibano de Futebol Feminino. Infelizmente, isso não representa avanço financeiro, mas acaba colocando o time em um patamar de mais visibilidade. Além disso, o time masculino do Botafogo-PB, conhecido na cidade como Belo, possui um investimento não só de patrocinadores, mas dos próprios sócios-torcedores muito maior que o Auto Esporte, que em 2019 disputou a Segunda Divisão do Campeonato Paraibano de Futebol Masculino e ficou em terceiro lugar no grupo do Litoral/Brejo, não chegando a disputar sequer a semifinal. O regulamento da competição não garante nenhum tipo de premiação em dinheiro, nem arrecadação durante o campeonato. Já o Botafogo-PB, em 2019, foi campeão paraibano (embora não haja premiação, o clube conseguiu angariar renda da venda de ingressos e do pagamento dos sócios-torcedores), disputou a série C do Campeonato Brasileiro (garantindo renda também com ingressos) e foi vice-campeão da Copa do Nordeste - campeonato que também lhe garantiu renda, além de ter uma torcida significativamente maior que a do Auto Esporte. Isso significa que o Belo tem um aporte financeiro muito maior que o Auto e que, com isso, consegue ampliar mais os seus investimentos.

Como os times femininos dependem do clube, essa dependência acaba girando em torno também do time masculino. Com isso, o Botafogo-PB feminino sai na frente do Auto Esporte. A grande virada para o time feminino Auto aconteceu em 2019, quando foi campeão paraibano

(embora sem premiação) e conquistou uma vaga para a série A2 do Campeonato Brasileiro. Isso deu ao time algumas garantias financeiras, principalmente no momento de pandemia do novo coronavírus, mas também alguns problemas foram constatados. Esses temas serão abordados mais à frente.

Para se ter uma ideia do quanto um clube pode arrecadar em um ano - e é importante falar sobre isso, porque os times femininos também são parte do clube e devem ser contemplados pelo faturamento - a depender da competição que o time participa (falando do masculino), usarei uma apuração jornalística que foi realizada pelo jornalista Pedro Alves[19], para o site globoesporte.com. Na reportagem, ele relata que, nos anos de 2019, o Botafogo-PB registrou a maior arrecadação de um clube da Paraíba em cotas de competições.

Segundo o jornalista, no ano passado, o Belo conseguiu bater o recorde do futebol paraibano e arrecadou um montante de R$ 5,31 milhões só com a Copa do Nordeste, por ter sido vice-campeão, garantindo o maior montante da história de um time paraibano em competição. Só em ter garantido a vaga na semifinal, o Botafogo-PB embolsou R$ 2,71 milhões.

Além da Copa do Nordeste, que foi a mais rentável para o time pessoense, outro campeonato, com importância nacional, também garantiu receita ao Belo. Na Copa do Brasil, em 2019, o time masculino eliminou o Operário-MS na primeira fase e também conseguiu garantir vaga na terceira, mas foi eliminado pelo Londrina. Com a soma da arrecadação das três fases, ainda conforme a apuração do jornalista, o Botafogo-PB garantiu R$ 2,6 milhões só pelo torneio nacional. O Campeonato Paraibano e a Série C do Campeonato Brasileiro, como explicado anteriormente, não renderam cotas aos participantes, mas garantiram alguma renda ao clube com a venda de ingressos e assinaturas de sócios torcedores. Importante lembrar que os valores da Copa do Nordeste fazem parte da Liga do Nordeste, enquanto que a arrecadação na Copa do Brasil acontece por parte da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

2.5.2 Times femininos: parte ou à parte?

Essa contextualização acima é importante porque é preciso analisar em que posição estão os times femininos dentro dos clubes. Nos casos expostos acima, os clubes apresentam seus times masculinos e femininos, mas claramente são tratados de forma diferente, justamente pela diferenciação entre um time profissional e um time amador. O Botafogo-PB e o Auto

[19] Disponível em: https://globoesporte.globo.com/pb/futebol/times/botafogo-pb/noticia/botafogo-pb-registra-a-maior-arrecadacao-de-um-clube-da-paraiba-em-cotas-de-competicoes.ghtml. Acesso em: 02 jun. 2020.

Esporte - e agora falo apenas dos times femininos - são os mais próximos quando falamos em evolução tanto na estrutura quanto nos auxílios que são repassados às atletas. Veja bem, são auxílios. Não falamos aqui em arrecadação, cotas ou montantes adquiridos. Isso porque, como não há profissionalização, as mulheres não conseguem receber salários para a prática do futebol. O problema vai desde a falta de patrocínios até uma administração tendenciosa e imatura de alguns clubes.

Começo pelo Botafogo-PB, time que existe desde 2009. Gleide Costa, atual técnica do time, explica que as atividades começaram quando o Walter Ataíde solicitou à Federação Paraibana de Futebol (FPF) a indicação da equipe para a disputa da Copa do Brasil daquele ano. A gestão do time iniciou, naquele momento, com a participação de Oddo Villar como diretor, Walter Ataíde na coordenação e Gleide Costa no comando técnico do time. Hoje, 2020, o time conta com 20 atletas no elenco principal e mais 34 na categoria de base, conforme explica Gleide.

Cerca de quarenta anos do surgimento do que se tem como primeira organização do *futebol de mulheres* em João Pessoa, os relatos da falta de auxílio ou remuneração ainda permanecem. Compartilhando os dados mais recentes, isto é, de 2019, já que a fase de treino e competições de 2020 foi interrompida pela pandemia do novo coronavírus, o Botafogo-PB forneceu, segundo a técnica do time, as ajudas de custo mensais, nas quais estava incluído o valor do transporte das atletas para o treinamento, sendo este disponibilizado de acordo com o calendário de preparação e competição da equipe. Gleide explica que o clube do Botafogo-PB tem uma política de priorizar e potencializar as atletas locais, isto é, da Grande João Pessoa. Portanto, geralmente não há alojamento para as atletas, observando que a maioria mora nas proximidades do Centro de Treinamento (CT). Apenas 25% das atletas que compõem o elenco são de outra cidade. Essas, ficam alojadas no próprio CT ou em algum apartamento que é custeado pelo clube.

A atual comissão técnica do time feminino do Botafogo-PB é composta por cinco pessoas, mas apenas Gleide Costa como mulher. Além dela, há um preparador físico e auxiliar, um estágio da preparação física, o preparador de goleiras e o roupeiro. No entanto, quando o assunto é gestão, apenas Gleide é a responsável. Ela responde pela Gerência do Futebol Feminino do Botafogo-PB e toma as decisões alinhadas com a presidência do clube.

Com o time ainda amador - como é a realidade de muitos do país - o Botafogo-PB enfrenta suas dificuldades. Com mulheres que muitas vezes vivem uma tripla jornada, para poder sustentar uma casa, estudar e ao mesmo tempo jogar futebol, os horários dos treinos são mais restritos. Acontecem à noite, três dias por semana, além do sábado à tarde. Para a técnica

Gleide Costa, não só a ampla jornada das atletas, mas também os treinos parcelados, dificultam um melhor desenvolvimento atlético. Para ela, a não profissionalização da modalidade é a principal dificuldade. O início de todos os problemas.

Mas por que o *futebol de mulheres* ainda não conseguiu sua profissionalização? Por que esse é o grande empecilho? É preciso problematizar essa questão, porque senão tende-se a caminhar por uma linha de raciocínio naturalizada de que o *futebol de mulheres* é maçante e chato - por muito tempo esse foi o argumento de muitas pessoas que diziam não gostar da modalidade, justificando que elas eram mais lentas e que muitas não apresentavam um futebol técnico. Por isso é importante avaliar algumas questões.

Uma delas, essencial, é a de que o futebol, no decorrer do seu desenvolvimento, incorpora o capitalismo. Com isso, ele se torna não apenas um esporte lucrativo, mas um espaço de entretenimento de bom investimento, tanto por meio de atletas individualmente quanto por meio de clubes ou times. Além disso, com o futebol transformado em um mercado, formar atletas tornou-se algo muito caro, que requer estrutura, salários, direitos, como toda e qualquer profissão. No entanto, essas questões não envolvem o *futebol de mulheres*. Os patrocinadores - apontados por muitos aqui ainda citados como grandes problemas para o impulsionamento da modalidade - não conseguem enxergar lucratividade no futebol de mulher, tornando tudo cada vez mais desigual. E, claro, isso também é um problema estrutural, que está calcado na explicação histórica e de senso comum de que o jogo de futebol por mulheres é chato.

Falam da desorganização tática, da capacidade física das atletas comparando aos homens, da velocidade e também da força física. Encontram justificativas sempre no biológico para explicar o social, o que está engendrado em uma sociedade que ainda sobrevive baseada na divisão sexual do trabalho. Pode-se até concordar, em certo ponto, que a capacidade técnica de algumas jogadoras não sejam tão admiráveis em campo. No entanto, é preciso contextualizar que essas mesmas atletas não possuem as mesmas estruturas de treino e de dedicação ao esporte como os homens, afinal, elas não vivem só de futebol. O futebol de base, que a maioria dos clubes do país nutrem em seus investimentos, é o que coloca como herança atletas que desenvolvem por um período maior de tempo capacidades cada vez mais habilidosas dentro do futebol. Mas, para as mulheres, o futebol de base ainda não é uma realidade generalizada. Quando se analisa alguns erros táticos em partidas de *futebol de mulheres*, muitas vezes é possível perceber que algumas atletas não tiveram a oportunidade do treinamento correto e profissional desde a infância. Dessa forma, desenvolver a atividade em condições excepcionais é ainda mais difícil e requer um esforço dobrado.

Por tudo isso e por um certo amadorismo também de alguns clubes, o *futebol de mulheres* é visto pelos brasileiros ainda como uma "pelada". Mas, é preciso analisar com clareza que o problema estrutural que está envolvido na sociedade está ligado também a falta de estrutura, responsabilizando os clubes nesse processo de desempenho das atletas. O alto nível depende não apenas de um bom treinamento ou de uma periodicidade, mas também de renda suficiente para que essas condições sejam favoráveis. É quando entram os patrocinadores e a distribuição justa da receita de um clube. A genética da mulher jamais será um problema para que ela se torne uma atleta de alto nível e rendimento. Um pouco mais a frente, será possível perceber, através das narrativas de vida de algumas atletas que, como temos visto, não é simples viver no *futebol de mulheres*.

No caso do Auto Esporte, o time feminino começa ainda mais tardiamente a disputar um campeonato. Apenas em 2011 é que o time alvirrubro participa do Campeonato Paraibano de Futebol Feminino, sendo vice-campeão. Em 2019 foi campeão paraibano, garantindo a vaga na Série A2 do Campeonato Brasileiro. Em 2020, o Auto Esporte contava com 27 mulheres no seu elenco, mas com dificuldades em se destacarem.

O principal auxílio que as atletas do Auto Esporte recebem não parte do clube. São bolsas de estudos de unidades privadas para que joguem pela instituição. Em 2020, segundo Guilherme Paiva, técnico do time feminino do Auto Esporte, cerca de 12 atletas recebiam o benefício. No mesmo ano, com o alastramento da pandemia do novo coronavírus, a CBF liberou uma verba de R$ 50 mil para cada time que estava competindo a série A2, como forma de auxiliar as atletas neste momento. O dinheiro chegou até o clube, mas apenas R$ 30 mil foi destinado às atletas e à equipe técnica. O restante, de acordo com a diretora de futebol feminino do clube, Sandra Marrocos, ficará guardado para, caso seja necessário, um novo repasse seja feito. Dessa forma, cada atleta recebeu uma parcela de R$ 900, dividido em três parcelas de R$ 300. Foi o único dinheiro que o time feminino do Auto Esporte recebeu. Por ser campeão paraibano, não houve premiação. O regulamento prevê apenas troféu e medalhas para as vencedoras do campeonato.

Guilherme Paiva é um grande incentivador do *futebol de mulheres* do Auto Esporte. O time não tem patrocínio e, muitas vezes, ele mesmo faz o custeio com aluguel e alimentação para as atletas. As universidades contribuem com algum apoio fisioterapêutico, explica Guilherme, mas ressalta que do próprio clube, as atletas não recebem nada. O processo, no entanto, vem se modificando e sofrendo alterações. Há cinco anos, por exemplo, Guilherme recebia atletas em sua própria casa, onde já vive as três filhas e a esposa. Depois, conseguiu um alojamento e ele também era o responsável pelo aluguel e outras questões financeiras, como

alimentação. Em 2019, com a necessidade de mais atletas, seis ficaram na casa dele e o restante ficou no alojamento, mas com a alimentação ainda garantida por ele. No apartamento, ficavam as atletas que estudavam em João Pessoa. Agora, parte das atletas ficam no clube e outra parte no apartamento alugado. Guilherme é também o responsável pelo transporte das meninas para a universidade. O dado mais atual é que, em 2020, 14 meninas estavam morando no apartamento e 12 na sede do clube, que fica no bairro de Mangabeira, Zona Sul de João Pessoa. "Eu sempre fiz isso porque gosto muito do que eu faço e eu queria ter isso como profissão, queria que fosse rentável. Minha intenção era fazer um investimento para fazer os frutos chegarem agora", explica Guilherme.

2.5.2.1 Kashima e Mixto: a realidade da maioria das atletas

O assunto agora é ainda mais complicado. O Clube Recreativo Kashima e do Mixto Esporte Clube, ambos também de João Pessoa, não possuem times profissionais masculinos. São realidades diferentes, mas em certo ponto ainda semelhantes, com as do Botafogo-PB e Auto Esporte, mas se precisam avançar, o caminho é ainda mais pedregoso. Trago aqui esses dois clubes justamente para mostrar que a situação pode ser ainda pior, dentro de uma mesma cidade e até de um mesmo campeonato. E apesar de tudo, o Kashima, por exemplo, tem a mesma quantidade de vitórias no Campeonato Paraibano que o Auto Esporte, teoricamente melhor estruturado.

O Kashima foi fundado, extraoficialmente, de acordo com o presidente do clube, Marcos Lima, em 12 de janeiro de 1999, há 21 anos. No entanto, apenas em 2006 é que o Kashima foi filiado à Federação Paraibana de Futebol. Portanto, considera-se que, oficialmente, o Kashima tem 14 anos de história com registro oficial. Mas a situação é bem mais precária. No tópico seguinte poderemos ver as narrativas de jogadoras também desses clubes, de modo que fica ainda mais nítida a realidade dura do atual *futebol de mulheres* em João Pessoa. O presidente relatou que o clube tem história com o futebol de base da Paraíba, com sede social no bairro do Cristo Redentor. No entanto, a sede é a casa da mãe dele. Não há campo próprio, por exemplo. Quando há competições e envolvem muitas atletas, o clube aluga alguma sede e se instala por temporada. Além do time feminino, o Kashima também tem times sub-13, sub-15, sub-17, juniores e o adulto amador.

Marcos Lima chama as ajudas de custo que são dadas no *futebol de mulheres* de João Pessoa para as atletas de "simbólicos apoios". São pequenas e nem podem ser chamadas de patrocínios. "Não se tem apoio financeiro da Federação, dos órgãos públicos (Governos do

Estado e Municipais). Com raras exceções, a iniciativa privada ainda ajuda algumas equipes, porém, não com frequência", é o que relata o presidente do clube, que não possui nenhum tipo de auxílio financeiro, nem para as atletas, nem para os membros da comissão técnica. Futebol "por amor" e por opressão do capital, que não enxerga no *futebol de mulheres* um potencial zona de investimento - por motivos já explicados anteriormente. "No Clube Recreativo Kashima, isso [apoios financeiros] tem sido feito de forma voluntária. Há casos em que eu, na qualidade de presidente, dou alguma ajuda às atletas e comissão técnica. Mas são valores simbólicos", declara o presidente.

No caso do Kashima, os treinos acontecem duas ou três vezes por semana, com bola, treinamento físico e também treino de fundamentos do futebol. Mas, como não há um calendário de *futebol de mulheres* na Paraíba, a não ser o Campeonato Paraibano, que geralmente acontece nos três últimos meses do ano, os treinos se limitam a poucos meses. Caso a equipe seja campeã, ela vai se preparar para a Série A2 Campeonato Brasileiro, possuindo mais tempo de atividade e treino. As demais equipes, conforme lembra Marcos Lima, ficam paralisadas e algumas só retomam às atividades um ou dois meses antes de começar o Campeonato Paraibano. O Kashima, para não deixar o time completamente inerte e à espera do próximo estadual, costuma realizar alguns amistosos e peneirões pelos municípios da Paraíba.

Em 2012, o Kashima se sagrou campeão paraibano de futebol feminino. Em 2013, representou a Paraíba na Copa do Brasil de Futebol Feminino, competição nacional que reúne os melhores clubes do país. Tudo isso, sem uma carteira assinada, sem uma garantia de futuro. O merecimento, portanto, Marcos Lima entrega a todas elas: "mesmo sem qualquer apoio, vestem, dignificam e honram as cores do [amarelo e preto] do clube".

O Mixto Esporte Clube, por sua vez, é mais antigo. O time feminino, no entanto, prematuro. O clube existe desde 1989, quando Marconi da Silva, hoje com 46 anos, decidiu, junto com outro colega, fundar o clube. Ele era jogador de futebol e este outro colega, seu treinador. Apesar de antigo, e de ter sido campeão na categoria sub-15 no mesmo ano de fundação, o clube foi desativado e só voltou às atividades oficialmente em 2004, com categorias sub-15 e sub-17. O time feminino só vem a ser criado, no entanto, 14 anos depois, em 2018, atuando no campeonato estadual e sendo vice-campeão neste mesmo ano e também em 2019.

Em 2018, quem levou o Mixto a ser vice-campeão paraibano foi Guilherme Paiva, o atual treinador do Auto Esporte. Em 2019, o protagonismo foi de uma mulher, Raquel Agra. Mas ela não permanece mais no clube. Em 2020, o técnico Cristiano Recife foi apresentado para comandar o time feminino.

O clube do Mixto não tem sede específica. O que existe é um escritório, que fica na casa de Marconi. No entanto, há um alojamento para as atletas, onde acomoda 11 jogadoras, no bairro de Mangabeira. Trata-se de uma casa com dois quartos e uma sala grande. Assim como o Auto Esporte, o Mixto faz parceria com escolas e universidades particulares para que elas possam estudar e se fixar na cidade gratuitamente. Segundo o presidente, as atletas chegam no início do ano e só retornam no fim do ano. Antes da pandemia do novo coronavírus, cinco atletas estavam no clube nessa condição de estudo. Com a paralisação das atividades, todas foram para casa. Ele explica que as que já chegam de outros clubes, há uma ajuda de custo negociada dentro da possibilidade do Mixto, já que chegam apenas para uma temporada. O restante das atletas recebe do clube alimentação, transporte, moradia e material. Todas recebem assistência médica, nutricional e psicológica, de acordo com Marconi. Tudo é buscado via patrocínio, mas sempre muito difícil. "Se eu fechar uma parceria com uma loja do produto de beleza, ele faz uma parceria para explorar a marca em cima da atleta e traz a atleta para a gente. Se eu for pagar, eu não tenho condições", diz o presidente. O clube trabalha com categoria de base e escolinha para meninos e meninas entre 8 e 14 anos.

O trabalho de treinamento do Mixto, conforme Marconi, começa nove meses antes do Campeonato Paraibano e, quando a competição se aproxima, ele se intensifica. No entanto, não há espaço fixo para treino. Algumas vezes treinam no Centro de Treinamento Ivan Tomaz, no bairro do Valentina, no Estádio Evandro Lelis (O Mangabeirão) ou, às vezes, até em algum campo com areal, se necessário. Os treinos acontecem cinco vezes na semana, intercalando espaços entre praia, campo e academia - que libera o espaço em troca de divulgação da marca - de fevereiro a outubro. Muito recente, o time feminino do Mixto só disputou o estadual.

É difícil, no entanto, julgar o trabalho dos presidentes de clubes como o Kashima e Mixto, que não recebem absolutamente nada para colocar as mulheres em campo. É um investimento pessoal em algo que acreditam que pode dar certo. A falta de interesse dos patrocinadores, que poderiam ser a porta de entrada para garantir o mínimo de dignidade ao *futebol de mulheres* na Paraíba, ainda é o grande problema estrutural.

2.5.3 Narrativas de vidas: mulheres no futebol de João Pessoa em 2020

O que dizem os representantes de todos os clubes mencionados até aqui é que se o *futebol de mulheres* de João Pessoa tivesse o mesmo apoio e investimento do futebol masculino, nada seria como é atualmente. Apesar de concordar, quero problematizar uma pequena questão para dar andamento às narrativas de vida das jogadoras, apresentando um panorama muito mais

elucidativo sobre a situação em que vivem. Quero mencionar a socióloga marxista Heleieth Saffioti (1976), sobre o feminismo emancipacionista - esse não é o nosso foco, mas a sua explicação para tal termo é fundamental para entendermos onde o *futebol de mulheres* quer e precisa chegar. O que se busca é uma sociedade em que os espaços de hierarquização não existam mais. Nos clubes de futebol, por exemplo, majoritariamente os times masculinos são mais privilegiados financeiramente que os femininos - e, sim, precisamos falar de capitalismo, porque é nessa sombra que vive o futebol. Com essa hierarquia, que parte de patrocinadores, de presidente e da própria sociedade sexista e patriarcal, ainda seremos o mesmo futebol moroso, mesmo atingindo o alto nível. O trabalho, para Saffioti, precisa ser visto para além da possibilidade, além da subsistência.

Com isso, Saffioti acaba relacionando o capital, que encontra na divisão de gênero uma das justificativas para hierarquizar o trabalho, com o patriarcado. Para a autora, existe uma eleição de sujeitos homens para implantar uma acumulação sobre todos os diferentes, incluindo, então, as mulheres. Para a autora, a razão do patriarcado está na divisão sexual do trabalho - clara e vidente quando falamos em futebol. É essa a primeira causa, segundo ela, da sociedade de classes. A partir desse momento, conforme Saffioti, o homem, envolvido na sociedade patriarcal, ser forte o suficiente para adquirir poder político e efetivo de modo que consegue dominar todos os contingentes que não forem iguais a ele. Dessa forma, trazendo para a realidade aqui exposta, percebe-se que a divisão social do trabalho e a dominação masculina sob os meios de trabalho ainda é evidente dentro do futebol e podem ser vistos como uma das raízes mais profundas para a tardia e lenta profissionalização da modalidade para as mulheres.

Apesar da autora concluir que existe uma hierarquização do trabalho entre classe, gênero e raça, ao longo dos seus estudos, ela afirma que a revolução só pode existir a partir da superação da divisão sexual do trabalho, que é, entre outras linhas, também superação dos papeis de gênero. Portanto, para que haja alguma mudança efetiva na situação que hoje é vista não só na Paraíba, mas em outros estados no que tange o *futebol de mulheres*, melhor que haja um redirecionamento daquilo que se entende por trabalho - que, para Engels (1896), se trata da fonte de toda riqueza e da condição básica de um indivíduo. Para ele, foi o trabalho que criou o homem.

O que estará exposto aqui são as visões das atletas sobre os próprios clubes onde atuam - ou atuaram. É a realidade vista e transcrita por quem vive na pele a falta de auxílio, assistência e investimento. Os relatos estarão divididos por clubes.

Botafogo-PB: estrela que vai e estrela que fica

Janicleide Silva dos Santos, 37 anos. No futebol, apenas Jane Santos. Certamente estaria aposentada do futebol, se fosse homem. Mas como é mulher, forte de origem e de resistência, é uma das melhores atletas do Botafogo-PB. A atleta que mais admira chama-se Formiga. Como não? Poderia ser diferente? Hoje com 42 anos, Formiga atua no time feminino do Paris Saint-Germain, na França, e já participou de sete Copas do Mundo de Futebol Feminino vestindo a camisa da seleção brasileira. "Ela [Formiga] é símbolo de garra e determinação. Ela sempre quer o jogo, a responsabilidade. E quando a gente quer, a gente tem que fazer as coisas acontecerem", justifica Jane, que tem em si um pouco de Formiga.

Como atleta de futebol, Jane é a maior campeã da Paraíba. Em títulos, ela perde apenas para Gleide Costa, que como atleta e técnica tem um a mais que ela. Sete para Jane, oito para Gleide. O resultado disso, para Jane, é dedicação, apesar de todas as dificuldades de estrutura e investimento. As decisões e escolhas no *futebol de mulheres* de João Pessoa são muito pessoais. Diria que é possível afirmar que fica quem realmente consegue enxergar uma luz no fim do túnel, seja ela qual for. Em dias de jogo, Jane só tem um foco: a partida. Chega cedo aos treinos e é a última a sair. Como não há investimento, salário ou uma ajuda de custo fixa, o que vai mudar entre uma atleta e outra, além da existência ou não de uma categoria de base, é determinação e força de vontade. A frase de Marta, citada mais acima, no fim da Copa do Mundo de 2019 diz muito sobre a necessidade que muitas atletas têm de superar a própria resistência da sociedade em aceitar o *futebol de mulheres*.

A história de Jane com o futebol começa aos 14 anos, oficialmente, quando participa dos Jogos Escolares pelo colégio que estudava, na modalidade de futsal (aqui, ela também foi campeã). Mas antes, sempre jogava bola com os meninos do bairro em um campo de barro. Talvez essa seja uma realidade semelhante em muitas histórias - inclusive na minha que, apesar de não ser atleta, pratico o esporte de forma lúdica, e consigo traduzir a minha infância em uma rua, uma bola, vários garotos e três meninas (eu, minha irmã e mais uma amiga). Jane era daquela que não perdia o futebol na televisão. Assistia sempre ao lado do pai, à noite, mesmo a mãe mandando que fosse dormir. Com a primeira vitória aos 14 anos, Jane entendeu que era aquilo que queria para a vida dela: ser jogadora de futebol. Quantas meninas dizem isso na infância? Quantas podem dizer? Quantas têm a chance de identificarem se gostam ou não de futebol? A divisão sexual do trabalho começa desde que nascemos, quando as roupas que vestimos dizem qual o nosso sexo, quando o brinco que usamos diz se somos menino ou menina, quando o brinquedo que recebemos indica se seremos donas de casa ou jogadores de futebol.

Nascida no interior da Paraíba, na cidade de Teixeira, Jane começou a morar em João Pessoa aos 7 anos. A família foi contra o caminho profissional que queria traçar. Sempre a alertavam de que futebol era para meninos e que as pessoas (os vizinhos) podiam criar fofocas sobre o assunto. No entanto, agora adulta e tão vitoriosa, a mãe começou a aceitar. Inclusive, vai aos jogos torcer pela filha, pelo time que defende. “No começo foi muito complicado, porque nenhuma família queria que a menina fosse jogar bola. Meninas tinham que brincar de boneca. E eu sempre fui de brincar de bola”, conta Jane.

A história de Jane no futebol paraibano acaba sendo bem semelhante à de Gleide Costa. Ela não disputa apenas o primeiro Campeonato Paraibano de Futebol Feminino, em 1995. Em 2008 foi campeã pela Portuguesa, em 2011 foi para o Botafogo-PB, quando também foi campeã estadual, em 2012 jogou e ganhou o Campeonato Paraibano pelo Kashima e voltou para o Belo em 2015, ganhando quatro estaduais seguidos, e é onde permanece como atleta até então. Ainda jogou a Copa do Brasil pela Portuguesa em 2009 e em 2010 e 2011 pelo Botafogo-PB. Em 2013 disputou o mesmo campeonato pelo Kashima e, em 2014 e 2016 pelo Botafogo-PB novamente. Também já disputou a Série A2 do Campeonato Brasileiro de 2015 a 2019 pelo Belo. Outro campeonato que também fez parte pelo Botafogo-PB foi a Taça Paulista de Futebol Feminino, semelhante a uma Copa do Nordeste, tendo em vista que reuniu times da região, com os melhores de cada estado - realizado pela Secretaria de Políticas Sociais de Esportes da Prefeitura de Paulista, com apoio da Federação Pernambucana de Futebol e da CBF, financiada também pelo antigo Ministério dos Esportes -, em 2018, terminando a edição em 4º lugar, perdendo para o Sport Clube Recife, entre 24 times.

As conquistas são muitas. Jane chegou em vários lugares do país com o futebol da Paraíba. Mas nunca foi beneficiada financeiramente por isso. No começo da sua carreira, ela conta que não recebia nada. A dificuldade era muito maior e os apoios não eram suficientes para uma atleta. Segundo ela, não tinha campo e os treinos aconteciam em campos sem estrutura. Diante disso, ela até consegue ver uma evolução. No caso do Botafogo-PB, time que defende atualmente, no começo a ajuda que recebia era para o transporte ao treino. Agora - mudança que ela considera ter acontecido há cerca de quatro anos - o clube ajuda não apenas com a passagem das atletas, mas também com algum patrocínio, que Gleide Costa, técnica do time, está sempre buscando, é uma quantia por jogo. Antes da pandemia, conforme o relato de Jane, cada atleta recebia R$ 10 para as passagens de ônibus e os valores recebidos por jogo dependia do campeonato e se a atleta era titular ou não. No Campeonato Brasileiro, a ajuda de custo era, normalmente, R$ 100 por jogo, no caso dela, que era titular. Além disso, o clube também fornece ajuda com medicamentos e equipe médica à disposição das atletas. No entanto,

está posto: para as mulheres, na Paraíba, não é possível sobreviver apenas jogando. É necessária uma renda financeira. “Eu acho que todas as atletas, além do futebol, têm que trabalhar. E passar o dia trabalhando e à noite ir ao treino, querendo ou não, desgasta a atleta. Hoje ninguém consegue viver do futebol feminino aqui na Paraíba”, confessa Jane. Com a pandemia, as atletas estão “paradas” e sem receber nenhum tipo de ajuda financeira. “As ajudas são só quando estamos disputando algum campeonato, dão um valor para quem é titular no jogo e um valor para quem é reserva.”

A atleta ainda consegue ver perspectivas para o *futebol de mulheres* na Paraíba. Para ela, falta apenas inventivo e um apoio maior dos clubes. A vontade de querer que a modalidade cresça. Como algumas atletas já tiveram a oportunidade de sair da Paraíba para jogar em clubes do chamado eixo Sul-Sudeste, Jane consegue ver uma melhora se aproximando. “No futebol feminino já é muito difícil, aqui na Paraíba, muito mais. Meu sonho é ver os clubes investindo no futebol feminino, dando mais valor, mais patrocínio, mais apoio. Queira ou não, a modalidade ainda é um pouco esquecida dentro da Paraíba”.

Jane não fez curso superior, mas concluiu o ensino médio - para ela, o chamado segundo grau. Trabalha em um escritório de empréstimo consignado, onde é secretária. Tem um filho de 18 anos que, inclusive, sempre foi contra a versão atleta da mãe. Jane é a estrela do Botafogo-PB que ficou no clube.

Já Lucilene Firmino Meireles, de Cruz do Espírito Santo, foi uma estrela que saiu para brilhar em outros clubes. É uma das pérolas do Botafogo-PB. Conhecida como Lu Meireles, de 32 anos, conheceu o futebol com o pé descalço no chão de barro ou grama natural, no sítio onde morava. Na adolescência participou de um programa social na sua cidade, o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, e recebeu a oportunidade de enxergar diversas modalidades, mas os caminhos a fizeram dedicar mais tempo ao futsal e também ao *beach soccer*. Nunca gostou muito de assistir jogos. Ativa desde pequena, queria mesmo era jogar bola. Antes de começar a jogar futebol de campo, tardiamente, inclusive, aos 19 anos, Lu obteve alguns títulos estaduais de futsal e futebol de areia, mas nenhum lhe dava visibilidade nacional. Encontrou no futebol a chance de alcançar maior visibilidade quando surgiu a oportunidade de jogar no Botafogo-PB. Antes disso, jogou no Treze Mil e Uma Ideias, de Guarabira.

Lu sofreu o mesmo que Jane. Quando jogava futebol, sofria preconceito por ser mulher, não apenas de pessoas desconhecidas, mas da própria família. Mesmo assim, passou dez anos jogando pelo Botafogo-PB e um ano pelo Treze Mil e Uma Ideias. Em 2018, tudo mudou. Recebeu uma proposta para jogar em São Paulo, na Ferroviária, onde passou oito meses. Depois, voltou para o Botafogo-PB, ainda disputou um Campeonato Paraibano e, em 2019, foi

chamada para o Flamengo, onde permanece atualmente. Pelo Botafogo-PB, Lu foi tetra campeã paraibana, foi artilheira em três edições estaduais e pela Ferroviária conseguiu chegar até as quartas de final do Campeonato Brasileiro. No Flamengo, já foi campeã carioca e ficou em oitavo lugar no Campeonato Brasileiro.

Nos anos que passou no Botafogo-PB, confessa que não teve custos, mas também não recebia salário, afinal, o time era e ainda é amador. Quando foi pra São Paulo jogar pela Ferroviária, começou a ganhar salário e recebia ainda alojamento, alimentação e o clube era responsável por todos os gastos em campeonatos. O salário não era tão bom, mas foi o primeiro passo para entrar na vitrine do futebol feminino do Brasil. Quando chegou ao Flamengo, tudo mudou. Hoje consegue dizer que vive de futebol, do salário que recebe, e essa foi sua maior conquista. Paga as contas, vive confortavelmente, mesmo sendo uma cifra que mal chega perto do que recebe um jogador homem. Além do salário, no Flamengo, Lu tem plano de saúde, assistência completa que uma atleta precisa, alimentação e hospedagem.

Mas nem tudo foi assim. Lu Meireles é formada em Educação Física desde 2013 e, em João Pessoa, para poder conseguir jogar futebol, precisou trabalhar em várias áreas, como ginástica, treinamento de iniciação ao futsal, projetos da prefeitura e *personal trainer*. Em João Pessoa, conciliava os estudos com o trabalho e o futebol. Enquanto estava em competição, treinava três vezes por semana, o que, para Lu, era pouco e deixava o time em desvantagem. A realidade era isso, na ótica da atacante do Flamengo, por falta de incentivo, oportunidade e investimento, porque há qualidade no futebol paraibano e grandes promessas que podem sair do estado para outras regiões do país. Com a derrota do Botafogo-PB no estadual de 2019 e analisando uma final difícil em 2018, mesmo com vitória, Lu avalia que o *futebol de mulheres* na Paraíba tem tudo para crescer e está crescendo, evoluindo, apresentando outras campanhas também eficientes.

A estrutura, sem dúvida, foi a principal diferença percebida por Lu quando chegou para treinar no futebol do Rio de Janeiro. “O Flamengo é um time que dá totais condições para jogadoras: treinar com 40 bolas, ter um preparador físico, assistente físico, preparador de goleiros, médicos, fisioterapeutas, campos todos os dias e a qualquer hora, material”, além da hospedagem e alimentação acompanhada por profissional. Segundo Lu, na Paraíba, os treinos duram, em média, uma hora e meia, mas não tem o suporte de alimentação, suplemento alimentar, salário, campo disponível durante todo o dia. Aqui, as jogadoras precisam trabalhar para conseguirem jogar. Isso, somado à falta de apoio e de estrutura, reflete no resultado de um time.

No Flamengo, futebol é trabalho. Lu trabalha quatro horas por dia. “É muito desgastante”, revela. Sua rotina é treinar de duas a três horas pela manhã, com pausa para o almoço, e um treino à tarde na academia, de segunda a sábado. O domingo e o sábado à tarde são os momentos de folga. Treinam amistosos com as categorias masculinas do sub-17 e sub-20, garantindo, segundo Lu, uma rotina árdua. “Tem dias que chega na quinta-feira, o corpo está tão desgastado que você sobe as escadas segurando o corrimão. Meu tempo é todo dedicado ao futebol”, inclusive o descanso. O cansaço, em João Pessoa, também era grande, mas sentido de outra forma. Trabalhava dois turnos, depois que conseguiu se formar, parava apenas para almoçar e à noite ia treinar. Cansada, o rendimento não era o mesmo. Mas Lu nunca desistiu e, inspirada em sua própria luta, nas suas próprias batalhas, traçou seu caminho. Sem pessoas que pudessem filmar seus treinos ou jogos, ela mesma, com a ajuda de uma amiga, compartilhava seu talento com imagens feitas por um celular.

O salário para Lu ainda não é o desejado, e realmente não deve ser. Afinal, quando se fala em futebol pensamos imediatamente em valores milionários, salários altíssimos. Mas para o futebol feminino essa ainda não é uma realidade. No entanto, diante da realidade da Paraíba, Lu vive um sonho. Ganha salário, tem carteira assinada, recebe todos os direitos trabalhistas e pode dizer a quem quiser que o seu trabalho é jogar futebol. O mais bonito da história de Lu Meireles é que ela está realizada com o momento que vive. Como talvez toda jogadora de futebol, ela também tinha o sonho de jogar na seleção brasileira. E foi convocada. Ela foi a primeira atleta paraibana a conseguir o feito de ser convocada para a seleção principal de futebol feminino. Ela passou por uma semana de treinos no Centro de Treinamento da Confederação Brasileiro de Futebol (CBF), em agosto de 2017, quando ainda jogava no Botafogo-PB. A intenção da comissão técnica da seleção era observar novas jogadoras.

Hoje Lu Meireles não sofre mais o preconceito familiar que sofria no começo. Vive e sobrevive do futebol, tem todo o apoio da mãe e da família. É orgulho para todos. Mas até chegar no Flamengo, isso não existia. Com fome de gol e sendo até chamada por alguns de “fominha”, por só pensar no ataque. É a estrela do Botafogo-PB que brilha agora em outros gramados.

Auto Esporte: entre ausências e constâncias

A história de Jéssika Souza Gouveia, ou só Jéssika, de 26 anos, no futebol, é muito parecida com a de outras atletas. Desde pequena se identificava com o esporte. Passou a infância jogando bola na rua, na escola em que estudava e também grudada na tela da TV. Prefere dizer que a paixão pelo futebol nasceu junto com ela. Na adolescência, ela também começou no

futsal. Jogando com meninos em uma quadra de escola pública, foi vista por um professor e recebeu a proposta de ganhar uma bolsa de estudos em uma escola particular para representar a instituição nos Jogos Escolares. Desde então, conquistou todos os estudos por meio do esporte. Quando teve a oportunidade de jogar um Campeonato Brasileiro Universitário, já na juventude, começou a praticar o futebol de campo. Incentivada pela família, diferente de muitas atletas, Jéssika tinha apoio em todos os jogos.

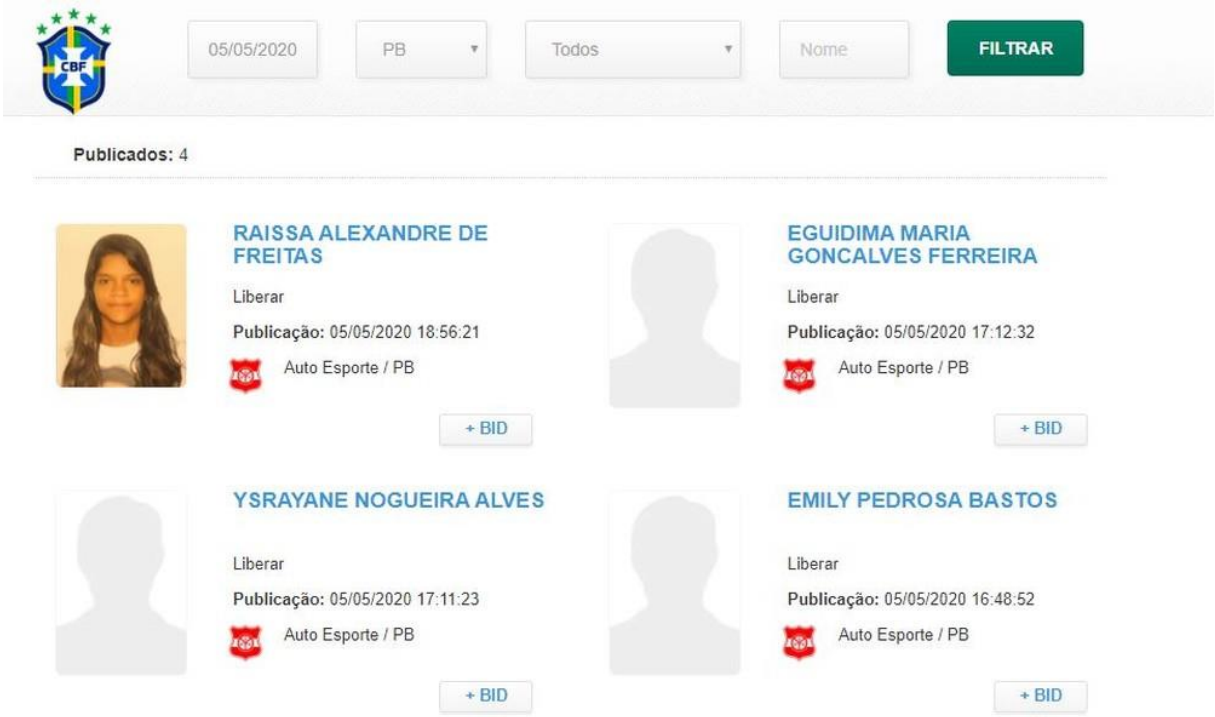
A atleta já jogou pelo Kashima, Internacional de Cruz do Espírito Santo e, atualmente, joga no Auto Esporte, time com o qual foi campeã estadual. Por conta disso e por estar disputando a Série A2 do Campeonato Brasileiro, recebe R$ 100 para entrar na partida. As que ficam no banco de reservas e não jogam recebem R$ 50. No entanto, para os treinos e para os jogos, não há ajuda de custo. Essa história, embora repetida, é uma realidade latente. Desde que começou no futebol, nunca recebeu nenhuma assistência. “Era mais pelo ‘amor’ ao esporte mesmo”, confessa. O famoso “amor” mascarado de divisão sexual do trabalho e opressão de gênero que tenho destacado ao longo desta pesquisa. Além da falta de ajuda, segundo Jéssika, não há campo para treinar. Os treinos da pré-temporada acontecem na praia, como preparação física, e depois vão para um campo treinar a parte tática e técnica. No entanto, os treinos acontecem, nesses momentos, de segunda-feira a sábado. De assistência médica, confessa que possuem apenas fisioterapeutas.

Jéssika vive a tripla jornada de trabalho. Formada em Educação Física e com um curso de fisioterapia suspenso devido a gravidez, concilia o futebol com os cuidados da filha de dois anos e o trabalho. É casada e, por isso, tem as tarefas de casa e as obrigações com a filha divididas com o marido. “Fica muito cansativo, mas a paixão pelo futebol não me deixar parar”. Para piorar a situação, além de tudo que as atletas e os dirigentes já abordaram, Jéssika lembra de uma questão importante: o calendário de competições. Como só há o Campeonato Paraibano, além do pequeno ritmo de treino, poucos patrocinadores se aproximam para investir. “Como alguém vai querer investir em você e te patrocinar se a marca dele quase não vai ser exposta? Fica muito difícil”, destaca bem.

Ysrayane Nogueira Alves, conhecida por “Cabelinho”, de 18 anos, era companheira de Jéssika no Auto Esporte. Era, porque no dia 5 de maio foi dispensada do clube (Figura 5). Para entender essa história é preciso voltar para o momento em que o Auto Esporte passa a ganhar uma quantia de R$ 50 mil para custear atletas e comissão técnica devido a pandemia. Antes de contar o que aconteceu, Ysrayane lembra que tudo era muito difícil. Para serem campeãs, muitas vezes precisavam buscar um campo para treinar. As atletas tiveram acesso à Série A2 do Campeonato Brasileiro, realizaram o primeiro jogo contra o Náutico, em Recife-PE e

garantiram a vitória. Impossibilitadas de continuarem o campeonato, a CBF disponibilizou a verba. Ysrayane conta que o dinheiro, em cheque, já estava no clube há alguns dias e não havia sido descontado. A diretoria queria pagar R$ 300, conforme relato da atleta. Não concordando, ela falou no grupo de WhatsApp da diretoria, todas as atletas concordaram que era injusto e pouco dinheiro. Ela então cobrou pelo pagamento, mas teve como resposta que não tinha direito a opinar.

Figura 5 - Liberação de Ysrayane e mais três atletas do time feminino do Auto Esporte



Fonte: Reprodução/CBF

Além de Ysrayane, outras três jogadoras foram desligadas no dia 5 de maio. Duas delas, Ysrayane Alves e Emilly Pedrosa Bastos, ouvidas em uma reportagem do globoesporte.com asseguraram que a demissão foi uma represália do presidente Helamã Nascimento pelos questionamentos sobre o destino do valor doado pela CBF. Além das atletas também foi desligado do clube o auxiliar-técnico Léo Baiano, que atuava no time feminino. Ele contou ao globoesporte.com[20] que "houve problemas no diálogo para a divisão do valor. Léo disse que custeou alimentação e outras despesas das jogadoras em 2019 junto com o técnico Guilherme Paiva sem auxílio do clube." A informação foi corroborada, durante esta pesquisa, pela atleta

[20] Disponível em: https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/das-ameacas-a-atletas-a-verba-da-cbf-retida-pandemia-escancara-amadorismo-do-futebol-feminino.ghtml. Acesso em: 08 jun. 2020.

Ysrayane Alves. Segundo ela, o clube forneceu às atletas apenas alojamento. Alimentação e outras despesas eram garantidas pelos Por Léo e Guilherme, tecnicamente a frente do time. A ajuda de custo que recebia, assim como outras atletas, era por jogo. Além de passagens para ir e voltar da faculdade ou para voltar para casa, em momentos de férias.

Mas Ysrayane fez história no Auto Esporte. Afinal, conquistou o título estadual e a oportunidade de jogar o Campeonato Brasileiro. Sua história com o futebol começa aos 15 anos, em Recife, no Campeonato Pernambucano. A jovem de poucos 18 anos é de Pernambuco e veio morar em João Pessoa para jogar no time automobilístico e cursar Educação Física em uma universidade particular, com bolsa para jogar defendendo o time da instituição. “Saí de casa com 16 anos e de lá pensei que eu ia jogar futsal, mas eu já tinha muito amor pelo campo, porque sempre joguei muito com os meninos. Em João Pessoa fui direto para o futebol”, conta.

Diferente de muitos relatos, Ysrayane viveu o futebol ao lado da família. No mundo ideal de desconstrução, mas também de realidade para a atleta, a mãe jogava bola, assim como o pai. Ysrayane já nasceu com esse amor pelo futebol. Estava no DNA. Mesmo com poucas oportunidades, a família sempre acreditou que ela poderia sair de casa e jogar em outro time. E conseguiu. “Minha família me apoiou porque meu sonho é o da minha família também. Meu pai é apaixonado por futebol, minha mãe nem se fala. E isso me ajudou muito porque eles sempre me motivaram e sempre estiveram comigo independente da decisão.” Em João Pessoa, Ysrayane jogou no Kashima (2018, quando jogou a Taça Nordeste), no Mixto (também em 2018) e no Auto Esporte (2019), mas ainda teve uma passagem pelo Campinense, em Campina Grande.

Como a maioria das atletas do futebol, entre homens e mulheres, o maior sonho de Ysrayane, que ainda vê crescimento no futebol paraibano, mas acha que falta visibilidade para crescer, é tornar-se uma grande profissional na modalidade para ajudar a família. Além, claro, de chegar na seleção brasileira de futebol feminino. Tem em Marta a sua maior inspiração, uma mulher que foi em busca dos seus sonhos, que também deixou a família muito nova e chegou alto, longe.

Procurei o citado presidente, Helamã Nascimento, para conversarmos sobre o *futebol de mulheres* em João Pessoa. Ele se restringiu a pedir que as minhas perguntas fossem enviadas por e-mail, mas nunca as respondeu, mesmo com certa insistência minha através de mensagens.

Mixto: a dupla jornada

Priscila Dallas Freitas do Nascimento, natural de João Pessoa. Dallas tem 26 anos e teve uma infância recheada pelo esporte. Essa parece a realidade da maioria das atletas paraibanas

de futebol: um grande percurso por outros esportes, para se encontrarem no futebol de campo - apesar de todas as dificuldades. Sempre gostou de competir e de aprender, então jogava bola desde com os amigos, na rua, até na escola. Também frequentava estádio, o que para muitas crianças e adolescentes mulheres é algo difícil nessa faixa etária. As mulheres conhecem a arquibancada, normalmente, de forma muito tardia, mas também é comum se apaixonarem à primeira vista. A história de Dallas no futebol começou aos 14 anos quando ganhou a primeira bolsa de estudos em uma escola para competir pela instituição. Foi quando começou a perceber que poderia avançar em suas conquistas. Ganhou competições importantes pela instituição, viajou para vários estados para competir futsal e, assim, aumentou suas participações nos campeonatos. A família apoiava, mas sempre questionando se o futebol realmente poderia ser algo vantajoso para ela.

Em 2014 entrou no Kashima, onde começou a competir e participar de competições importantes a nível estadual e nacional. Nos anos de 2015, 2016 e 2017 jogou pelo Botafogo-PB, sendo, portanto, campeã estadual nos três anos e tendo a chance de competir na Série A2 do Campeonato Brasileiro e atualmente defende a camisa do Mixto Esporte Clube.

Em nenhum dos clubes, claro, recebeu salário, devido ao amadorismo do *futebol de mulheres* na Paraíba. O que recebe são ajudas de custo para suprir os gastos eventuais. “Atualmente, alguns clubes oferecem passagens, hospedagem, alimentação e outros extras para podermos treinar e competir. Os clubes chegam a oferecer no máximo R$ 100 reais por jogo, caso entrem na partida. Caso seja apenas escalada e fique no banco, chegam a dar entre R$ 30 e R$ 70 reais. Não definem valor fixo mensal, apenas no tempo da competição”, relata.

Dallas conta que houve um momento em que apenas as atletas que eram de outros estados ganhavam alguma ajuda de custo. Hoje, segundo ela, todas recebem alguma coisa, mas nenhum valor fixo. Os treinos, ela conta, sempre antecedem as competições. No Mixto acontece seis meses antes da competição, de dois a três dias por semana, e quando a competição se aproxima, aumenta a periodicidade. Não há sede, nem campo específico. Os treinos acontecem em campos, academias e praças diversos pela cidade. Além disso, Dallas revela que o clube não dispõe de assistência médica para as atletas.

Hoje é formada em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal da Paraíba e cursa Bacharel na mesma área. Trabalha e consegue conciliar os esportes com a profissão porque tem um veículo próprio que facilita sua locomoção. “Coloco as coisas na mochila e saio”. Para melhorar, no entanto, só vê uma solução: que os clubes criem suas equipes de base para treinar e fortalecer o *futebol de mulheres* desde a infância. Um incentivo para que

as meninas pratiquem o futebol desde muito cedo. Seu sonho ainda não se realizou, que é seguir os passos da sua maior inspiração, a jogadora Formiga, e jogar em algum clube da Europa.

Kashima: a dura realidade

Kethellin Peres Dos Santos ainda é jovem, tem 22 anos, nasceu e mora em João Pessoa. Conhecida apenas por Kethellin no futebol, a atleta percebeu ainda aos dez anos que o seu sonho era jogar futebol e poder sobreviver dele. Antes disso, jogava bola com os amigos da rua, acompanhava partidas na televisão e também participava de competições na escola. O incentivo maior partiu do pai, que tem um projeto de futebol para crianças. Foi onde começou a treinar e a se apaixonar pelo esporte. Mas isso não a livrou de críticas, nem sequer da família. Hoje, participando mais ativamente de competições, recebe apoio completo dos familiares.

Jogou alguns campeonatos de bairro e o Campeonato Paraibano de 2019 pelo Kashima, onde terminou em 5º lugar pelo clube. A situação financeira, no entanto, ainda é um problema, já que não ajuda nesse sentido. É até complicado usar a palavra "ajuda" nesta pesquisa com tanta frequência, pois corre-se o risco, como tudo que se usa com frequência, de naturalizar a expressão. Dizer que as mulheres recebem uma ajuda para jogar futebol é como se fosse algo especificamente para usufruto pessoal. No entanto, treinam e jogam para defender e, de certa forma, fazer um clube crescer. É uma via de mão dupla onde, muitas vezes, nenhum recebe. Falar em ajuda e, como muitas usam, ajuda de custo, é jogar nas mulheres a única responsabilidade e vontade de querer que o *futebol de mulheres* simplesmente aconteça. Kethellin explica que as atletas do time custeiam as saídas para os jogos com dinheiro próprio ou com ajuda do presidente, Marcos Lima, que também precisa tirar do "próprio bolso". Não há patrocínio sequer da prefeitura ou Governo do Estado, como acontece nos times masculinos da Paraíba. "O direito tem que ser para todos, independentemente de qualquer coisa." Os treinos aconteciam, em 2019, assim como no Mixto, em campos diferentes.

Kethellin tem apenas o ensino médio completo, não tem ensino superior e, em meio a pandemia, perdeu o emprego. Apesar das dificuldades, sonha como garotas e mulheres, que o *futebol de mulheres* no Brasil seja reconhecido e que possa se tornar uma jogadora profissional, assim como sua maior inspiração, a atacante Marta.

Contar a história dessas mulheres pode parecer até um pouco repetitivo. É possível perceber que desde a infância todas tiveram contato com o futebol, a maioria foi repreendida e apenas uma foi valorizada pelo talento com a bola nos pés, uma no meio de milhares que não foram citadas aqui. O *futebol de mulheres* em João Pessoa incorpora a pelada para muitos patrocinadores e para o próprio Governo do Estado e Prefeitura da cidade. Os times masculinos

recebem apoio e incentivo, enquanto as mulheres recebem ajudas de custo, muitas vezes dos seus próprios treinadores. Para se ter uma noção da desvalorização, em 2020 foi aprovado na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), no dia 13 de maio, o Programa de Incentivo ao Esporte Paraibano. Ele é divido em Paraíba Esporte Total e Bolsa Esporte. O primeiro é destinado ao futebol profissional masculina que disputa a primeira divisão do Campeonato Paraibano, principalmente. O Bolsa Esporte trata-se de uma quantia que é paga pelo Estado para alguns atletas em formação. No entanto, o programa foi aprovado sem inserir o *futebol de mulheres*. O questionamento que fica é se realmente houve evolução no *futebol de mulheres* de João Pessoa. Se as ajudas que hoje acontecem, não são as mesmas que antes aconteciam, mas com uma menor frequência. A invisibilidade permanece ativa.

Concluo, portanto, incluindo o *futebol de mulheres* dentro da perspectiva de drama social teorizada pelo antropólogo Victor Turner (2008). Para o autor, o drama social é um processo sem harmonia que surge em uma situação de conflito. Ele apresenta quatro fases, fácil de perceber e entender quando trazemos para o *futebol de mulheres*. A primeira fase é a ruptura - que significa o descumprimento de alguma norma. No caso aqui estudado, a ruptura acontece quando o decreto de 1941 é publicado e, mesmo assim, é possível ter registros de mulheres que continuam a prática do futebol, ainda que em proibição. Em seguida, há a crise, que nada mais é que a insistência na ruptura, aqui visto como a tendência de persistir no jogo e na modalidade, em busca da visibilidade e da profissionalização, reivindicando direitos iguais. Portanto, há uma intensificação da ruptura.

A terceira fase do drama social é a ação corretiva, segundo Turner (2008), tratando-se de uma forma de restauração da crise e ruptura criadas anteriormente. Quando o decreto que proíbe a pratica de futebol por mulheres é derrubado, alguns investimentos, embora poucos, começam a acontecer no *futebol de mulheres,* e a regulamentação da modalidade acaba se tornando também uma ação corretiva. Por fim, a fase de reintegração é um constante movimento. A manutenção da mulher no futebol e a profissionalização, em alguns casos, é uma forma de fazer manter a ação corretiva antes realizada. O resultado é visto pouco a pouco, com a equiparação de salários em algumas estruturas e o aumento da atenção e das discussões sobre a igualdade entre os gêneros no futebol.

3 ARQUIBANCADA - NARRATIVAS DE MULHERES DIRETORAS DE TORCIDAS ORGANIZADAS

Depois de apresentar o *futebol de mulheres* de João Pessoa, começo agora uma exposição a respeito do *futebol de mulheres* na arquibancada. Para isso, escolhi três torcidas como abordagem da presença de mulheres em suas diretorias. No entanto, antes, é importante que se conheça um pouco a história de cada uma, onde estão inseridas e de que modo essa discussão deve ganhar forma.

Escolher a Império Alvinegro 1931 – A Resistência – foi algo natural, tendo em vista que eu já tinha companheiras e companheiros dentro da torcida que me deixaram mais à vontade para me inserir no cotidiano do grupo. Além disso, é a maior torcida organizada da Arquibancada Sombra, portanto, não haveria motivos para deixá-la de fora do estudo.

A Torcida Jovem do Botafogo-PB também apresenta certa obviedade na sua escolha, tendo em vista que se trata da torcida mais antiga do clube. Além disso, na Arquibancada Sol, é ainda a mais ativa e atuante. Com isso, formo os meus objetos de estudo: as mulheres diretoras das duas torcidas citadas acima.

Compreendendo o que diz Magnani (1998, p. 197), as torcidas apresentam e vivenciam realidades diferentes, mas contemplam o mesmo meio e um mesmo objetivo: torcer pelo Botafogo-PB. Suas diferentes formas de expressão seriam, portanto, complementares "de um mesmo universo simbólico."

Quero, no entanto, antes de adentrar na questão individual de cada torcida, dar início a uma discussão sobre sociabilidade, que será mais aprofundada no capítulo seguinte. Aqui quero propor apenas uma reflexão para pensarmos o termo "torcida organizada".

A noção geral de sociabilidade, que faz relação com as torcidas – não apenas a sociabilidade entre elas, mas também entre elas e a sociedade e entre elas e o time de futebol – pode se dividir entre redes, civilidade e civilização, conforme indica González (2007) a partir da discussão de Baechler. Quero aqui abordar algumas questões a respeito. Para Baechler, as redes são como "os laços mais ou menos sólidos e exclusivos, que cada ator social estabelece com outros atores, os quais estão também em relação com outros atores, e assim por diante" (1996, p. 77). O que diz o autor faz muita relação com o estudo aqui presente. Afinal, as torcidas organizadas nada mais são do que produtos de uma outra relação, aquela que o clube ou time de futebol cria com o seu grupo externo, sua torcida (agora entendida de uma forma mais ampla). Essa relação, portanto, se estreita, formando laços exclusivos, como explica Baechler,

e uma parte da torcida se organiza como grupo sólido. Os laços sociais seriam, então, o objetivo dessa sociabilidade.

Sobre civilidade, há muito o que se discutir quando o assunto é torcida organizada. As torcidas são, por si só, estigmatizadas pela sociedade. Não apenas na Paraíba, mas em todo o Brasil, muitos torcedores que fazem parte de organizadas são vistos como “marginais”. Mas o conceito de civilidade de Baechler (1996) deixa claro que o termo indica a reunião de pessoas em espaços sociais onde se mostram indivíduos civilizados. Mas o que seria, então, ser civilizado? De uma forma resumida, seria se comportar a partir de boas maneiras, com boa convivência, dentro de uma mesma sociedade. Para definir melhor, é possível aplicar algumas medidas, como formalidade, organização. Então não seriam as torcidas organizadas civilizadas, se levássemos ao sentido literal? Afinal, além do nome “torcida organizada”, os grupos estão reunidos com a função de organizar um grupo de pessoas a favor de um time de futebol. Na verdade, a desorganização vai de encontro aos objetivos de uma torcida organizada, principalmente quando você acompanha todo o protocolo necessário para que entrem no estádio enquanto “organizadas” – os detalhes sobre essa rotina serão tratados no capítulo seguinte. Para Baechler, a sociabilidade pode ter como objetivo a simples vontade e prazer que os atores sociais têm de estarem juntos de forma organizada. Essa, portanto, pode ser, para mim, uma boa definição para o termo “torcida organizada”.

No entanto, é ainda como outsider que elas são tratadas. Aciono o sociólogo Howard Becker para mostrar como em toda parte – e nas torcidas organizadas isso se potencializa – pessoas são tratadas de uma forma diferente ou desviante daquilo que outras julgam como “errado”, a partir de atitudes que não devem ser feitas ou não são socialmente aceitas. No entanto, essas pessoas, normalmente, acionam certas atitudes para serem quem são, o que se torna, para alguns, o descumprimento de algumas regras. Para Becker (2008, p. 15), em uma definição inicial, a tradução de "outsider" significa "marginais e desviantes". Marginais no sentido de estar para além das margens de determinada fronteira ou limite social.

Mas ele prossegue com uma definição melhor para o termo. Becker (2008) parte do pressuposto de que todos os grupos sociais criam regras e, em certos momentos e em determinada situação, essas regras são impostas. São regras sociais que definem o comportamento e especifica as ações como certas e erradas. E então, a pessoa que infringir essa regra é vista como alguém que não quer viver de acordo com o que é imposto por aquele grupo. Então essa pessoa é encarada como outsider. Normalmente, o outsider é tratado como um ser desviante. E para Becker (2008), para que um ato seja ou não desviante, vai depender de como outras pessoas reagem a ele. Além disso, o grau em que um ato será tratado como desviante

depende também de quem o comete e de quem se sente prejudicado por ele, afinal, regras tendem a ser aplicadas mais a algumas pessoas que a outras. Por exemplo, se um torcedor que não está uniformizado por uma torcida organizada comete uma infração, algo proibido em determinado estádio, ele será menos penalizado do que um torcedor de torcida organizada. Isso porque a criminalização do grupo já está inserida na sociedade como algo natural. O torcedor comum é um estabelecido, enquanto que o que compõe uma torcida organizada é o outsider.

Os estabelecidos, por sua vez, exercem uma certa forma de poder sobre os outsiders. São aqueles que estão fixados no espaço e não são vistos como desviantes. Conforme Elias (2000), o tabu que é criado, por exemplo, em cima das torcidas organizadas, acontece devido a um controle social mantido, penso eu, pelos próprios outros torcedores. Embora, muitas vezes, torcidas como a Império Alvinegro sejam vistas como amistosas, muitos torcedores não frequentam a Arquibancada Sol por pura superioridade e senso de exclusão em relação ao grupo que ocupa aquele espaço. Embora haja essa definição e distinção entre os dois conceitos, Elias destaca que os dois estão separados e unidos, ao mesmo tempo, pela desigualdade da interdependência.

Tudo isso está interligado com o que Baechler (1996) falou sobre civilidade. As torcidas organizadas, mesmo com suas regras, na visão da sociedade de um modo geral, são vistas como desviantes, como pessoas que destroem a moralidade ou instauram a baderna. A torcida organizada trabalha conforme uma “ação coletiva” detalhada por Becker (2008). Segundo ele, "uma pessoa tenta adequar sua própria linha de ação às ações de outras, assim como cada uma delas ajusta suas próprias ações em desenvolvimento ao que vê outro fazendo e espera que façam". O resultado disso, Becker chama de ação coletiva. No entanto, para pessoas que enxergam a torcida organizada como um grupo criminalizado, a ação coletiva é vista como um desvio, isto é, um conjunto de atitudes que vão sendo repassadas em cadeia para todos do grupo, criando uma desorganização coletiva. Em relação às duas torcidas entre si, a Império acaba sendo entendida como estabelecida, por ocupar o espaço tido como civilizado, enquanto que as torcidas da Arquibancada Sol seriam os outsiders, pois, no senso popular, apresentam um aspecto desviante das regras de moralidade e civilidade.

Torcer, no entanto, antes de ser entendido como uma ação, precisa ser visto como identidade social. É uma forma de pertencimento não apenas ao clube, ao qual o torcedor decreta lealdade, mas também à cidade. O antropólogo Arlei Sander Damo (2002) introduz uma ideia que acho interessante para começarmos e introduzir as atividades das torcidas. Para ele, desprezar o futebol é como se despir, portanto, o futebol passa a ser visto como uma linguagem, como uma forma de explicar minimamente a sociedade. Falar sobre torcida e,

consequentemente sobre futebol, aqui numa ótica de gênero, raça e classe, é também falar de identidade – principalmente regional.

3.1 A Torcida Jovem do Botafogo-PB

A Torcida Jovem do Botafogo-PB (TJB) foi criada em 23 de março de 1997, sendo, portanto, a torcida organizada mais antiga do time alvinegro da cidade de João Pessoa. De acordo com o atual presidente da torcida, Wilson Andrade – conhecido como Neto, a torcida foi criada por um grupo de amigos. Phelipe Caldas de Carvalho (2018), jornalista e antropólogo, conta que a torcida sempre esteve organizada na Arquibancada Sol e passou por diferentes fases desde o seu surgimento. No início, o motivo era assistir aos jogos do Botafogo-PB, no entanto, a paixão transformou-se em incentivo ao time. "O objetivo sempre será esse", é como Neto destaca.

Paulo Soares foi um dos integrantes que primeiro fizeram parte da TJB. Quem conversa com ele Phelipe Caldas (2018) em sua dissertação intitulada “O Belo e suas torcidas: um estudo comparativo sobre as formas de pertencimento que cercam o Botafogo da Paraíba”. Paulo conta o seguinte:

> Começamos a assistir aos jogos juntos, sem muita pretensão. Aí, de repente, tivemos a ideia de confeccionarmos uma faixa. Arranjamos o tecido, pintamos nós mesmos a inscrição, e no jogo seguinte a afixamos no alambrado do estádio. De repente as pessoas foram chegando, somando-se a nós, criando um grupo fixo, crescendo cada vez mais – destacou.

Quando a torcida foi crescendo, foi criada uma diretoria e, de pouco a pouco, a TJB se organizou e se profissionalizou. Como as torcidas maiores, viajou e continua viajando para acompanhar o clube em outras cidades, às vezes outros estados. Adquiriu, inclusive, uma identidade e uma personalidade muito próprias. Quem assiste a jogos na Arquibancada Sol do Estádio Almeidão sabe exatamente onde encontrar a TJB e conhece de longe seus cantos e seus bandeirões.

A TJB apresentava, em 2019, duas fontes renda, conforme descreve Carvalho (2019). A primeira delas é a venda de produtos oficiais da torcida e a segunda é a cota dos ingressos que a diretoria do clube repassa para a torcida. O dinheiro é usado para custear viagens com o clube e "também para pagar eventuais prejuízos provocados durante as viagens", como problemas em ônibus.

Devido ao tamanho da torcida, a TJB se divide por zonas da cidade, onde moram os torcedores. Dessa forma, fica mais fácil a organização. Os blocos são chamados de bonde, são

eles: TJB BDI (Bairro das Indústrias), TJB Mandacaru, TJB Mangabeira, TJB Tibiri, TJB Zona Leste, TJB Zona Sul, TJB Zona Norte, etc. No estádio, no entanto, todos estão juntos.

A torcida tem, em sua maioria, homens, mas também apresenta o seu grupo de mulheres. Sem uma diretoria mista, a TJB tem o Bonde Feminino. Na época desta pesquisa, 2019 e início de 2020, o Bonde tinha uma única diretora, Maria Jessy Nunes da Silva, conhecida como Lalinha, mas era composto por cerca de 20 mulheres.

Com uma dinâmica própria e particular, muitos se afastaram da TJB por discordar de alguns rumos tomados pela torcida. Essas separações fizeram surgir a Fúria Independente, que hoje fica ao lado da TJB na arquibancada, cada uma com a sua festa.

3.1.1 A Império Alvinegro 1931 – A Resistência

É depois da criação da Torcida Jovem do Botafogo-PB, em 1997, que várias outras torcidas do time são criadas em João Pessoa, principalmente na Arquibancada Sol, onde a maioria das torcidas se fixavam. Entre elas, está a Império Alvinegro 1931 – A Resistência, que nem sempre teve esse nome. Alguns representantes iniciais da torcida partiram de um núcleo jovem chamado Fogomania, uma das torcidas que se formou após a Jovem e que também ocupou o "Sol". A Fogomania era mais um grupo de amigos que se reunia na arquibancada do que uma torcida organizada, mas acabou sendo o membro formador da Império.

A Império foi fundada no dia 18 de junho de 2004, nos trâmites legais de cartório, por cinco amigos. O desejo partiu deles, quando perceberam que faltava algo a mais, uma energia maior, na Arquibancada Sombra do Almeidão. Nessa época, a Sombra era representada mais por pais de famílias, avôs, pessoas mais velhas, que costumavam, inclusive, assistir aos jogos sentados, o que hoje, no Almeidão, é algo raro de se ver. Uma arquibancada tão próxima dos bancos de reserva dos times não poderia ser tão silenciosa. Foi o pensamento dos meninos. Essa história, no entanto, é contada, a partir de agora, pelo jornalista e um dos primeiros a entrar na torcida, Amauri Aquino, mas não integrante do grupo fundador. Na época, o Botafogo-PB não tinha calendário para seguir no segundo semestre, portanto, as atividades da torcida só começaram no ano de 2005. A torcida nasceu com o nome Torcida Organizada Império Alvinegro (Toian). A partida de estreia, já uniformizada, foi no Campeonato Paraibano de 2005, contra o time da Perilima, com cerca de sete componentes. Amauri, junto com outros amigos, entre eles Kléber Marques – que vai ter importante história na torcida – ingressaram na quarta ou quinta rodada do Campeonato, quando deixaram a Fogomania para fazer barulho na Arquibancada Sombra.

Kléber Marques, conforme relata Carvalho (2018), foi um dos maiores amantes da Império. Era vascaíno, mas descobriu o Botafogo-PB em 1997, ano de surgimento da TJB. Desde então, passou a frequentar o Estádio Almeidão. Ele passou pelas principais torcidas do Botafogo-PB e começou na TJB, em 1998, deixando-a em 2002, devido aos conflitos que foram registrados internamente entre torcidas do mesmo clube e entre torcidas rivais de outros times. Foi quando migrou para a Fogomania e, em 2005, no início do Campeonato Paraibano, saiu do Sol para ocupar a Sombra junto com a Império. Kléber é lembrado por todos como um grande incentivador da torcida. Nos primeiros dias de 2020, Kléber Marques faleceu precocemente. Estava doente, mas escondeu de muitos. Poucos sabiam da gravidade. Para os torcedores da Império, Kléber mudou a forma de torcer no Almeidão – por isso a sua importância para a torcida. Contam que ele era a voz da Império. Era quem instigava a todos, puxava não apenas a responsabilidade para si, mas também a força dos cantos.

Apesar de ter poucos integrantes, a Império, no seu início, junto com Kléber, por exemplo, já era muito organizada. Amauri relata que todos cuidavam da torcida e dos integrantes como uma família, havia regras e funções para cada um deles. Era democrática, com eleições e estatuto. No entanto, no início, pouca renda. A organização nunca foi um problema, principalmente porque no começo apenas um núcleo de amigos fazia parte da torcida. Entre 2012 e 2013, o número de integrantes era o que julgavam ideal para o andamento do grupo, entre 45 e 60, conforme Amauri. Tudo caminhou bem para a Império no quesito organização. E foi nesse período que a torcida passou a se chamar Império Alvinegro 1931 – A Resistência. O ano 1931 faz menção ao surgimento do clube do Botafogo-PB e “A Resistência” tem ligação com a história do clube, mas também com a história da torcida, que precisou resistir para permanecer, tendo em vista que o espaço da Sombra não estava acostumado com as torcidas organizadas.

Nesse momento (entre 2012 e 2013), a torcida passa a não apenas ter camisas padronizadas, mas também outros materiais, como bermudas, bonés, que, inclusive, eram comercializados. Com o dinheiro arrecadado, a torcida conseguia investir melhor em faixas, bandeiras e também instrumentos musicais usados para embalar as músicas da torcida.

Os materiais usados pela torcida não são baratos. Carvalho (2018) explica que, em 2012, por exemplo, um bandeirão custava R$ 6 mil. Uma faixa que representa a torcida em todos os jogos no alambrado do Almeidão custou R$ 3 mil. A conquista desses materiais foi fundamental, assim como dos instrumentos, porque foram as músicas que fizeram a Império crescer ainda mais. Toda essa organização, portanto, parecia uma preparação para o ano de

2013, quando o Botafogo-PB voltou a ser campeão paraibano após dez anos sem ganhar. Além disso, também foi campeão brasileiro da Série D, levando o clube para a Série C do campeonato.

A partir de agora, quem narra essa história é o atual presidente da Império Alvinegro, Thiago Fernandes. Ele entrou na torcida em 2013, mas só se tornou presidente em 2017. O objetivo da torcida continua o mesmo de quando ela nasceu: apoiar o Botafogo-PB, onde quer que ele esteja, independente também da situação que enfrente em relação ao futebol. Mas a Império também pensa em crescer enquanto torcida e ajudar o clube também a se desenvolver. "Primeiro o clube, depois o clube, depois a torcida", é como Thiago explica pra mim o trabalho da Império. Como qualquer torcida, a sintonia acontece de acordo com o momento do time. Quando o time vai bem nas competições, a torcida se agita mais. Quando começa a perder e apresentar mau desempenho, a torcida também sente essa queda.

Por isso, o ano de 2013 foi tão marcante para os torcedores do Belo. Para a Império, inclusive, foi um divisor de águas. Neste ano, a torcida criou uma comissão – não era ainda uma diretoria – que passou a organizar as festas na arquibancada, as caravanas e tudo que compõe o calendário de uma torcida organizada. Inclusive, nesse momento, mulheres já ocupavam esse espaço de decisão dentro da Império com a presença de Caroline Braz e Joseane Flora, que participam de todas as discussões da comissão, desde questões financeiras a decisões relacionadas a viagens, banda, uniformes, etc.

No entanto, nem tudo sempre vai bem para uma torcida. A Império Alvinegro passou por dois momentos complicados de 2013 até 2020. O primeiro foi em 2015, quando o Botafogo-PB não estava bem nos campeonatos e a torcida também caiu de rendimento. No entanto, conseguiram reverter. Mas a pior situação, que ainda é sentida pelos torcedores da Império, foi a morte do ex-presidente Kléber Marques, em 2020, citada anteriormente. "Referência não só para a Império, mas para a torcida em geral do Botafogo-PB. Foi e está sendo ainda bem difícil", relatou Thiago para mim.

Hoje a Império é composta por uma diretoria que contém onze pessoas, sendo cinco mulheres – Caroline Braz, Gabriela Fernandes, Nelisa Soresine, Joseane Flora e Marília Ferreira. Oficialmente, a torcida tem cerca de 100 pessoas cadastradas e ativas. No entanto, em jogos maiores e importantes, o número de torcedores na arquibancada junto com a Império aumenta consideravelmente. Mais à frente irei discutir mais detidamente sobre a presença das mulheres nas duas torcidas. No entanto, para chegar até esse ponto, é necessário contextualizar a história das torcidas, constituída principalmente por homens, para que essa trajetória seja melhor registrada. É preciso enfatizar, por sua vez, que eles interlocutores/personagens não são

foco desta pesquisa, mas surgem como objetos de contextualização para pensarmos a presença feminina nas arquibancadas.

3.1.2 Estádio Almeidão: a casa de todos?

Quando entramos na arquibancada de um estádio de futebol, repleta de torcidas organizadas e trazemos essa vivência para a academia, algumas questões precisam ser problematizadas. Originalmente, o Estádio Almeidão[21] tem capacidade para 45 mil pessoas, mas o seu maior público foi em 1998 em um jogo entre Botafogo-PB e Campinense, quando o local acomodou pouco mais de 44 mil pessoas. Isso significa que a diversidade encontrada no local pode ser enorme e que, além das torcidas organizadas, outros tipos de torcedores também frequentam o estádio. Um dos focos desta pesquisa são as mulheres diretoras de torcida organizada e, a partir do momento que estão inseridas na arquibancada, não fazem parte apenas de uma única torcida organizada, mas integram toda uma torcida, grande e diversa, de um time de futebol. Dessa forma, o preconceito vem de dentro e de fora da "organizada". Ele está em todas as classes e gêneros. Para entender melhor como se dá essa confluência de elações, discutimos um pouco sobre sociabilidade, sociação e conflito.

O que pretendo nesta pesquisa é seguir para o que diz González (2007, p. 13) sobre o estudo de "práticas corporais em contextos de lazer", atribuindo ao caso do exercício de uma torcida organizada. Aqui, no entanto, fazemos a discussão a partir da ótica de mulheres à frente de suas diretorias. É importante, portanto, compreender, de início, a noção de sociabilidade, já que o futebol tem essa dimensão social. O termo é um dos mais usados no campo das ciências sociais, por isso, apresenta conceituações diversas. Para Gurvicht, segundo González (2007), sociabilidade pode ser compreendida como as maneiras que as pessoas estão vinculadas ao todo e, ao mesmo tempo, como se manifestam, como se combinam ou se combatem dentro de um grupo. A partir disso, ele estuda que cada grupo, dentro da sua sociabilidade, representa um macro ou microcosmo dentro do que é a sociedade em geral com suas manifestações de sociabilidades. E é isso que forma uma torcida, ou melhor, é desse modo que podemos enxergar uma torcida dentro de uma sociedade, com seu exercício de sociabilidade.

Gosto, no entanto, e acho que cabe de forma mais concreta ao futebol, da noção de sociabilidade aplicada pelo sociólogo Georg Simmel (1983, p. 166), que define sociabilidade como a forma lúdica da sociação, isto é, a interação tem mais relevância quando faz relação ao

[21] Inaugurado em 9 de março de 1975, o Almeidão é a casa do Botafogo-PB.

seu conteúdo. A sociação, portanto, “é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses”. Portanto, para o autor, a sociabilidade seria essa interação que existe e que é necessário - no ponto de vista dele - para que a sociedade seja capaz também de existir. É estar com o outro, para um outro ou até contra um outro. O que é a torcida, se não essa mistura entre amizades, doações e rivalidades?

Na sociação que Simmel (1983) chama de especial nada mais é que a sua forma lúdica. Nesse momento de interação, a única coisa que importa aos atores sociais é o momento do encontro. Existe uma motivação e um interesse pelo encontro. Para alcançar essa forma lúdica da sociação, que para Simmel é a sociabilidade, as pessoas precisam se desfazer de expectativas, pretensões e objetivos no momento da interação. O encontro é o que importa de fato. O lúdico, para o autor, é tão fundamental para a sociabilidade, que pode ser visto como uma fuga da realidade. O futebol pode vir a explicar também essa questão, a partir do momento em que é tido, para muitos, com uma espécie de alienação ou de relação específica sobre determinado tema. Fugindo da realidade e tendo o jogo como encontro, o que se espera em uma arquibancada para uma torcida organizada é o encontro e o foco do grupo está nessa questão. É claro que o objetivo também é mover o time a vencer a partida, mas sem o encontro, esse movimento não existe.

Na sociabilidade de Simmel, para que não haja conflito, é importante se reconhecer no outro. O conflito, aqui, ainda conforme Simmel, é importante destacar, é entendido por transformar grupos de interesse, modificar organizações. Para que haja conflito, é necessário que haja, portanto, a presença de um outro indivíduo. Ao mesmo tempo, o conflito também pode ser entendido como uma forma de sociação, a partir do momento que se tenta buscar “uma maneira de conseguir algum tipo de unidade, mesmo que seja através da aniquilação de uma das partes em litígio" (2011, p. 568). O que quero dizer é que o conflito tratado por Simmel impulsiona o interesse e a motivação das pessoas. É um aspecto sociável, digamos assim. O conflito pode, inclusive, desenvolver a sociabilidade, mas a partir do momento em que os conflitos forem negociáveis.

Em torcidas organizadas, esse assunto é bastante complexo. Quando falamos em Botafogo-PB ou, generalizando até, em futebol da Paraíba, as torcidas se comportam de uma forma diferente. São grupos que torcem pelo mesmo clube, mas ao mesmo tempo apresentam alguma rivalidade entre elas. Embora atinjam, nos seus espaços, seus níveis de sociação e sociabilidade entre si, quando são analisadas em conjunto, o conflito não consegue ser visto como uma forma de desenvolvimento da sociabilidade entre as duas, porque não são, na maioria

das vezes, negociáveis. É o que acontece, também, com as chamadas “torcidas rivais”. O conflito entre as duas torcidas nega que possa existir uma unidade entre elas. É preciso entender, no entanto, que se trata de diferenças estruturais, culturais e também de tensões que são, de certa forma, históricas - questões que também precisam ser levadas em consideração. Todas essas discussões estão intimamente ligadas ao que é o Estádio Almeidão e a sua dinâmica, a como os conflitos, diferenças e estrutura social interferem nas relações sociais existentes no local.

3.2 Sombra feminista

Chegar até as meninas que fazem parte da torcida Império Alvinegro não foi difícil. Como eu já tinha amizade com a primeira mulher diretora da torcida, Caroline Braz, unir as outras foi mais fácil. O que precisei foi mais uma vez acionar a minha rede de contatos, porque mesmo tendo um contato prévio com alguém de dentro da torcida, era importante falar com cada uma individualmente para podermos marcar um encontro em grupo pessoalmente – no momento inicial da pesquisa, a pandemia do novo coronavírus ainda não havia eclodido no país. Foi o que aconteceu. Nos encontramos na casa de Gabriela Fernandes, uma das diretoras, no dia 18 de dezembro de 2019, em uma conversa que rendeu mais de três horas. Foi um momento para me aproximar mais das meninas, já que foi um encontro informal, e passar a confiança que eu precisava para seguir junto com elas dentro da torcida em cada jogo do Botafogo-PB.

Dentro da arquibancada como zona de conforto, como falei anteriormente, a Sombra é o meu lugar mais familiar. Não posso dizer que foi onde assisti mais jogos, porque o Sol também já foi muito frequentado por mim antes da pesquisa começar, principalmente por ser mais acessível financeiramente. Mas foi na Sombra do Estádio José Américo de Almeida Filho, o Almeidão, onde comecei a vivenciar o futebol da Paraíba. Desse lado mais elitizado e com pessoas em certas posições de privilégio - claro que não todas, mas grande parte, principalmente pelo custo do ingresso, tive o primeiro contato com a temática do feminismo, ocupação dos espaços pelas mulheres, empoderamento e gênero. Com experiências reais e teorias. As mulheres da diretoria estudam bastante sobre o tema. Com isso, nosso relacionamento se tornou muito mais íntimo. Além de assistir aos jogos junto com elas, interagíamos como mulheres que se tornaram amigas. Então passei a ajudar a torcida. Chegava no estádio e ficava junto com elas na concentração. Passei pelo dia internacional da mulher dentro do estádio, com as meninas da Império Alvinegro, ajudando na campanha que realizaram por meio do grupo Alvinegras,

formado por mulheres de torcidas diversas com o objetivo de garantir uma maior discussão sobre feminismo, resistência e empoderamento no estádio. A campanha tinha o objetivo conscientizar os torcedores sobre assédio tanto no lado da Sombra quando no lado do Sol. A maior dificuldade talvez tenha sido justamente me desvencilhar do meu eu parecido com elas para observar além do que estava a minha frente. Quando a gente vê o que já é conhecido, a dificuldade em perceber o diferente é maior. Mas pude enxergar falhas, problemas e noções de feminismo além da arquibancada que esbarravam em um contexto liberal.

Na minha convivência com as diretoras da Império, eu era a Dani Fechine que muita gente já conhecia, portanto, fui aceita mais facilmente e consegui me inserir no contexto da torcida de modo quase invisível: era como se eu já fosse parte. Quando chegava aos jogos, ficava com a torcida em frente à entrada de sócios, onde todos da torcida se concentravam para reunir os instrumentos para os cantos e onde também se confraternizavam com som alto e cerveja. Dediquei-me mais a observar do que a participar, nesses momentos iniciais. Mas todas já me tratavam muito bem, embora sem muita intimidade – com exceção das meninas da diretoria, que já apresentavam em relação a mim uma proximidade mais íntima e um tratamento espontâneo. Embora estivesse em um ambiente mais semelhante ao meu, socialmente falando, muitas vezes me encontrava dispersa. O clima da torcida organizada ainda me causava estranhamentos no início, mesmo sendo a Império Alvinegro a minha primeira experiência. Muitas vezes, o jogo deixa de ser a atração principal daquele momento e a torcida passa a se concentrar em torcer, organizando os cantos e os batuques. Por isso, muitas vezes, encontrei-me dispersa em relação ao grupo, por estar muito focada no jogo em campo. Quando percebia, logo voltava a me concentrar na pesquisa. Aos poucos, fui conseguindo lidar com os dois "eventos", dentro e fora de campo, para aproveitar as informações que aquela interação poderia me trazer.

3.3 Sol empoderado

Meu primeiro contato com as meninas do Sol foi com a ajuda das torcedoras da Sombra. Uma delas me passou o contato de uma torcedora da Fúria Independente, que não fazia parte da diretoria, mas, de acordo com a torcedora da Império Alvinegro (Sombra) ela tinha uma visão empoderada sobre ocupação de espaços por mulheres em ambientes marcadamente masculinos. Conversamos e marcamos de nos encontrar poucos dias depois, dia de jogo, quando aconteceria uma reunião entre as mulheres das torcidas Fúria Independente e Torcida Jovem do Botafogo (TJB). A ideia da reunião era fazer com que elas não entrassem em conflitos quando

os homens se enfrentavam em brigas que não diziam respeito ao jogo. Elas queriam união e a reunião aconteceu para apaziguar a situação e mostrar que elas estavam do mesmo lado: além do Sol, estavam também na luta pela presença respeitada da mulher no estádio e na torcida pelo Botafogo-PB. Foi uma experiência importante para o início, porque me fez conhecer, ainda que só visualmente, as torcedoras do lado Sol. Eu era uma mulher branca, em meio a várias mulheres negras, de vários bairros periféricos de João Pessoa e que se vestiam também diferente de mim. Havia um recorte de classe e de cor que se entrecortavam com as várias possibilidades de se pensar feminismos.

É preciso dizer, antes de tudo, que a dificuldade de comunicação com as meninas do Sol sempre foi muito maior. Conversei com três: Naialy, a torcedora que não era diretora, Viviane, então diretora da Fúria Feminina, e Maria Jessy (conhecida como Lalinha), então diretora do Bonde Feminino da TJB. As três, durante um período de aproximadamente dois meses, trocaram de número de celular, o que dificultou o meu acesso a elas. Naialy sempre foi a minha semente entre as outras torcedoras. Através dela, consegui chegar em Viviane, conhecida como Vivi, e para que nos encontrássemos eu fui até a sua casa, no município de Cabedelo, vizinho a João Pessoa. Conversamos por horas. No entanto, passamos a encontrar dificuldades em nos ver durante os jogos porque ela não estava presente em muitos deles e porque a própria torcida Fúria Independente - por estar sofrendo uma punição do Ministério Público da Paraíba (MPPB) devido a brigas com a TJB, também punida - já não estava tão estimulada a estar presente nas arquibancadas.

É importante ressaltar ainda que sempre que estive no Sol procurei me vestir de forma diferente, para não chamar muita atenção e me misturar um pouco mais com as mulheres que ali estavam. Eu vestia sempre a camisa do time - quando na Sombra, algumas vezes, eu vestia camisas de movimentos antifascistas - short jeans simples ou uma legging. Queria demonstrar uma pessoa que, de fato, eu sou: simples. Muitas vezes, prendia o cabelo, para não ficar mexendo muito e deixar muito à vista que eu era uma mulher loira, diferente da maioria delas.

O primeiro jogo que acompanhei com as meninas do Sol, no dia 15 de março de 2020, foi o último do campeonato paraibano de futebol que aconteceu antes do isolamento social ser decretado na Paraíba e todos os campeonatos serem suspensos. Neste dia, não encontrei ninguém da Fúria Independente, que seria a minha torcida a ser pesquisada, e Vivi, por problemas pessoais, também não esteve presente. Para não perder o dia de campo e também com receio de que a Fúria deixasse de ser meu objeto, eu busquei pela diretora do Bonde Feminino da TJB, que estava na arquibancada e, naquele momento, decidi que a história das duas seria importante para este trabalho. Após o primeiro tempo do jogo, me aproximei da TJB,

encontrei Lalinha, que já havia sido apresentada a mim no dia da reunião entre as torcidas, e conversamos um pouco durante o intervalo do jogo. Também muito solícita, me deixou seu contato e fizemos uma entrevista estruturada via WhatsApp, por onde mantivemos contato por alguns meses, sempre que eu precisava de uma nova informação.

Importante ressaltar que a discussão feminista e de gênero também existe no Sol, mas com motivos e causas diferentes da Sombra. A percepção do Sol é mais pela privação que alguns torcedores impõem na torcida ou por situações que aconteceram em suas vidas pessoais. É nesse momento que a discussão de classe e raça no feminismo precisa ser mais discutido. Em ambos os casos, são mulheres fortes e guerreiras, que conheceram a luta feminista dentro da sua própria luta pessoal.

3.4 Fragmentos de Histórias de vidas

As histórias de vida das mulheres que frequentam o Estádio Almeidão são diversas. Variadas em suas experiências e também em suas origens. O recorte neste momento são as diretoras das torcidas organizadas que no momento da pesquisa de campo estavam no cargo. As histórias se cruzam de alguma forma, no entanto, um campo de futebol separa as trajetórias: a vida das mulheres da Arquibancada Sol passa por um caminho mais pedregoso. São histórias que permeiam dificuldades e lutas mais constantes. Na Arquibancada Sombra é possível dizer que há privilégios permeados nas trajetórias de vida.

Lalinha tem 22 anos, é uma mulher negra e está na Torcida Jovem do Botafogo-PB há nove anos. Estudou até o ensino médio e tem um filho de quatro anos que sofre de problemas pulmonares. Lalinha está em todos os jogos do Botafogo-PB e lutou para conquistar seu local de representatividade na arquibancada. Até 2020 ela era diretora do Bonde Feminino da TJB, que tinha, em média, 20 mulheres.

No começo, frequentava os jogos escondida, sem avisar aos pais. Começou quando jogava futsal e uma amiga a convidou para assistir a um jogo no Almeidão. Depois, começou a frequentar os jogos com o irmão e a irmã, já que não podia ir sozinha. Por volta dos seus 15 anos, começou a avisar aos pais que iria para o estádio. Engravidou, teve um filho e não deixou a torcida de lado. Pelo contrário, foi tão acolhida pela torcida que a mãe começou a aceitar melhor a ideia de ter uma filha dentro de uma torcida organizada. Segundo Lalinha, todo o problema familiar estava revestido de preconceito. Isso porque as torcidas organizadas ainda são muito destacadas como socialmente perigosas. São descredibilizadas e caracterizadas pela

violência. Não é possível generalizar, mas ainda há confrontos que envolvem as torcidas. No Botafogo-PB, inclusive, há, algumas vezes, confrontos envolvendo torcidas do mesmo time.

O envolvimento com o futebol é de berço. Na infância, assistia a mãe jogar futsal e frequentava campeonatos onde morava. As brincadeiras de criança foram na rua, com bola, jogando futebol quase toda noite. Na escola, sempre presente nos jogos escolares, sempre no futsal. Lalinha não necessariamente escolheu o clube, mas a torcida sim. Queria fazer parte daquele grupo que pulava e cantava durante os jogos. Quando se envolveu, já amava o Botafogo-PB. Ela conta que, a princípio, a intenção era fazer parte daquela "bagunça", mas quando começou a entender a ideologia da torcida, percebeu a sua paixão também pelo time.

A rotina de Lalinha é bem diferente das mulheres que lideram a Império - e mais para frente será possível entender. Desistiu do curso superior para cuidar da saúde do filho, porque não conseguia tempo para os tratamentos médicos. Atualmente não tem emprego fixo, mas de vez em quando consegue algum trabalho. Mora com o filho, a irmã, a mãe e o padrasto, e recebe essa ajuda familiar para criar o filho. Inclusive, em dias de jogos, quando não leva a criança para a arquibancada, é a mãe que cuida do neto.

A criança não foi planejada. Completo descuido, afirma ela. E Lalinha tem certeza que muitas dificuldades que passa estão interligadas a essa "fase adulta precoce". O filho nasceu prematuro e tem broncodisplasia. Quando precisa trabalhar, precisa não apenas encontrar alguém que fique com ele, mas alguém que saiba cuidar dele quando os sintomas começam a aparecer. "Ele se tornou a parte burocrática da minha vida", é como Lalinha descreve.

O pai da criança agiu como muitos homens: abandonou. O aborto paterno é uma realidade e essa é mais uma dificuldade que Lalinha precisa enfrentar. Essa também é mais uma narrativa do sexismo, que delega para as mães a obrigação de cuidar dos filhos e para o pai o sustento do lar – que nem sempre o fazem, porque, é preciso ressaltar, o apoio financeiro nem sempre é o suficiente para sustentar um lar e, mesmo assim, o pagamento da pensão alimentícia também não é uma regra sempre cumprida no país. O patriarcado segue essa equação, mas a realidade é completamente diferente. Somos uma sociedade em que a maioria dos lares, atualmente, são chefiados por mulheres, muitas delas, inclusive, mães-solo. Com quatro anos, o filho de Lalinha recebe pensão do pai, mas cresce com a consciência de que "não tem pai".

Apenas uma mulher da diretoria da Império Alvinegro tem trajetória um pouco semelhante à de Lalinha. Joseane Flora da Silva ou só José. Tem 33 anos, mora com duas filhas e o marido. Trabalha em uma escola da Prefeitura de João Pessoa como auxiliar administrativo e está concluindo um curso superior. Sobre a cor da pele, Joseane tem dúvidas, mas se diz branca. A filha mais velha tem 14 anos e a mais nova 12 anos. Teve a primeira filha aos 19 anos

e morava com os pais. Nunca faltou comida em casa, mas já viveu com o básico para se alimentar e pagar as despesas essenciais. Hoje, a vida está minimamente mais tranquila.

A partir de agora os fragmentos de histórias de vida seguem precisamente a mesma linha e todas as mulheres são diretoras da Império Alvinegro. Cada trajetória com seus problemas, mas com uma capa de privilégios que permeia mulheres de classe média. Ana Caroline Silva Braz, ou Karol, de 25 anos, foi a primeira mulher a entrar na torcida organizada Império Alvinegro. Mora com os pais, é formada em curso superior e trabalhadora autônoma, tem seu próprio negócio. Não tem filhos e começou a trabalhar para receber um "extra", mas hoje divide as contas da casa com os pais. De pele escura, Karol diz não conseguir definir a sua cor. "Se sofri racismo, não foi na minha presença ou não percebi", é como ela declara.

Marília de Mesquita Ferreira tem 30 anos e veio logo depois de Karol na representatividade de mulheres na torcida organizada que faz parte. É formada em Rádio e TV pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e é servidora pública, trabalhando na sua área de atuação. É uma mulher branca, mora com os pais e não tem filhos. "Uma vez, quando eu era muito novinha, meu pai perdeu o emprego e mainha não trabalhava. Teve gente da família que ajudou a gente e a partir disso, mainha começou a trabalhar fora. Depois disso, não tenho de outra dificuldade nesse nível".

Gabriela Fernandes da Costa, de 25 anos, está concluindo o ensino superior. É uma mulher parda que nunca passou por dificuldades financeiras. Recebe uma bolsa-estágio e a utiliza para gastos pessoais. Ela entrou na Império Alvinegro junto com Nelisa Marcelino Silva Soresini, de 23 anos que mora com os pais e também está concluindo a faculdade. Nelissa trabalha, mas não tem filhos. Ela já passou dificuldades financeiras quando o irmão e o pai perderam o emprego e a mãe se tornou a única provedora do lar. Hoje, tudo está mais tranquilo.

As vidas de Lalinha, Karol, Joseane, Marília, Gabi e Nelisa são permeadas pela divisão de classes. Não tão claramente, porque de certa forma as linhas das suas trajetórias se cruzam com características que podem se assimilar. No entanto, há que se considerar que a vida já trilhada por Lalinha ganha forma mais rápido: uma adolescente que tão logo se vê adulta, mãe-solo e com problemas sérios para resolver. Essas diferenças vão se materializar também nos entendimentos sobre machismo e outros preconceitos vivenciados na arquibancada, porque elas recebem essas informações de formas diferentes e também acessam esse conhecimento a partir de acontecimentos variados.

3.5 Mulheres e futebol – machismo, feminismos e discriminação

Nas histórias vividas e contadas por todas as mulheres que fazem parte deste trabalho, há uma unanimidade: todas já sofreram algum tipo de discriminação por serem mulheres. Algumas pude presenciar enquanto observadora participante, mas a maioria foi relatada por elas. Aqui, abordamos como as torcedoras mulheres de torcidas organizadas – integrantes das diretorias – se sentem sendo mulheres em um meio socialmente masculino. Os privilégios surgem aqui mais uma vez. Por terem leituras e uma vivência intelectual mais abrangente, as torcedoras da sombra são mais conscientes do machismo que sofrem e da necessidade de enfrentá-lo com práticas feministas. Mas todas, de alguma forma, já sentiram na pele, em alguma má experiência com os colegas de torcida, o que o machismo é capaz de fazer na sociedade. Embora algumas ainda se perguntem o que é feminismo, a maioria se considera uma mulher feminista.

Para Lalinha, então presidente do Bonde Feminino da TJB, apesar de já ter sofrido discriminação dentro da torcida e por parte de torcidas aliadas, o pior preconceito era dentro de casa. A mãe sempre foi a sua maior referência. A expressão que Lalinha usa é que ela sempre foi "o homem da casa". O uso dessa expressão é historicamente usado por uma manutenção ainda viva do patriarcado, em que os homens são os provedores do lar e as mulheres donas de casa. Hoje, no entanto, os lares brasileiros já sofreram alterações significativas. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Comum (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostrou que entre 2012 e 2019 o número de lares chefiados por mulheres cresceu 47%. Mas esse entendimento é apenas uma consequência de uma série de outras noções patriarcais que são vivenciadas no dia a dia.

Quando começou a fazer parte da TJB e a mãe de Lalinha soube do fato, começou a proibi-la de ir ao estádio, porque, segundo ela, o estádio não era lugar para a filha. Por ser a caçula, Lalinha explica, só poderia sair se fossem com os irmãos. Para resolver a situação, Lalinha levou a mãe para alguns jogos para ela entender o funcionamento da torcida. "Hoje em dia ela aceita mais, mas ainda não apoia 100%", comenta.

Nas conversas sobre futebol, dentro e fora do estádio, o maior preconceito que Lalinha percebe não é pelo fato das mulheres gostarem de futebol, mas sim por entenderem o esporte. Muitas vezes, partindo desse entendimento precipitado, alguns integrantes da TJB impediam que o Bonde Feminino tivesse voz ativa. "Hoje estamos conseguindo mudar isso através de projetos no mundo do futebol e da ocupação de espaços que antes só homens ocupavam dentro da arquibancada".

Na conversa com Lalinha é possível perceber o contraditório. Ao passo que ela afirma que dentro da TJB as mulheres não são tratadas diferentes dos homens, ela também relata que

algumas atitudes a incomodam e que o machismo já foi presente na organizada, mas hoje se configura como algo raro. Além disso, relata que já sofreu com o machismo na arquibancada por várias vezes, inclusive por parte da torcida organizada, principalmente quando haviam viagens para jogos em outras cidades e os diretores não queria permitir que as mulheres também fossem. Outro relato faz menção a participação na bateria da TJB, que muitas vezes era vedada a mulheres. "Eu ouvia que eu não iria aguentar ficar os 90 minutos com o surdo, porque era pesado para mim, que eu ia quebrar as minhas unhas", relata Lalinha.
Diante de tudo isso, Lalinha se considera feminista. Ela considera que o feminismo mudou não apenas o futebol, mas o mundo como um todo. No entanto, ainda é preciso melhorar.

Uma outra coisa também é unanime: a paixão pelo futebol entre as interlocutoras desta pesquisa começou na infância. Algumas vão ao estádio desde criança, outras já nutriam esse amor, mas só na juventude passaram a frequentar os jogos.

Na Império Alvinegro, a história começa com Joseane e Karol, em 2013, quando apenas as duas estavam a frente das decisões da torcida organizada como mulheres. Na Paraíba, é comum que os torcedores usem o rádio para acompanhar os jogos dos times locais, já que raramente há alguma transmissão pela TV. Foi assim que Karol começou a acompanhar o Botafogo-PB, por volta dos 16 anos, e percebeu que o ama quando ouviu o Belo perder para o rival de Campina Grande, o Treze. Começou a fazer parte da torcida ao mesmo tempo em que participou da primeira viagem com a Império. Já Joseane, que entrou na diretoria na mesma época que Karol, começou a ir sozinha aos jogos do Belo no Estádio Leonardo da Silveira, conhecido como Estádio da Graça, no bairro de Cruz das Armas, em João Pessoa. Ela conta que era uma espécie de necessidade. Se não fosse, era como se algo estivesse faltando no seu dia.

Contar o início das meninas na diretoria da Império é citar novamente a presença de Kleber. Pelo que todas contam, ele contribuiu bastante para que a relação entre homens e mulheres dentro da torcida fosse baseada no respeito. Foi ele quem incentivou a presença de Josene e Karol à frente das decisões da Império - inclusive, quando ainda nem havia diretoria oficial. Mas, mesmo com essa confiança, Karol ainda sentia dificuldade em algumas questões. Uma delas era a compra de material para as camisas da torcida. O fornecedor se recusava a se comunicar com ela e, mesmo com várias tentativas de Karol, ele se dirigia apenas a Kleber ou a outros diretores. Em mais de sete anos de diretoria, Karol já foi responsável pelo material da torcida, pelas finanças, e participou de todas as decisões internas.

A maior parte do problema das diretoras da Império é com o restante dos torcedores que também compõem a Arquibancada Sombra. Karol já foi assediada, teve o braço puxado por um

torcedor, e já escutou frases machistas quando fazia uma campanha contra o estupro em um dos jogos do clube.

Assim como outras diretoras, Karol não considera a Império uma torcida machista, mas acredita que alguns membros ainda agem com base em uma estrutura machista. Segundo ela, esses são os que divergem do real objetivo da torcida e, coincidentemente, também costumam abandonar a torcida mais rapidamente.

Marília Ferreira chegou logo depois para se juntar a Karol e Joseane. Torce para o Botafogo-PB desde criança, quando também já frequentava o estádio para assistir aos jogos. Com o tempo, passou a ir sozinha. Apaixonou-se pela vibração da torcida ao gritar na hora do gol e isso a instigou a fazer parte da organizada, também com incentivo de Kléber. Tanto ela como Joseane falam que, se há desrespeito dos homens da Império com as mulheres dessa torcida, é quando elas não estão presentes. Até agora, dizem nunca ter presenciado algo que possam julgar como desrespeito. Marília é mais "ingênua" em relação às outras meninas no sentido de não perceber algumas ofensas. Acredita que vive em uma bolha social e, por isso, não percebe alguns desrespeitos. Mas conta que já foi criticada por um homem ao chamar palavrão durante um jogo.

Na linha do tempo, Gabriela e Nelisa entram na torcida em busca de companhia para assistir aos jogos e pela paixão pela arquibancada. Juntas, em 2018, foram convidadas para integrarem a diretoria. Também não lembram de algum desrespeito dentro da torcida e as duas acreditam que o fato de a diretoria já ser, há algum tempo, composta também por mulheres, esse respeito se enraizou de alguma forma.

Nelisa, no entanto, não consegue afirmar que não existe preconceito dentro da Império. "Acredito que o desrespeito esteja em não aceitarem que somos iguais e podemos o mesmo que eles", explica. Ela e Gabi se incomodam mais com a dificuldade de ser mulher e gostar de futebol.

> Certamente o preconceito atrapalha muito porque ele traz um monte de coisa junto, né? O medo de estar num lugar totalmente hostil e nada convidativo foi o que mais atrapalhou no começo. Hoje o que é difícil é ser taxada como uma mulher que gosta de futebol, como se fosse a única coisa que eu entendesse, sabe? Algumas pessoas olham como fútil, como se impedisse de ser inteligente, ou elegante, ou sei lá. Como se eu deixasse toda a minha feminilidade de lado por gostar de futebol. Eu acho que isso não é um bem um impasse, mas é um saco. Eu lutei bastante pra ser aceita assim, mas não é só isso, dá pra entender a ligação pelo o que eu vivo, mas ninguém fala “ah, aquele homem gosta de futebol”. (Nelisa, fevereiro, 2020).

No **Quadro 1** podemos ver a definição de machismo e feminismo por parte de cada diretora das torcidas organizadas aqui estudadas. A ideia é, a partir dos conceitos, discutir a discriminação de gênero nas arquibancadas pela ótica das torcedoras. As informações foram coletadas durante entrevistas individuais, mas com as mesmas perguntas sendo direcionadas para cada uma por meio de um questionário padrão.

Quadro 1 - Noções de machismo e feminismo pelas diretoras de torcidas organizadas do Botafogo-PB

Torcedoras	Machismo	Considera a torcida machista?	Feminismo	Se considera feminista?
Lalinha (TJB – Arquibancada Sol)	Eu vejo o machismo como uma opressão masculina em cima de nós mulheres.	Não	Eu entendo que somos nós, mulheres, à procura de igualdade, não ser melhor, nem tão inferior, mas igual. O igual que eu falo não é no gênero masculino, mas nos direitos que eles têm.	Sim
Karoline (Império – Arquibancada Sombra)	É difícil definir essas palavras assim, é mais fácil definir com ações, porque a gente presencia.	Não	O feminismo é a luta para tentar ver se a gente consegue derrubar o patriarcado. É outra coisa difícil de conseguir explicar sem falar de lutas.	Sim
Joseane (Império – Arquibancada Sombra)	Pelo que aprendi é o que homem não aprende que a mulher quer fazer o que ela tem vontade de fazer.	Não	Pelo pouco que entendo, porque não vou atrás, ela [a mulher feminista] defende seu espaço, ela não quer invadir o ambiente masculino que ele acha que é só dele, ela quer mostrar que ela é capaz, que ela tem o mesmo direito que ele. É luta por igualdade.	Sim
Marília (Império – Arquibancada Sombra)	Machismo é quando o homem se acha superior a mulher em qualquer coisa, simplesmente por ser homem, acha que sabe mais, que pode mais ou que só ele pode fazer ou que mulher tem que fazer tal coisa por ser mulher.	Não	Eu acho que tem tantas vertentes. Na minha visão, é que as mulheres podem fazer o que quiserem, e terem os mesmos direitos que os homens para fazer os mesmos direitos que eles. É questão de igualdade, ninguém lhe criticar ou impor nada, nem	Sim

			deixar de fazer algo por ser mulher.	
Gabriela (Império – Arquibancada Sombra)	Opiniões e atitudes que de certa forma diminuem e discriminam/recusam a ideia de igualdade do direito de homens e mulheres.	Não	Feminismo é a condição de igualdade entre homens e mulheres na sociedade. É poder chegar em um estádio e não ser julgada por gostar de futebol, é ter o mesmo espaço que o homem em qualquer âmbito da vida.	Sim
Nelisa (Império – Arquibancada Sombra)	Atitudes discriminatórias contra mulheres. Acredita-se na superioridade masculina e recusa-se a ideia de igualdade de gênero.	Não	Um movimento social que luta por igualdade de gênero, pela ampliação de direitos por meio do empoderamento feminino e que deseja muito derrubar o patriarcado e as normas que ele tenta nos impor.	Sim

Na sociedade que vivemos hoje, pensar o feminismo é pensar em pluralidade, em várias formas de manifestá-lo, mas todas lutam por direito iguais entre os gêneros. Coube ao feminismo, em todos os âmbitos dizer, por exemplo, que não é natural que as mulheres sofram violência, que a mulher é um ser social, construído e desconstruído socialmente e não biologicamente. Essa é uma característica fundamental que faz com que haja uma multiplicidade de feminismos. São mulheres que vão expressar suas pautas que podem ser diferentes, mas que haverá um fio condutor que conectando-as.

Interessante notar que todas elas se afirmam feministas, coisa que não aconteceria com tanta facilidade se isso fosse questionado há 10 anos atrás. Talvez nem teríamos mulheres na organização de torcidas como agora. Se afirmar feminista em 2010 era bem mais vergonhoso, motivo de chacota social. Muita coisa mudou de 10 anos para cá, principalmente por causa da popularização da internet e do consequente acesso mais rápido à informação. A chamada quarta onda feminista, que foi inicialmente apelidada de “feminismo de sofá”, foi fundamental para essa perda do receio de se afirmar feminista e também de entender minimamente a importância do feminismo na vida das mulheres.

Quando observamos as respostas das diretoras das torcidas organizadas do Botafogo-PB conseguimos identificar que há algo em comum entre elas: a luta por direitos. Luta é uma

palavra que se repete, porque também é uma palavra que foi vivida na prática até que o feminismo pudesse ter a força que tem no século XXI.

Para Tiburi (2018, p. 12), podemos definir o feminismo como

> o desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado. Nesse processo de subjugação, incluímos todos os seres cujos corpos são medidos por seu valor de uso: corpos para o trabalho, a procriação, o cuidado e a manutenção da vida, para a produção do prazer alheio, que também compõem a ampla esfera do trabalho na qual está em jogo o que se faz para o outro por necessidade de sobrevivência.

O que parece é que as mulheres torcedoras do Botafogo aqui estudadas sabem pelo que lutam e sabem por qual motivo precisam lutar, mas ainda esbarram na dificuldade de perceber o machismo sintomático. Não podemos deixar, no entanto, de destacar que essa é uma definição subjetiva e que cada uma vai enxergar as práticas machistas sob óticas diferentes com atitudes e variantes diversas. Uma única torcedora, sem que eu perguntasse, durante a resposta sobre o machismo disse: "eu sou machista". A resposta de Joseane, no entanto, não condiz com a sua indicação sobre a Império não ser uma torcida machista. Não podemos falar em uma "entidade" sem lembrar das pessoas que fazem parte dela. O machismo é feito por pessoas. É feito no dia a dia. Na rotina. Nos tropeços do cotidiano. É pelo machismo estar qualificado como uma ação de dominação e opressão que o feminismo entra também nesse mesmo contexto, mas com o objetivo de combatê-lo. Vivemos ainda em uma sociedade de estruturas machistas e patriarcais.

4 APITO FINAL

Tudo começa com a divisão de classes. O capitalismo moldou a forma como elas seriam oprimidas. “Seu movimento fundamental foi separar a produção de pessoas da obtenção de lucro, atribuir o primeiro trabalho às mulheres e subordiná-las ao segundo.” (ARRUZZA, BHATTACHARYA, FRASER, 2019, p. 51). Dessa forma, a sociedade patriarcal foi se moldando com sua característica opressora e limitadora, que indicava às mulheres os cuidados com o lar e aos homens, o trabalho externo. Mas isso nunca as vestiu bem.

No livro “Calibã e a Bruxa”, a autora Silvia Federici vai apontar como a história da caça e execução das bruxas no começo da Era Moderna nada mais era do que uma grande guerra contra as mulheres. A interpretação da autora defende que a caça às bruxas tinha raízes nas transformações sociais que aconteciam na época com o surgimento do capitalismo. Ela esclarece que as relações entre a caça às bruxas (às mulheres) e o desenvolvimento da divisão sexual do trabalho confinou as mulheres ao trabalho reprodutivo. Segundo Federici (2017), a caça às bruxas foi, na verdade, um grande ataque genocida às mulheres com o objetivo de destruir o controle delas sobre elas mesmas, sobre seus corpos, seus trabalhos e seus poderes sexuais e reprodutivos, preparando o terreno para uma maior opressão do regime patriarcal. Foi um instrumento potente de controle das mulheres pelo Estado, regulando a vida familiar, as relações de gênero e de propriedade. Uma grande guerra contra as mulheres que traz suas ramificações até hoje: demonizando-as, degradando-as e destruindo seus poderes sociais. “Foi precisamente nas câmaras de tortura e nas fogueiras onde se forjaram os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade”. (FEDERICI, 2017, p. 334).

As mulheres desta pesquisa são representantes de outras milhares de mulheres que também viraram as costas para o patriarcado e resolveram, de uma forma ou de outra, combater o sexismo – mola propulsora do capitalismo e da sociedade patriarcal. Mulheres que desde crianças se apaixonaram pelo futebol e quiseram fazer daquilo ou um sonho profissional a ser seguido ou um hobby apaixonante nas arquibancadas. Todas encontraram ali um espelho que refletia exatamente as mulheres que queriam ser. Mas o caminho passou a ser marcado por preconceito, falta de investimento e menosprezo.

O *futebol de mulheres* no Brasil ainda é jogo em andamento. Contamos o seu começo e como tem se desenvolvido, mas continua em movimento, a bola continua rolando. Ainda não é possível concluir como o *futebol de mulheres* sobrevive atualmente. Dependendo de qual região do país seja visitada, a realidade pode ser completamente inversa. Na mesma região, inclusive,

é possível encontrar um time que paga salários e outros que nem ajuda de custo é capaz de fornecer.

Nas arquibancadas, o percurso continua. E a luta também, em tempo real. Vivendo em um ambiente muitas vezes hostil, as diretoras de torcidas organizadas da Paraíba buscam, na posição que ocupam, fazer a diferença e propagar a discussão de gênero entre os torcedores do time. É com uma pegada feminista que procuram lidar diariamente com a posição que ocupam. E seguem o entendimento de Hooks (2019, p. 68), sobre alinhar os conhecimentos que produziram no decorrer dos anos com a necessidade de repassá-los para buscar alguma mudança. "A importância do movimento feminista (quando não é cooptado por forças reacionárias, oportunistas) é que ele oferece uma nova plataforma ideológica para o encontro dos sexos, um espaço para crítica, luta e transformação." (HOOKS, 2019, p. 68). Para a autora, é através do movimento feminista que a chamada "guerra dos sexos" pode ter um fim, substituindo relações desumanas e competitivas em reciprocidade e companheirismo.

Complemento que os homens assumindo o seu lugar de escuta o entendimento sobre a luta feminista e o fim do sexismo pode avançar em algum aspecto, ainda mínimo, mas necessário. O jogo, no entanto, não termina empatado. Como disse acima, a bola segue rolando e as mulheres seguem buscando o seu lugar de fala sobre a opressão de gênero e a diferença entre as categorias no esporte. O opressor será sempre beneficiado, independente da sua atitude, por isso a luta é sempre mais dura do lado de quem está perdendo no placar. Ainda não há um interesse eficaz em fazer com que o *futebol de mulheres* seja simplesmente futebol. Para Ribeiro (2019, p. 68), "por mais que as pessoas pertencentes a grupos privilegiados sejam conscientes e combatam arduamente as opressões, elas não deixarão de ser beneficiadas, estruturalmente falando, pelas opressões que infligem a outros grupos." Quem sempre teve autorização para falar, precisa parar para escutar e, aproveitando o lugar de privilégio, também agir para que as novas gerações vivam um futebol menos machista e sexista, com igualdade de gênero e em busca de um jogo que não fique no zero a zero.

5 REFERÊNCIAS

ARRUDA, I. E. de A. A.; REIS, F. P. G. dos. Uma história do futebol feminino brasileiro: superando preconceitos. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, ano 16, n. 163, dezembro de 2011.

ARRUZA, C; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%:** um manifesto. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

AUGÉ, M. **Não lugares:** introdução a uma antropologia da sobremodernidade. 1ª edição francesa. Lisboa: 90 Graus, 2005.

BAECHLER, J. Grupos e Sociabilidade. *In:* BOUDON, R. (Dir.). **Tratado de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1996.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Gallimard, 1967.

BECKER, H. S. **Outsiders:** estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, W. P. I. **O fator Marta na construção e desconstrução da imagem do futebol feminino:** esporte, mídia e gênero. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Vitória, 2010.

CARVALHO, P. C. P. **O Belo e suas torcidas:** um estudo comparativo sobre as formas de pertencimento que cercam o Botafogo da Paraíba. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

CLANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados:** mapas da interculturalidade. Traduçao Luiz Sérgio Henriques. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

COSTA, L. M. da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, ano 2, n. 4, novembro de 2006 a fevereiro de 2007.

DAMATTA, Roberto. Universo do futebol. **Esporte e sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, A. S. **Futebol e identidade social:** uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

DAMO, A. S.; OLIVEN, R. **Megaeventos esportivos no Brasil**: um olhar antropológico. Campinas: Armazém do Ipê, 2014.

DUNNING, Eric; MAGUIRRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. **Revista de Estudos Feministas**, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 2, 1997.

ECOTEN, M. C. F. **A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de torcedoras coloradas.** XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento Histórico e Diálogo Social Natal. Natal, 2013.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000

ENGELS, F. **O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem**. 1. ed. Neue Zeit, 1896.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, ano 14, n. 13. USP, 2005.

FORERO, E. A. S. Cibersocioantropología de comunidades virtuales. **Revista Argentina de Sociología,** ano 5, n., p. 64-89, 2007.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola,1996.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa:** mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In:* GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GONZÁLEZ, F. J. Sociabilidades e práticas corporais: leitura de uma relação. *In:* STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. (org.). **O esporte na cidade**: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HINE, C. **Virtual Ethnography**. London: SAGE Publications, 2000.

HOOKS, B. **Teoria feminista:** da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KESSLER, C. S. **Mais que barbies e ogras:** uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KNIJNIK, Jorge. Gendered barriers to Brazilian female football: 20th century legacies. In: HARGREAVES, Jennifer; ANDERSON, Eric. **Routledge Handbook of Sport, Gender and Sexuality**. New York: Routledge, 2014. p. 121-128.

LERNER, G. **A criação do patriarcado:** história de opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 1999.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. *et al*. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.

MAGNANI, J. G. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, pp. 11-29, 2002.

MAGNANI, J. G. C. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade: proposta de análise e escolha do objeto. *In:* OLIVEIRA, P. S. (org.). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 183-197.

MALUF, S. W. **Antropologia em tempo real:** urgências etnográficas na pandemia. Aula Inaugural no PPGAS/UFAL, por webconferência, maio/2020. Disponível em: https://brasilplural.paginas.ufsc.br/antropologia-na-pandemia/antropologia-em-tempo-real-urgencias-etnograficas-na-pandemia/. Acesso em: 16 jun. 2020.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEDEIROS, M. V. C. **Treze Futebol Clube:** 80 anos de história. João Pessoa: União, 2006.

MENNESSON, C. M. Le gouvernement des corps des footballeuses et boxeuses de haut niveau. **Histoire, femmes et sociétés**, n. 23, 2006.

MORTON, H. Computer-Mediated Communication in Australian Anthropology and Sociology. **Social Analysis Journal of Cultural and Social Practices**, v. 45, n. 1, pp. 3-11, 2001.

MOSE, M. **Virtualities:** Television, Media Art and Cyberculture. Indiana: Indiana University Press, 1998.

RÉGIS, *et. al*. **"Quem será esse senhor José Fuzeira?"**. São Paulo, 2019. Disponível em: https://medium.com/museu-do-futebol/quem-ser%C3%A1-esse-senhor-jos%C3%A9-fuzeira-220218b2254e. Acesso em: 20 mar. 2020.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala.** São Paulo: Pólen, 2019.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes:** mito e realidade. Petrópolis, Vozes, 1976.

SALLES, J.G.C.; SILVA, M.C.P. & COSTA, M.M. Mulher e o futebol: significados históricos. In: VOTRÉ, S.J. (org.). **A Representação Social da Mulher na Educação Física e no Esporte.** Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996.

SCOTT, Joan. Uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SIMMEL, G. O conflito como sociação. (Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury). **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 10, n. 30, pp. 568-573, 2011.

SIMMEL, G. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. *In:* MORAES, E. (org.). **Sociologia**: Simmel. São Paulo: Ática, 1983.

STEVENSON, B. Title IX and the Evolution of High School Sports. **Contemporary Economic Policy**, v. 25, n. 4, p. 486-505, 2007.

STIGGER, M. P. Estudos etnográficos sobe esporte e lazer: pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. *In:* STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. da. (org.). **O esporte na cidade:** estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

TIBURI, M. **Feminismo em comum:** para todas, todes e todos. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TURNER, V. **Dramas, campos e metáforas: ação** simbólica na sociedade humana. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

VELHO, G. Observando o familiar. *In:* NUNES, E. de O. (org.). **A aventura sociológica:** objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-47.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VENSON, A. M.; PEDRO, J. M. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. **História Oral**, v. 15, n. 2, p. 125-139, 2012.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014